

Branco e Negro



ESMOLANDO, quadro de Lion Ferrault

PREÇO 50 RÉIS

N.º 88

JÁ ESTÁ Á VENDA O

ALMANACH

DO

Branco e Negro

PARA

1898

1 Volume, preço 200 réis

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

Valentim Magalhães

A LITTERATURA
BRAZILEIRA

Esboço critico seguido de excerptos documentaes em prosa e verso; formando além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosadores brasileiros contemporaneos.

1 Volume adornado de muitos retratos, brochado, 600 réis; com uma linda encadernação 800 réis.

Livraria de A. M. PEREIRA — Editor

52, RUA AUGUSTA, 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 88

LISBOA, 5 DE DEZEMBRO DE 1897

2.º ANNO

○ ENSAIO INTERROMPIDO



No melhor da festa, quando os quatro tiravam dos instrumentos os mais maviosos sons, n'um ensaio em que punham toda a sua alma, pois era o ultimo e era para o dia seguinte a tão fallada serenata sob a varanda de Julietta, interrompem-os assim abruptamente, sem cerimonia, empurrando apenas a porta que ficára entre-aberta...

E ao vêr as pasmadas caras de uns e os gestos severos dos outros, os dois ficaram boquiabertos, entre portas, não se resolvendo a entrar nem a sahir, indecisos ante a perspectiva de uma descompostura e o desaire de uma retirada vergonhosa...

OS PARLAMENTOS DO MUNDO

(VII)

HOLLANDA

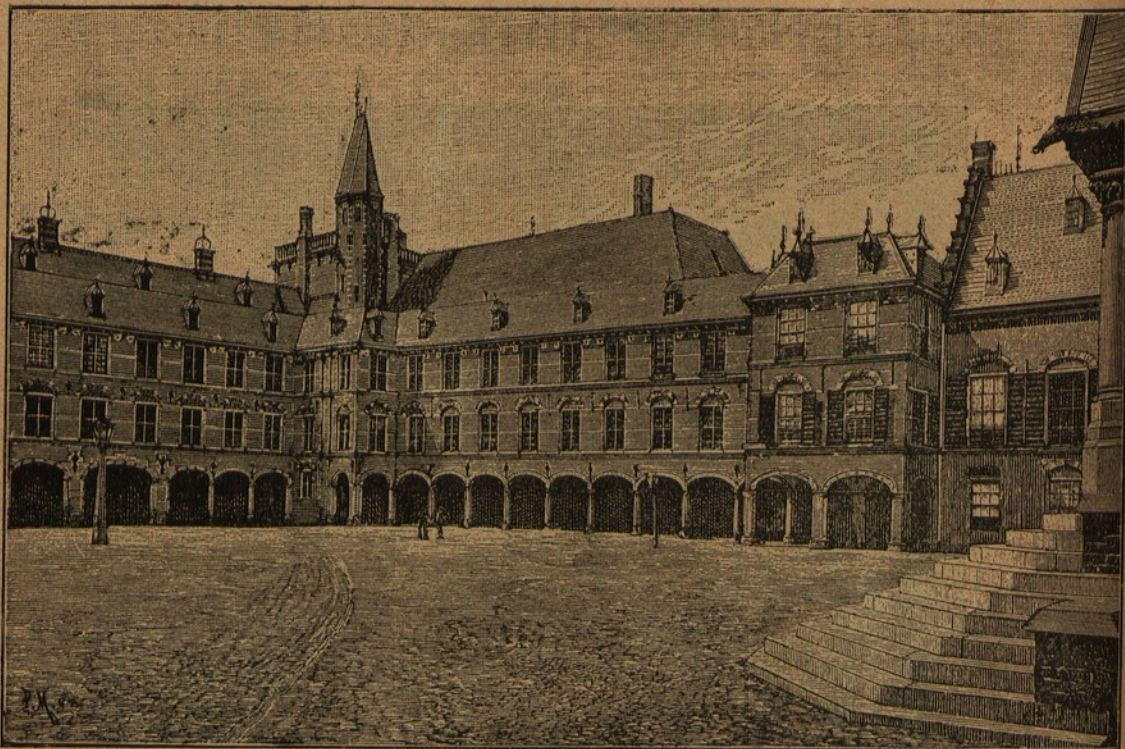
A forma de governo na Hollanda é uma monarchia com Estados geraes (*Staten general*), compostos de duas camaras, uma eleita pelos Estados ou conselhos provinciaes e outra directamente pelos eleitores contribuintes. O soberano tem o direito de *veto* absoluto.

A primeira camara compõe-se de cincoenta individuos, eleitos por nove annos. Recebem uma indemnisação de

Como attribuição especial, tem direito a apresentar uma lista de cinco candidatos, quando ha uma vaga no Supremo Tribunal, e o soberano tem de nomeiar um dos propostos.

Os Estados geraes reúnem-se pelo menos uma vez no anno. A legislatura ordinaria abre na terceira segunda feira de setembro e dura pelo menos vinte dias.

O soberano pôde dissolver simultanea ou separada-



PATEO DO BINNENHOF, na Haya, onde celebram as sessões os Estados Geraes da Hollanda

300 reis por cada hora de distancia, quando não tem o seu domicilio na Haya, e 3400 reis por dia para despezas de residencia, enquanto duram as sessões.

O rei nomeia todos os annos um presidente de entre os membros da camara, e esta divide-se em quatro secções, as quaes nomeiam por sua vez presidente, vicepresidente e secretario; uma secção central, composta do presidente da camara e do secretario, deve marcar a ordem do dia.

A segunda camara compõe-se de cem individuos, nomeados por quatro annos; recebem uma indemnisação annual de 850:000 reis.

O rei nomeia presidente, segundo uma lista de tres candidatos, apresentados pela segunda camara, e este presidente, ajudado por uma commissão de dois membros, exerce a vigilancia. O secretario, eleito fóra da camara, é nomeiado por ella, e tem a seu cargo a direcção da bibliotheca e dos serviços administrativos.

A segunda camara tem o direito de investigação em todos os assumptos, e comparte o de iniciativa com o soberano, podendo emendar os projectos apresentados pelo governo.

A primeira camara não tem a iniciativa das leis; delibera apenas sobre os projectos já votados pela segunda, não podendo fazer mais que approval-os ou reapproval-os na sua totalidade: no caso de serem approvedos, os projectos vão ás mãos do soberano, cuja sanção é necessaria.

mente as duas camaras; n'este caso encerram-se as Côrtes e as novas tem de reunir no praso de dois mezes.

As duas camaras reúnem-se n'uma só assembleia no acto da abertura e quando se trata da deliberação de alguns assumptos graves. As sessões d'aquellas, reunidas ou não, são publicas, mas podem ser secretas a pedido do presidente ou de uma decima parte dos deputados que assistem ás sessões.

São eleitores á segunda camara os hollandezes de 23 annos que estejam no pleno gozo dos seus direitos civis e politicos.

São elegiveis os eleitores de 30 annos de idade.

São elegiveis para a primeira camara os hollandezes eleitores de 30 annos ou mais, á razão de um por cada tres mil habitantes. Para esse effeito forma-se um censo em cada provincia.

*

* *

Os dois palacios em que as duas camaras se reúnem estão situados no antigo Binnenhof, bairro dos *Stadhouders*, e um largo espaço separa os dois edificios.

Exteriormente, a segunda camara não apresenta nada de particular, sendo até o seu aspecto muito insignificante.

O aspecto da primeira camara é mais austero.

COSTUMES PORTUGUEZES



O RAPAZ VENDEDOR DE CEBOLAS, aguarella de Roque Gameiro

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DO PORTO



VITRINE DA CASA EDITORA ANTONIO MARIA PEREIRA

Phases da vida e educação das crianças

(PHOTOGRAPHIAS DE D. ELISA BOBONE)

DEVE ser a bôa fada do lar, transformando a thesoura em varinha de condão para desencantar maravilhas, essa mãe, essa graciosa senhora que, na nossa gravura de pag. 153, volta a cabeça, talvez para escutar a voz da ama acalentando o bebé. Vê-se que ao seu olhar prescrutador nada escapa, e o seu pensamento abrange tudo quanto pôde interessar á felicidade dos que abriga sob a aza protectora. Tem a attitude calma dos seres equilibrados, vivendo na realisação do destino que sonharam.

Quando penso na laboriosa existencia das mulheres a quem as cruas necessidades da vida moderna obrigam a trabalhar, em concorrencia com os homens, por esco-

Como os bebés são adoraveis ! Irmãos das flores prendem com equal encanto. As epidermes tem a finura macia das petalas, os movimentos a graciosa ondulação das hastes, o halito um perfume suave, as vozes são gorgeios, as risadas alegres symphonias.

Nuno e Isabel vão crescendo juntos, tem um anno de differença apenas ; quando elle cingia as primeiras faxes, dava ella já uns passinhos vacillantes, balbuciando indistinctas palavras. As feições são semelhantes, mas a expressão é diversa, como é diverso o character que se vae formando. Ella já sabe sorrir vaidosa para o espelho e elle já se abstrahia a meditar n'algum grave problema



las, ateliers, armazens e escriptorios, n'um atan d'indendencia, que as theorias avançadas do feminismo pre-conisam com ardor, compadeço-me das que são mães, e tem de ver-se obrigadas, não possuindo o auxilio de velha avó, que lhes vigie o lar, a confiar a duras mães extranhas, e a almas mais duras, talvez, ainda os tenros corpos e tenros espiritos dos seus filhos. Penso na anciedade com que ellas desejarão ver passadas as horas de trabalho que as affastam de sua casa, nas inquietações que não-de assaltal-as durante essa ausencia, na saudade dos doces momentos de convivencia intima, que as obrigações exigentes da profissão tornam raros, na afflicção que deve tortural-as quando essas obrigações as prendem longe do berço ou do leito da creança doente, e do desconsolo inevitavel ante as lacunas irremediaveis no conforto domestico, que só poderiam ser preenchidas com a sua constante vigilancia e assidua actividade.

As creanças vivendo longe das mães tem o ar triste d'avesinhas implumes desaninhadas: mas estes adoraveis bebés, que figuram nas gravuras que acompanham este artigo, como nos mostram que sobre elles pouso o doce olhar maternal ! Só vê-los é um prazer, tão alegres, tão gentis ! A vida surge-lhes como risonhas alvoradas, toda luz, cahindo d'um céu azul onde fluctuam nuvensinhas nacaradas. De tristezas e sombras nada percebem, não as entrevisam ainda...

— a razão porque o seu cavallinho de pau, tão bonito e de tão sedosas crinas, não relincha como o fogoso alazão em que monta o papá. A' mesa, em quanto Isabel tagarella alegremente com a creada, deixando esfriar a omelette, Nuno está egoistamente absorvido na analyse soffrega do quinhão que tem no prato. Vivem no conforto elegante dos ricos, uma direcção intelligente presidiu aos cuidados da sua installação, e aquella velhinha de cabellos tão lisos e brancos, que ensina a ler Isabel, e alinhava attentamente bordados ás peçaninhas d'enoval, deve ter na ausencia da mãe carinhos e vigilancias d'avó.

Na rouparia trabalha-se sempre, ora se lava, ora se engomma, Bebés são saudaveis e portanto travessos, não se importam d'arrastar pelo chão os seus vestidos brancos, e, nas horas livres do recreio, como elles se balouçam e saltam, indifferentes aos desastres da sua pequena *toilette*. O enxoval do mais novinho, d'aquélle que, em quanto os irmãos brincam, dorme tranquillamente no seu berço, leva muito tempo a tratar, as creanças pequenitas exigem tão minuciosos cuidados d'aceio...

Como é adoravel esta scena tão intima do levantar da cama, e que gentil o corpinho nú do bebé a quem a ama beija a mãosinha rochunchuda ! As mãos e os pés das creanças pequeninas são uma guloseima de beijos,



nada ha mais graciosamente *mignon*, mais suave ao tacto, mais acariciador. E' n'esses dôces momentos do despertar, n'essa encantadora intimidade das creanças, nas caricias trocadas entre a mãe e o pequenino ser que amamenta, que a mulher encontra talvez as suas unicas horas de completa felicidade.

A pequena gosta de passar as tard'es na casa da costu-

ra, tem ali grandes dialogos com a sua boneca, promete, decerto, que hade fazer-lhe muitos vestidos quando tambem souber cõser, sim que Isabelinha hade um dia saber coser, porque não ? Agrada-lhe muito aquelle ruido da machina de costura trabalhando, e a costureira é uma bõa rapariga, vê-se que gosta de creanças e hade contar-lhe historias. Isabel interroga-a amiudadas vezes





sempre que uma duvida surge a impanar a claresa das suas idéasinhas, a rapariga responde a sorrir e quando a machina pára, em quanto se remata a costura, se caseiam as peças, e se pregam os botões é que tem logar successivas, interminaveis, as historias que se ouvem d'olhos pasmados, e com que depois se sonha de noite,

percorrendo palacios encantados, calçando sapatinhos de princesas.

Desde os primeiros annos da minha vida conheci em casa de meus paes uma costureira, já idosa, tão ingenua como uma creança, que me contou historias d'encherem grossos volumes. Eram contos de fadas d'um maravilho-

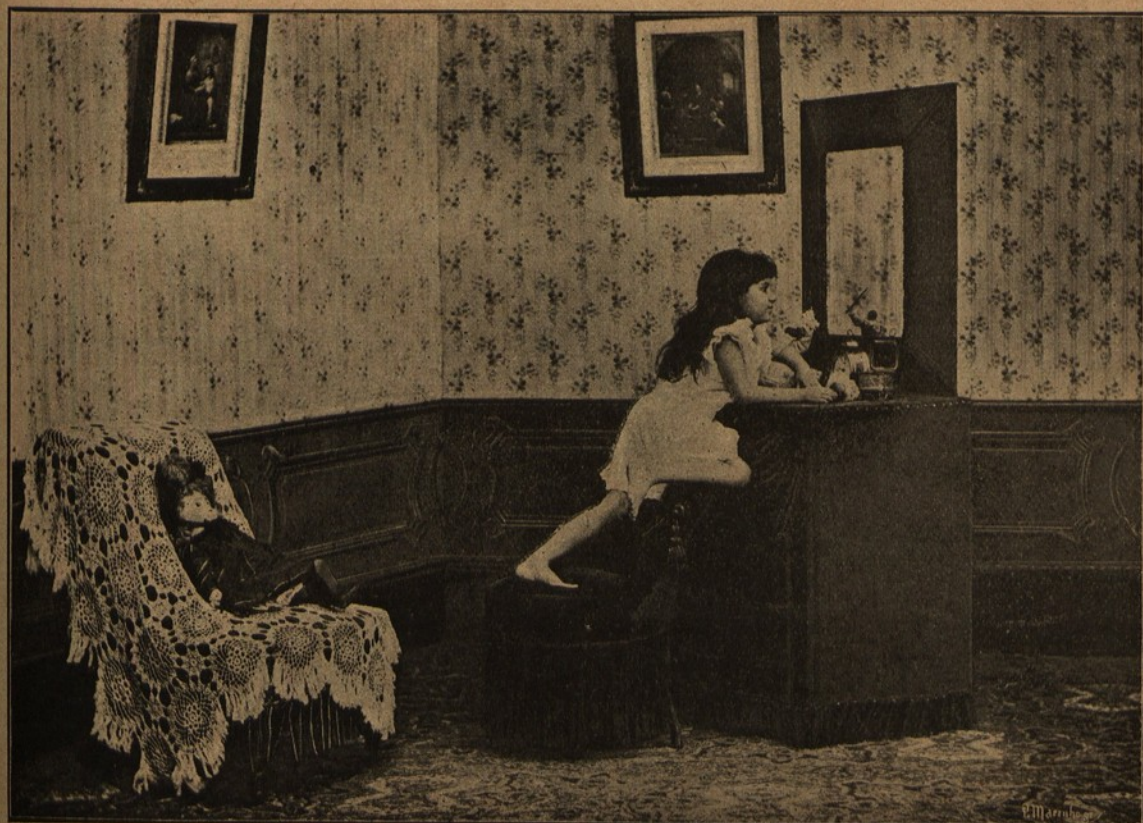




so d'encantar, anedotas fradescas, em que o diabo fazia sempre das suas, dialogos de pretas, arremedados por ella com uma graça, para mim unica, accentuada por inimitaveis gestos felinos.

E depois as historias verdadeiras, que ella sabia tornar tão interessantes, como a narrativa das noites da vespera da procissão do Corpo de Deus, em Lisboa, que

as senhoras passavam assentadas em cadeiras, para não desmancharem o portentoso edificio do penteado que devia fazel-as brilhar, frescas e formosas, quando de manhã cedo apparecessem á janella para ver a procissão. A descripção maravilhosa do cortejo religioso fazia-me desejos de ter sido contemporanea de minha avó. Era um encanto para as raparigas essa noite de festa, passa-





vam-n'a cantando, dançando, comendo bolos, e atirando para a rua *motes* que os *peraltas* glosavam, bem insipidamente às vezes.

Como eu escutava os elogios á figura e actos do sr. D. Miguel de Bragança, que parece ter seduzido a imaginação das mais simples e ingenuas moças do seu tempo, e a enumeração dos sustos e aflições que a entrada das

tropas liberaes em Lisboa causára entre as boas familias legitimistas da capital. Descrevia-me *tertulias*, de que tinha as honras o poeta José Daniel Rodrigues da Costa, e fazia-me interessar por um sem numero de recordações que evocava com eloquencia saudosa dos dias mais prosperos e alegres da mocidade.

— Conte mais, Conceiçãosinha, — e em volta d'ella, eu





e minhas irmãs, cotovellos fincados nos joelhos, a cabeça apoiada nas mãos, olhos attentos, não a deixavamos. Em quanto a sua agulha, cuidadosa, serzia malhas, pasageava, embainhava lençoes ou debruava saias, as historias iam sahindo da sua bocca, tão preciosas para nós como as perolas que cahiam da bocca da juvenil bemfada. A's vezes escondiamos-lhe os oculos, que ella tinha

de reconquistar contando outras historias, — ainda mais bonitas, — ou enfeitavamos-nos com as travessinhas que lhe seguravam o cabelo, e iamos surrateiramente fur-tar-lhe pitadas á caixinha do rapé, desatando n'um côro d'espirros, que conseguiam irrital-a.

— T'arrenego, meninas, que lembrança!

Pobre velhinha, que ficou sendo uma das mais saudo.



sas recordações da minha infancia e da minha primeira mocidade.

São tambem as historias da costureira que, alem do prazer de cortar nos retalhos de fazenda, phantasticas peças de vestuario para o seu polichinello, prendem tanto Isabel á casa da costura; é mais divertida que o recreio, onde apoz a fadiga d'um pequeno exercicio, se aborrece. Ella queria brincar muito, saltar, balouçar-se

de e é exactamente o convivio dos bondosos vegetaes o que lhes falta. Quando, de manhã, depois do banho, a Joaquina lhe está calçando as peuguinhas, Isabel pensa no prazer que sentiria se pudesse, logo em seguida, ir correr entre macissos de verdura, ver fugir as borboletas e ouvir aquelles passarinhos que estão escondidos lá, tão alto, e sabem cantar tão bem. Que grande ramo de flores traria para a mesa do almoço, e é talvez



com o irmão, correr atraz do arco, atirar a pella, mas não era alli, era debaixo d'essas grandes arvores, que se agitam expressivamente quando a aragem passa, e parece chamarem os meninos para o abrigo da sua sombra. Isabel ouviu uma vez um conto em que certo compadre Salgueiro dizia á sua comadre Sabugueiro coisas tão interessantes, que scisma muitas vezes no grande prazer que teria se ouvisse conversar as arvores. Nas occasiões em que tem ido passeiar de carruagem com a mamã, seguindo por alguma extensa alameda, escuta attentamente o rumorejar da folhagem, a ver se lhe surprehende algum segredo.

Se a casa tivesse um jardim muito grande, com arvores, ora cobertas de folhas, ora revestidas de flores, como bebés seriam felizes! Estão um bocadinho palli-

d'esse desejo de flores colhidas pelas suas mãos que ella está falando á Rosa, distrahida a ouvil-a, enquanto o Nunc, mais positivo, só pensa na fatia de carne do seu prato

Como estes bebés são adoraveis e como é justo tornar felizes as creanças, evitando lhes desgostos, cercal-as de cuidados, de mimos, de carinhos para que, ao menos, quando mais tarde essas plantas mimosas se tornarem rijos troncos, batidos por muitas tempestades, a visão luminosa da infancia possa apparecer-lhes toda em risos, a demonstrar que não é mentira a existencia d'uma idade d'ouro, e que essa é a idade feliz dos prazeres innocentes, dos descuidosos folgaes.

MARIA RIBEIRO ARTHUR.

O VIRGENS!

O' virgens que passaes, ao sol poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar...

Cantae-me, n'essa voz omnipotente,
O sol que tomba, aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar!

Cantae, cantae as limpidas cantigas!
Das ruinas do meu lar desatterrae
Todas aquellas illusões antigas

Que eu vi morrer n'um sonho, como um aí...
O' suaves e frescas raparigas;
Adorcei-me n'essa voz... Cantae!

ANTONIO NOBRE.

UMA VISITA DE MEIA CERIMONIA

As nove horas da manhã de um dia de verão, o marido de D. Violante da Cunha encontra no Chiado o esposo de D. Gabriella da Silva, e diz-lhe:

— Estamos envergonhados; ha mais de tres mezes que devemos uma visitinha...

— Não é dever, mas realmente tem sido uma ausencia... Minha mulher ainda hontem me disse: «estará doente a D. Violante?» — Na ausencia assim é que se fala.

— Pois lá em casa temos andado de dia para dia; uma vez é a Mariquinhas que está adoentada, outras vezes a Therezinha com o seu ataque de nervos.

— Que tenha sido por motivo de doença é o que eu sinto.

— Agora está a coisa resolvida para quinta feira.

— Ainda bem, é uma agradavel noticia que levo a Gabriella. Ficamos anciosos.

— Lá em casa todos bons?

— Com uma saude digna de exposição.

— Meus respeitos ás senhoras, e até quinta feira.

— Até quinta feira. Vão cedinho.

— Pela volta das cinco da tarde.

— Muito bem, muito bem; até quinta feira.

Apertam-se as mãos e despedem-se com o sorriso nos labios, traduzindo em ambos a alegria pela visita annunciada.

A's quatro horas da tarde do mesmo dia estão os dois maridos sentados ás respectivas mezas, presidindo ao repasto das familias respectivas.

O de D. Violante diz:

— Encontrei hoje o marido de Gabriella: ia tão em baixo.

— Sim?!

— Uma sobrecasaquinha no fio...

— E naturalmente a camisa encardida.

— Conforme o costume.

— Aquella mulher sempre é uma desmaselada.

— Pois ganha como aquelles que melhor ganham.

— Quando se tem um estafermo d'aquelles em casa, não ha dinheiro que chegue.

— Eu não sabia o que havia de dizer a respeito da falta em que estamos: lá nos desculpei com os nervos da Therezinha, e disse-lhe que na quinta feira sem falta lá iamos.

— Fizeste mal.

— Queria-te vêr no meu logar...

— Olha, eu irei, mas ha-de ser entrada por sahida.

— Faze o que quizeres.

— Fujo de ir áquella casa; parece que morre a gente ali de semsaboria.

As meninas abundam nas mesmas idéas, e até a creada franze os labios n'um sorriso desdenhoso, animada pelas palavras das senhoras.

Ao mesmo tempo o esposo de D. Gabriella, entre a sopa e o cosido, fala assim:

— Encontrei hoje o marido de D. Violante.

— Cada vez mais paspalhão, hein?

— Aquillo é doença que não tem cura.

— Falou-te naturalmente do primo visconde, e da tia baroneza...

— Sempre a coçar o nariz com medo que lhe deixasse de vêr o anel.

— O tal cachucho dos antepassados.

— Sem tirar nem pôr.

— Havia de fechar a «boquinha», para falar da «Mariquinhas» e da «Therezinha»...

— E para me dizer que as senhoras andam envergonhadas por não terem cá vindo.

— Que Deus as demore por lá muito tempo; as saudades não matañ.

— E ainda que matassem, podias tu matal-as na quinta feira.

— Na quinta feira?

— Annunciou-me que as senhoras...

— Que «suas excellencias»...

— Sim que «suas excellencias» tinham resolvido fazer-nos uma visita na quinta feira.

As filhas exclaram:

— Credo!

A creada aventura-se a dizer:

— Como é quinta feira, hão de vir os lobos dos rapazes que devoram um pão grande em fatias.

— Disse-me que vinham ás 5 da tarde.

— Era melhor pespegarem-se aqui ás 2 horas e jantarem tambem.

— Sempre são muito burguezes.

— E com pretensões a fidalgos.

— O tal primo visconde supponho que foi moço do padeiro.

Na manhã do dia marcado começam os preparativos em casa das duas familias. Na de D. Gabriella sacodem-se as cortinas da salla; renovam-se as velas dos castiçoes; varre-se a escada, descamisa-se um sophá novo na saleta; passa-se revista ás chavenas; reforça-se o fornecimento do pão, e as senhoras fazem antes de jantar a sua «toilette» da noite, attendendo a que as visitas terão a imprudencia de se apresentar a uma hora extremamente incommoda.

Em casa de D. Violante anda tudo n'uma azafama indescrriptivel. Faltam os espelhos para as senhoras se pentearem todas ao mesmo tempo. De cabellos cahidos sobre os penteadores, duas meninas a cada espelhinho de palmo e meio, em quanto uma vê o olho direito, vê a outra o olho esquerdo. Os vestidos dependurados nas costas das cadeiras, esperam solemnemente as donas, como as capas bordadas dos padres n'uma sacristia em manhã de missa cantada.

Os pequenos vestem-se depois de jantar, porque ainda não tem cuidado em si, e vão aproveitando o alvoroço das pessoas crescidas para se irem á dispensa sondar os mysterios de uma ceira de figos e devassar o interior de um queijo flamengo chegado n'aquella mesma occasião.

A's cinco horas em ponto bate D. Violante á porta de D. Gabriella. As senhoras entram para a sala e esperam um momento, em quanto a familia engole apressadamente as ultimas peras da sobremeza. Uma tia velha, amiga da sua commodidade, e que não se preparou para o ceremonial da visita, espreita as recém-chegadas pelo buraco d'uma fechadura, e diz para dentro em tom mysterioso:

— São os mesmos vestidinhos do anno passado, e os chapéus tambem me parece que levaram volta.

Na sala a mãe inclina a cabeça para o ouvido de uma das meninas, e diz-lhe baixinho:

— A esteira parece nova.

— Não é mamã; bem se conhece que foi lavada com gengibre.

— Não te lembras que a outra não tinha barra?

— E' verdade, é verdade; se é nova é bem ordinaria.

— Aquellas cortinas estão mesmo a suspirar pela barrela.

— E os castiçaes choram por branco de Hespanh.

— O espelho é que é novo e não parece máo.

Dois minutos depois entram na sala os de casa, e scintilla subitamente a alegria em todos os rostos; animam-se todos ao cruzar das primeiras exclamações.

— Muito bem apparecidas! Muito bem apparecidas! Pensei que se tivssem esquecido de nós. Ha um seculo!

— Não temos senão a pedir desculpa da nossa falta. Bem sei que estavamos em divida; mais de seis vezes temos resolvido cumprir o nosso dever, mas sempre apparece algum acontecimento que nos impede de sahir.

— Soubemos hontem mesmo que a Theresinha esteve doente.

— A doença do costume.

— V. Ex.^a sempre bem?

— Graças a Deus antes assim que peor.

— Pelos meninos não pergunto, estão gordos e crescidos...

— Cada vez mais endiabrados.

A conversação adeja em roda dos assumptos mais insignificantes que acertam cahir no meio d'aquella nora de palavras, e de quando em quando batem n'este mesmo ponto de longa ausencia,

— Nós diziamos: «estarão mal comnosco?»

— Mal porquê, minha senhora?

— Eu sei! A's vezes com a melhor intenção dizemos coisas que desgostam...

— As meninas falavam-me todos os dias de v. ex.^a Esperavamos encontral-as em Cintra.

— Estiveram em Cintra?

— Ha tres semanas.

— Muita concorrência...

— Tudo cheio; foi um milagre acharmos dois quartos no Victor para nós.

Passada uma hora de conversação, as filhas de D. Gabriella mostram os seus ultimos chapéus ás meninas de D. Violante, e os pequenos na saleta, munidos d'um prego retorcido averiguam de que seja o miolo do sophá novo.

Ainda as Ave Marias não tem soado quando D. Violante annuncia a sua retirada por estas palavras:

— Vamos, meninas que são horas.

— Já?!

— Hoje não nos podemos demorar.

— Que penal! Não passam um bocadinho de noite?

— E'-nos impossivel, minha senhora

— Qual impossivel! Tirem os chapéus.

— Se podessemos, com muito gosto.

— Isto é que é perfeitamente visita de medico.

— Havemos de vir passar uma noite inteira.

— D'aqui a seis mezes, não é verdade?

— Não me accuse antes do tempo.

A' porta da escada apertam-se as mãos; sussurram os ultimos beijos da despedida; a conversação entala-se nos assumptosinhos do á «ultima hora», como um vestido de cauda a prender-se nos pregos do sobrado. Parece que as duas familias vão ser indefinidamente separadas pelas aguas do oceano. A despedida enrosca-se; alastra-se; corta-se; aperta-se, até que as visitas descem o primeiro lance e as senhoras de casa correm a abrir as vidraças.

— Muito tolas se tem feito estas raparigas.

— Pois a mãe?

— Já tinha idade de ter juizo.

— Não descansou emquanto não nos disse que tinha ido a Cintra.

As que ficam dizem na janella.

— E a mamã a insistir para que ficassem.

— O que havia de fazer? Pois não tinha menos desejos de as ver pelas costas.

— Muito delambida está a Thereza.

— A Thereza! Faça favor de dizer a Therezinha.

— Com aquelle corpanzil! Parece já mãe de dezoito filhos.

*Chegam á rua as visitas, dão meia duzia de passos, voltam-se, e acompanham a palavra de gesto.

— Adeus! Adeus! Adeus!

Da janella respondem-lhes com igual intimativa:

— Adeus! Adeus! Adeus!

Mais meia duzia de passos e Therezinha diz na rua:

— Não repararam nos rodeios da Gabriella para nos falar do sophá novo?

— Se reparamos! e o tal sophá parece uma canastra de fructa.

Na janella diz-se:

— Muito desastrada se vae fazendo a tal Mariquinhas

— Anda aos bordos como os embarcações.

As de Violante voltam-se:

— Adeus! Adeus! Adeus!

As da janella respondem:

— Adeus! Adeus! Adeus!

D. Violante diz:

— Voltemos aqui a esta esquina para não estarmos aos adeuses até o fim da rua.

D. Gabriella exclama:

— Que ventura! Vão para a travessa!

As de D. Violante voltam-se; debruçam-se as de D. Gabriella; é o termo da despedida.

— Adeus! Adeus! Adeus!

MANUEL ROUSSADO.



MARIA

(A Albano Simões Ferreira)



O parque estava deserto. Corria uma nortada rija e inclemente, — uns soluços roucos, uns lamentos longiquos, uns ais sibilando tristezas pelas arvores esguias.

Maria passeava por aquelle parque, agora tão triste-nho, outr'ora tão alegre, tão cheio de vida e de bulício. Que de recordações, e que de saudades!... Nada tinha aquelle aspecto sombrio quando *elle* partiu: — eram então as arvores cobertas de folhagem, salpicada de flores; lembrava se do modo extatico com que escutavam o terno gorgeio dos cantores da floresta; o grande lago trasbordando de agua crystallina, onde fluctuava um pequeno barquinho que tinha só dois logares — e elles, os dois, sentados muito juntos, vogando... vogando... E dois grandes cysnes, muito brancos, abrindo as grandes azas brancas... Ceo azul de primavera, sol doirado de abril, — que encanto!... Depois, os longos passeios por aquelle parque, tão alegres, amando-se sempre tanto, tão felizes. Como era venturosa!... Imaginava aspirar ainda o perfume das flôres tão viçosas que Alfredo, enamorado, lhe offerecia...

Hoje, tudo mudou. Do passado, a recordação e a saudade. A saudade! como ella é dilacerante quando se tem vinte annos, e quando todos os dias e a todas as horas, se chora um noivo que partiu... Pobre Maria!

Tudo hoje mudou! As arvores já não teem uma unica folha; amarellas, seccas, mirradas, Maria sentia as estalar sob os seus pequeninos pés; nem uma flôr!... São hoje mudos os cantares da floresta, porque os arrepios do outomno lhes faz calar a doce voz; o grande lago, agora, só inspira melancholia: as suas aguas são esverdeadas, a pequena barquinha está presa á amarra, baloiçando-se suavemente, os remos em inacção, querendo deixar a amarra, vogar... vogar... mas, coitada d'ella,

está prisioneira; no seu barquinho onde só ha dois logares já não se sentam dois jovens namorados; está até todo coberto de musgo, aquelle banquinho... Morreram os dois cysnes brancos, e á superficie das aguas de um esmeralda vivo fluctuam algumas pennas muito brancas. Ceo sombrio e negró de outomno; nem um unico raio de sol n'este agreste dia de novembro!... Ella hoje passeava só por aquelle parque, vestida de negro, tão triste, e pensativa sem ninguem para a amar, e lhe segredar palavras amorosas!... Aquellas flôres tão viçosas offerecidas por Alfredo — o seu noivo — estavam seccas, já sem perfume e sem viço...

Maria caminhava lentamente, parando a cada passo. Em cada canto havia recordações tão dôces!... Sentia um sabor delicioso ao sentir que a sua pobre alma se dilacerava ao recordar aquelles momentos tão felizes, aquellas horas tão ditosas. E tudo perdido!...

Uma coisa a atterrisava: eram as estatuas de mar-more profusamente espalhadas pelo parque: — no tempo em que era ditosa contemplava-as sorrindo, porque eram nymphas e faunos, imagens só de amor...; pareciam-lhe hoje formas de gigantes medonhos, em attitudes phantasticas... E fugia assustada das estatuas que as chuvas ennegreciam...

Mas parou de subito. Acabava de chegar a uma gruta tão sua conhecida. Entrou. Ah! pobre Maria, como é triste a recordação do passado que nos foi venturoso, quando somos desgraçados!... Na primavera, aquella gruta, formada por arbustos, era guarnecida por folhagem e flôres; agora, no outomno, era desabrigada e sem perfumes... No fundo, havia um banco de pedra: Maria deixou-se cahir sobre elle... e então não poude mais resistir; as lagrimas rebentaram-lhe em torrente, copiosamente. Fôra n'aquelle mesmo banco que Alfredo pela

primeira vez lhe dissera que a amava; fôra n'aquelle mesmo banco que elle lhe dissera o ultimo adeus, por entre soluços não reprimidos e lagrimas não sustidas. . . Elle partira, cheio de fé e de esperança; ella ficára, inconsolavel, um sinistro presentimento a mortifical a. . . E não a enganou, não, esse presentimento, porque Alfredo morreu!

Como lhe arrancava agora lagrimas a recordação das scenas passadas durante os dois mezes que Alfredo habitou na quinta. E, para perpetuar essas recordações, lá estava o gigantesco platano junto ao banco de pedra, onde o canivete de um apaixonado escreveu o seguinte: — *Amar-nos-hemos até na morte!* — *Maria e Alfredo.*

Era noite. A nortada redobrava de violencia e o ceo fazia-se cada vez mais negro.

Maria tirou do seio um pequeno embrulho: era um retrato *d'elle* e algumas flôres já seccas. Tão pouco, e era toda a historia do seu amor, morto tão cedo! Olhou tristemente o retrato por espaço de alguns minutos, beijando-o muitas, muitas vezes; quiz aspirar o perfume das flôres, mas ellas já o não tinham. . .

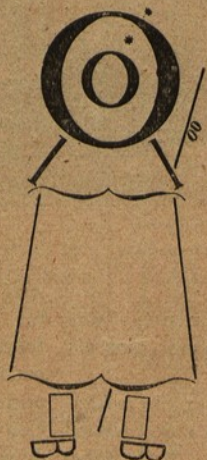
Vinha do campanario o som do *Angelus*. Maria ajoelhou, encommendando a sua alma á mãe de Deus, e ali ficou por muito tempo, extatica e embevecida, como se o que se passava á roda d'ella lhe fosse tão extranho como a primeira pessoa que se encontra n'uma rua. . .

Então, os ramos do platano estremeceram, e as letras gravadas pelo canivete de um apaixonado tornaram-se mais salientes: *Amar-nos-hemos até na morte.*

SIMÃO DE SOUSA LABOREIRO.

DESENHOS TYPOGRAPHICOS

(REPRODUÇÃO)



COISAS ALEGRES

Costumava certo procurador mendigar pelos cartorios dos escrivães da Boa-Hora, as leis que tinha de citar nos estirados requerimentos, com que todos os dias obsequiava os pacientes juizes de direito da comarca.

Um dia dirigiu-se a um dos cartorios e pediu lhe indicassem o artigo de lei em que devia fundar a sua supplica, que consistia em fazer com que o seu contendor fosse preso como infiel depositario. O escrivão consultado, que n'esse dia estava de má catadura, disse, ao acaso que citasse o art. 1:204 da «Novissima Reforma». O pobre procurador assim fez, e, sem mais observação nem perda de tempo, seguiu para casa do juiz, ufano da sua obra.

Duas horas depois, apparece elle de novo n'aquelle mesmo escriptorio, coberto de suor, e pedindo que lhe decifrassem o despacho do juiz, que dizia assim:

«Depois d'enforcado, entregue-se-lhe»

Estava o escriptorio cheio de officiaes do mesmo officio. Leu um em voz alta o citado artigo d'uma Reforma Judiciaria, que estava sobre a mesa:

Art. 1:204. — Os corpos dos enforcados serão entregues aos seus parentes, sendo reclamados por elles.

Risada geral.

*

N'uma sessão de deputados, o sr. J. de M.:

— Sr. presidente. Os pequenos, só os pequenos, é que

160

pagam impostos, ao passo que os ricos e poderosos deixam de ser perseguidos; vemos ahí pobres viuas relaxadas, e com os trastes postos ao vento, por dez réis de mel coado!

*

Um delegado muito conhecido, accusando um reu, do crime de assassinato, exprimia se d'este modo para definir a indole perversa do assassino: «Sim, sr. Juiz, este reu não é um homem, é uma fera; este reu não bebeu leite d'homem, mas sim leite de leão.»

Devia ser terrivel.

*

O noticiario d'um jornal d'esta cidade dava-nos, ha tempo, a estranha nova de «ter um sujeito levado uma facada com uma chave na rua do Chiado».

*

Palavras do Evangelho: *Bate e abrir-te-hão.*

Truz, truz, truz! . . . Era o Braz a provocar barulho. Sae o dono da casa e grita. O Braz ergue da mão E. dá. O outro, á faca, esgaça-lhe o bandulho. . .

Bate, e abrir-te-hão.

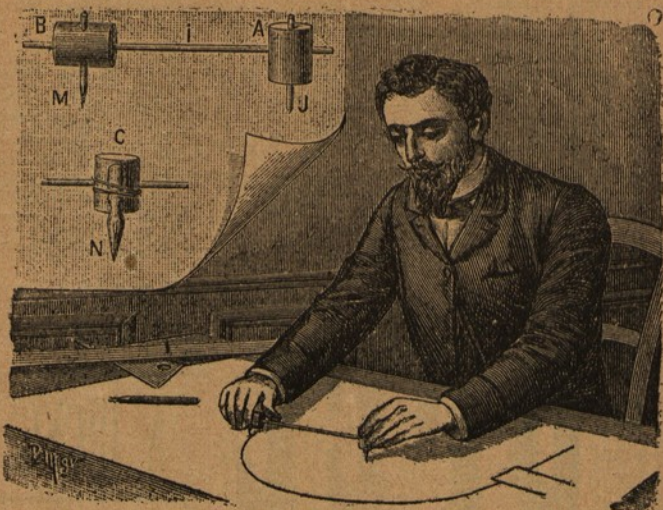
UM COLLECCIONADOR.

SECÇÃO RECREATIVA

GRANDE COMPASSO IMPROVISADO

O compasso para descrever circulos de grande raio consiste em duas peças de cobre que se seguram por parafusos n'uma régua rija; uma das peças tem uma ponta; a outra, o lapis e o tira-linhas. Fazendo-se variar a separação das duas peças ao longo da regua, podem traçar-se circulos de diferentes raios.

Duas rolhas e um varão de cortinas, tiradas por um momento da janella, bastam para que se construa rapidamente um aparelho d'este genero. Uma das rolhas, *A*, fura-se com um prego ou alfinete grande, *J*. Deve ser a ponta seca que se colloca no centro do circulo a descrever. A outra, *B*, será atravessada pelo lapis *M*, e representará a ponta traçante. As duas rolhas enfiam-se pelo attricto no varão. Ate-se



solidamente uma penna, *N*, n'uma terceira rolha, *C*, destinada. O lapis não deve atravessar a rolha *B* pelo centro mas um pouco ao lado afim de dar passagem ao varão

OS ANNUNCIOS



PARA O

Branco e Negro

Recebem-se na Livraria do editor A. M. Pereira só até segunda-feira de cada semana, para sahirem no numero do domingo immediato. A grande tiragem que hoje tem o BRANCO E NEGRO, e os augmentos que acaba de soffrer desde o n.º 79, fazem com que nos seja indispensavel começar a impressão da folha dos annuncios na terça-feira de cada semana.

Os preços são: uma pag. 7:000 rs.; $\frac{1}{2}$ pag. 4:000 rs.; $\frac{1}{4}$ de pag. 2:000 rs.; $\frac{1}{8}$ de pag. 1:000 rs. Repetições teem 25 % de desconto.

Dada a enorme publicidade do BRANCO E NEGRO, que é hoje o jornal illustrado de mais larga divulgação em todo o paiz e em todo o Brazil, é desnecessario lembrar aos annunciantes as vantagens que pôde trazer-lhes o annuncio n'este jornal, annuncio que fica, que se conserva, que é sempre visto e sempre lido de milhares de pessoas. E a razão é simples: o BRANCO E NEGRO é jornal que o leitor conserva e collecciona, que lê e folheia com interesse, nas horas do descanso, da 1.ª á ultima pagina, e que ainda no fim do semestre manda encadernar, ao passo que as folhas diarias, lidas de corrida, de manhã, mais por necessidade do que para recreio, ninguem as conserva, ninguem mais as relê, e portanto, em geral, o annuncio alli passa despercebido á maioria dos leitores.

MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA

GUIA PRATICO

Para o conhecimento e tratamento de todas as doenças

Colligido por pessoa de toda a auctorisação no assumpto e escripto em linguagem vulgar para poder ser consultado e comprehendido por todos. Um magnifico volume de 280 paginas: Em brochura 600 réis, encadernado em percaline 800 réis.

LIVRARIA DE ARNALDO BORDALLO

42, 1.º — Rua da Victoria — 42, 1.º

CASA DOS BORDADOS

DE

SILVA RODA & C.ª

161, RUA AUGUSTA, 165

LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA

E

ATELIER DE ROUPAS BRANCAS

(No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, malinões, penteadores, saias bordadas, enxovaes para noivas, collegias e recém-nascidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

RESISTENCIA,

ELEGANCIA

E VELOCIDADE

OPEL

A BICYCLETA DA ACTUALIDADE

DEPOSITO:

179, R. de Santo Antão, 181

LISBOA

Bateu

o record

do Mundo

Grande variedade de peças decora
tivas executadas sob a direcção do
grande artista

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Unica casa em Lisboa que vende as
verdadeiras e apreciadas
FIGURAS DO PORTO
feitas pelo primeiro artista no genero

HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

Completo sortimento
em tabacos nacionaes

e
estrangeiros

Grande variedade
em carteiras
para todos os preços

Venda de jornaes
e diversas publicações
nacionaes
e estrangeiras

Boquillas, cigarreiras,
cachimbos,
charuteiras e outros artigos

Variada collecção
de numeros
para todas as loterias

Artigos de papelaria,
bilhetes de visita,
agua de Caneças e Cintra,
velas de stearina

Os senhores collecciona-
dores de sellos encontram
sempre n'esta casa um bom
fornecimento para escolher.

R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5
(EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)

A MODA

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —

JOÃO JOSÉ MARTINS

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de
todos os artigos do seu commercio por
PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS

472, RUA DO OURO, 474

LISBOA

JOSÉ HENRIQUES TOTTA

SUCCESSOR DE

FORTUNATO CHAMIÇO

CASA BANCA BIA

E

AGENCIA DA COMPANHIA

DE

SEGUROS GARANTIA DO PORTO

75, 1.º — Rua do Ouro — 75, 1.º

LISBOA

Branco e Negro



A CANÇÃO DO CHICOTE, quadro de Alphonse Moutte

PREÇO 50 RÉIS

N.º 89

JÁ ESTÁ Á VENDA O

ALMANACH

DO

Branco e Negro

PARA

1898

1 Volume, preço 200 réis

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

Valentim Magalhães

A LITTERATURA

BRAZILEIRA

Esboço critico seguido de excerptos documentaes em prosa e verso; formando além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosadores brazileiros contemporaneos.

1 Volume adornado de muitos retratos, brochado, 600 réis; com uma linda encadernação 800 réis.

Livraria de A. M. PEREIRA — Editor

52, RUA AUGUSTA, 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 89

LISBOA, 12 DE DEZEMBRO DE 1897

2.º ANNO

○ DR. GARCIA MONTEIRO ○

MEDICO PORTUGUEZ EM BOSTON *

(Exemplo vivo do que vale o poder da vontade)

Julio C. Machado, que não pretendia ser tido em conta de filosofo, limitando as suas ambições literarias ás de folhetinista alegre da sua terra, deu-nos uma observação que vale bem pelo achado d'um filosofo. «As aspirações do bom portuguez da actualidade», escreveu elle, resumem-se em dois artigos: 1.º ser empregado publico; 2.º depois de o ser, não fazer nada.»

O leitor, porém, está perante o retrato d'um portuguez da actualidade, que a despeito da influencia do meio social, e até do climaterico (*azorian torpor*), que o envolvia, e dos exemplos dos rapazes da sua geração, preferiu conquistar uma posição independente, sómente pelo esforço do seu querer, desprovido de bens de fortuna e da inevitavel carta d'empenho.

E quando o leitor mais souber que esta odyssea se realisou obscuramente n'um paiz estranho e entre um povo, o da America do Norte, em que a luta pela vida é sem treguas nem commiserações, hade confessar que a tempera d'esse homem é extraordinaria.

Vae falar a sua auto-biografia, escripta despreocupadamente, com a verdade e sinceridade de quem ao fazel o não lhe passava pela mente, que algum dia essas linhas epistolares haviam de ser dadas ao publico. São fragmentos de cartas dirigidas a um seu amigo, que residindo era nos Açores ora em Portugal, elle Garcia Monteiro nunca deixou de ter n'esse conceito, e a quem n'algumas cartas se lhe dirige tratando-o ternamente «*meu caro Theo*», querendo mostrar-lhe assim quanto a sua afeição era comparavel á de Gerard de Nerval para com o seu intimo e muito querido Theofilo Gautier.

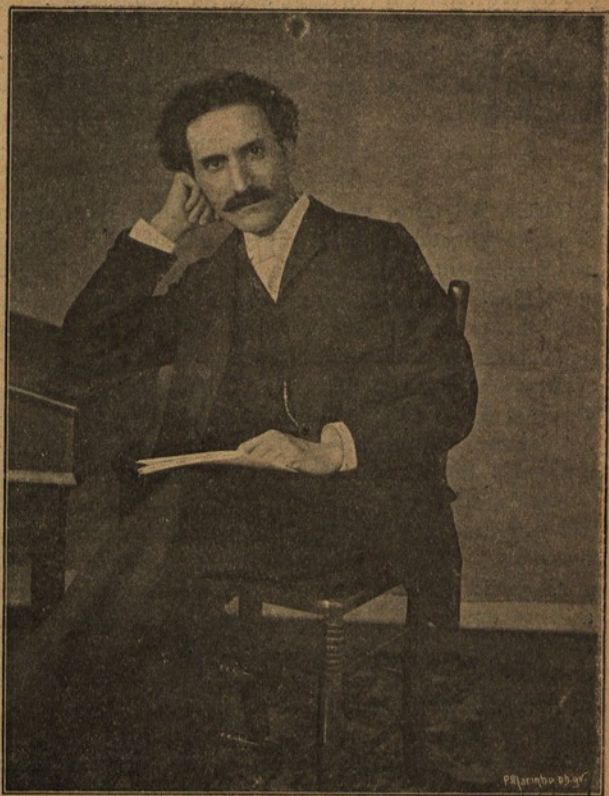
Remeniscencias dos bons românticos.

*

Na apresentação que estamos escrevendo comentaremos apenas um passo difficil da vida de Garcia Monteiro, que nos sugere como afirmação de caracteres em lances algo psychologicamente semelhantes, a recordação do general Ducrot, na sortida de Paris, por elle commandada ao tempo do cerco de 1870-71. O general, na proclamação dirigida aos parisienses, ao iniciar aquelle feito d'armas do qual se esperava a libertação da capital, terminava por dizer:

«Quanto a mim, voltarei morto ou victorioso». Ora, como é sabido, voltou vivo e vencido.

* A proposito do seu livro de versos *Rimas d'ironia alegre*, recentemente composto typographicamente e publicado em Boston pelo proprio auctor, como despedida á sua vida de poeta e de typographo.



Garcia Monteiro, como o leitor verá depois, narrado por elle proprio, achou-se ha annos, já na America, n'uma crise, que se apresentava do seguinte modo: ou continuar entre a'indiferença d'aquelle povo a quem o tinha levado o destino, afrontando a morte provavel pela fome e pelo abandono, ou salvar-se, regressando á sua ilha-natal, onde em resposta aos apodos de «leviano», dos conterraneos, promettera não voltar senão com uma posição creada. A não ser assim cortaria as suas amarras.

Que decidir?

Recuar nunca. Para a frente é que é o caminho (resolveu elle comsigo).

E trabalhando de noite como typographo (fôra do mister das lettras, unica profissão que conhecia por curiosidade), para poder illudir a fome e estudar de dia, ao cabo d'alguns annos era habilitado com um diploma de medico, que o authorisava, querendo, a voltar á patria de cabeça levantada e armar com independencia a sua tenda

de campanha entre amigos e conhecidos, a maioria dos quaes jaseem assentados muito humildemente e sem *leviandades* á mesa do orçamento, como bons portuguezes da actualidade.

Não voltará, é provavel. O illustre medico portuguez em Boston, casado presentemente com uma intelligente senhora americana, mas d'origem franceza, já pae, com clinica bastante a prover ás necessidades da vida, distintamente conceituado entre a numerosa colonia portugueza, não voltará para ficar entre os seus conterraneos, fóra do caso (e elle cogita n'isso) de novo empreendimento em que ponha em acção o raro e admiravel poder da sua vontade.

*

Pois que os trechos auto-biographicos promettidos e que publicaremos no n.º immediato, se referem sómente ao periodo da vida de Garcia Monteiro decorrida já no novo mundo, parece-nos opportuno e sensato dar alguns traços do seu viver em Portugal, anterior á emigração.

E seja Fialho d'Almeida que fale por nós.

Pedimos-lhe licença para se reimprimir o que escrevevemos d'aquelle nosso amigo, no *Diario da Manhã* de 4 de maio de 1885.

HENRIQUE DAS NEVES.

Garcia Monteiro, um açoriano dos mais vivos, e um dos mais delicados espiritos que temos conhecido, dá hoje no *Supplemento* uma amostra dos versos que publicará em volume dentro em pouco tempo. Lisboa já conhece este phantasia hilarante, por pequenas composições publicadas nos jornaes. E' elle o auctor d'um volume, *Versos*, impresso no Fayal, onde, a par d'uma correccção aristocratica e d'uma factura amorosa, ha a distinguir levantados ideaes e nobilissimos impulsos d'um coração de gentilhomem. Esteve em Lisboa alguns mezes, este Garcia Monteiro, onde aportára esperançado de agenciar a vida, por intermedio d'um trabalho digno da sua fina organização.

A cidade, porém, não logrou inspirar-lhe sympathias; as ruas entonteciam-n'o pelo *tohu hobu* constante das carruagens e dos transeuntes; os altos predios da baixa, em cujas aguas-furtadas elle se via forçado a residir, mercê dos seus recursos parcos de estudante, faziam-lhe vertigens e enchiam-lhe as noites de pesadellos,

Era uma compleição de lymphatico, contemplativa, branca, cheia de finuras ineditas, e graças juvenis.

O sarcasmo, que era uma das suas feições de mais relevo, occultava-o elle, como a lamina d'um estylete florentino, em bainhas ou phrases de cinzelura surpreendente.

Nunca dizia a um tolo que detestasse, a cruel palavra desdenhosa, eriçada de nervosismo, que nos cria um inimigo para a vida e para a morte. E a commiseração ante as creancinhas rotas que nos vinham pedir esmola ao *Martinho*, noite feita, era tão boa, que jámais podemos convencer-o da perfeita inutilidade de elle soccorrer aquelles jovens desgraçados, que a familia enviava á exploração da nossa boa fé.

Este insular mansissimo de fallas, tão captivante pela originalidade das suas observações, vivo e scismador, typo de hysterico pelos grandes olhos estranhos, typo d'artista pela fervente paixão que sabia inspirar-lhe o bello; este insular, roubado ao seu tepido clima sereno e luminoso, ainda não passara meio anno sobre o dia em que viera ao Tejo, já tinha emmagrecido e definhado de nostalgia pelas suas paysagens nataes.

Um dia, a sua tristeza fez-se por tal fórma absorvente, que os amigos receiando pela vida d'elle fizeram-n'o outra vez partir.

Garcia Monteiro não reagiu, e apenas chegado á ilha, fez-se industrial.

Industrial! Este frenetico, industrial!

Lançado uma vez na travessia dos mares, a bordo dos paquetes, d'alli por diante a sua inquieta imaginação pediu-lhe viagens, sonhando thesouros a explorar por esses continentes que attrahem insidiosamente o colono, mostrando-lhe regaços prenhes d'opulencias.

Sahiu com destino a S. Francisco, Estados da União, onde redige um grande jornal portuguez. Não é feliz, porém. O contracto aspero das questões materiaes fatigalhe de morte a sensibilidade femenil. A nostalgia rala-o de maguas poeticas. Uma incoherencia de desejos, um librar de aspirações cada vez mais altas, torturam-lhe o espirito nos seus crivos subtis; n'aquella terra de nababos, este poeta sente-se pobre como nunca.

E agora a sua ultima aspiração é tornar-se um homem de sciencia, estudar um curso, fazer-se medico, e auferir a *aurea mediocritas* da clinica bem paga e bem celebre. D'aqui lhe applaudimos o alevantado ambicionar. Com as raras facultadades de que dispõe, Garcia Monteiro pôde attingir todos os fastigios, ter mira em todas as su-premacias do espirito, ser tudo...

Excepto banqueiro.

FIALHO D'ALMEIDA.

TU, SÓ TU...

Aquella que se vê no azul fulgindo
E é das estrellas a mais linda estrella,
Quantas vezes ficamos nós a vel-a,
Tão formosa, como hoje luz, luzindo?...

Quantas vezes, as nossas mãos unindo,
Não ficamos nós dois a etherea tela
Fitando, eu a dizer-te: «Amo-te!» e aquella
Falla, dos labios teus «Amo-te!» ouvindo?...

Annos lá vão depois do dulçuroso
Idyllo nosso á luz de um astro amigo,
Fulgindo no alto paramo radioso.

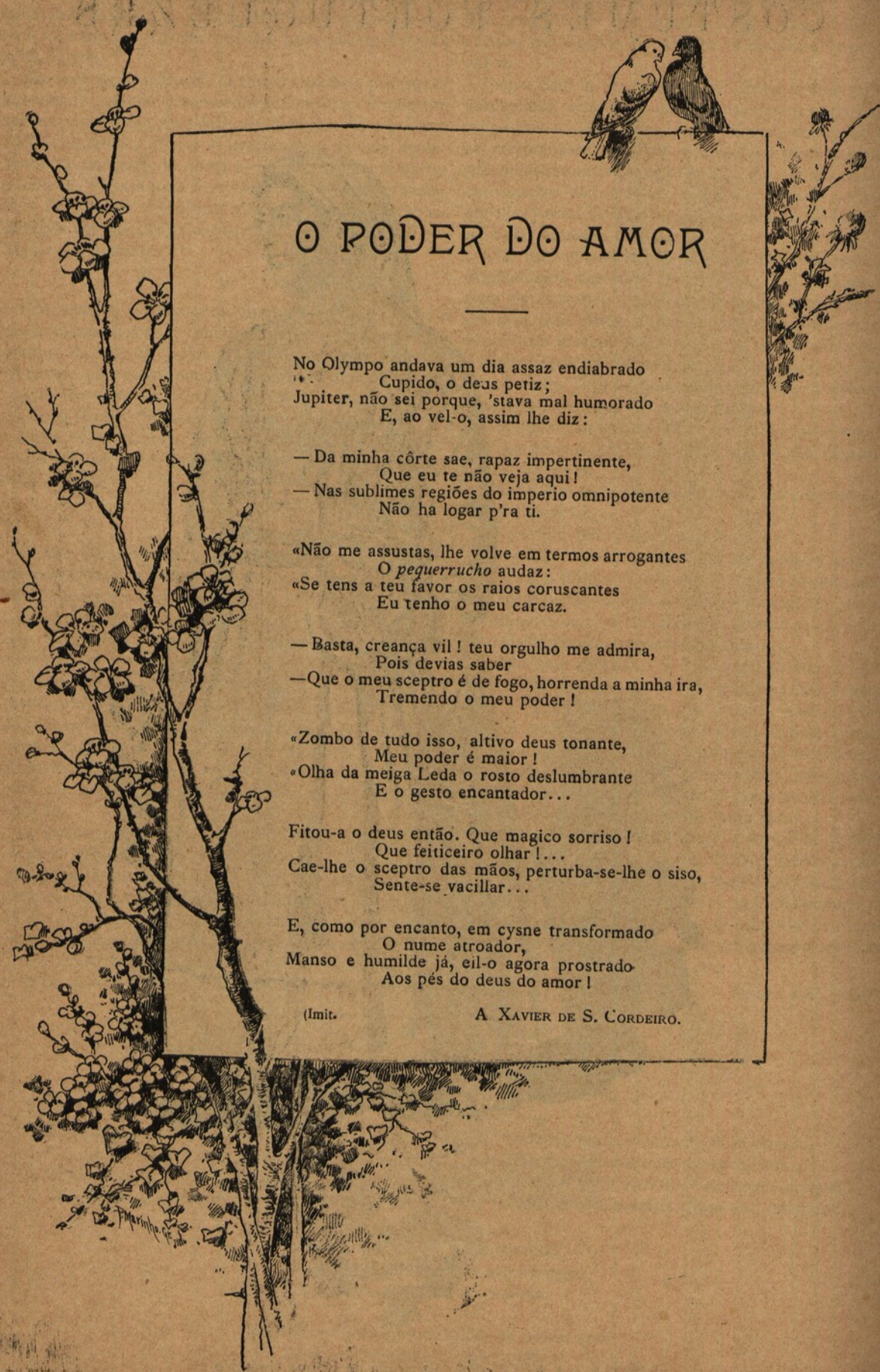
A estrella o mesmo brilho de outras eras
Tem e eu te tenho o mesmo affecto antigo;
Tu, só tu, já não és a mesma que eras!

BENTO ERNESTO JUNIOR.

COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — A LEITEIRA, aguarella de Roque Gameiro



O PODER DO AMOR

No Olympo andava um dia assaz endiabrado
Cupido, o deus petiz;
Jupiter, não sei porque, 'stava mal humorado
E, ao vel-o, assim lhe diz:

— Da minha côrte sae, rapaz impertinente,
Que eu te não veja aqui!
— Nas sublimes regiões do imperio omnipotente
Não ha logar p'ra ti.

«Não me assustas, lhe volve em termos arrogantes
O pequerrucho audaz:
«Se tens a teu favor os raios coruscantes
Eu tenho o meu carcaz.

— Basta, creança vil! teu orgulho me admira,
Pois devias saber
— Que o meu sceptro é de fogo, horrenda a minha ira,
Tremendo o meu poder!

«Zombo de tudo isso, altivo deus tonante,
Meu poder é maior!
«Olha da meiga Leda o rosto deslumbrante
E o gesto encantador...

Fitou-a o deus então. Que magico sorriso!
Que feiticeiro olhar!...
Cae-lhe o sceptro das mãos, perturba-se-lhe o siso,
Sente-se vacillar...

E, como por encanto, em cysne transformado
O nune atroador,
Manso e humilde já, eil-o agora prostrado
Aos pés do deus do amor!

(Imit.

A. XAVIER DE S. CORDEIRO.

ARTISTAS NOTÁVEIS

Os *homens bons* do Porto, os antigos habitadores da minha velha e querida cidade burgueza, que não consentiam que os nobres tivessem solar dentro dos seus muros, foram sempre pouco dados ao cultivo das bellas artes, que consideravam pueril entretenimento sem valor. A intima convivencia com os rudes mercadores inglezes, e o largo movimento commercial, que os absorvia por completo, exemptava-os da mais insignificante veicidade artistica.

Os mais opulentos, os que facilmente podiam transformar as suas habitações em sumptuosos museus, só davam

e no vergonhoso abandono do Museu municipal do Porto, por parte de *todas* as nossas municipalidades, um museu onde existem tantas preciosidades, e que jáz instalado em ignobil pardeiro, por cima de um armazem de vinhós e aguardentes!

Reagindo contra este secular e desolador estado de coisas, um grupo de artistas e dos poucos apaixonados por tudo quanto diz a respeito á arte, ha uma boa-duzia de annos para cá, com a mais louvavel pertinacia e rela-



ALFREDO MARÇAL BRANDÃO NO SEU ATELIER

treguas ao fadigoso labutar commercial para no serão durante algumas semanas irem retemperar o figado abalado, com as balsamicas brisas do oceano, nas pousadas ao longo das praias visinhas, ou descançarem no socego dos casaes á volta da cidade, embellezados unicamente com os primores da natureza, com os campos viridentes, os frescos e copados souts de castanheiros, de carvalhos ou extensos e bem tratados olivedos e laranjaes.

Por isso os raros que no Porto erguiam o pendão da arte lusitana, como D. Luiza Maria Rosa, Marques de Aguiar, Teixeira Barreto, Braga, D. Bernarda de Lacerda, Vieira Portuense, Joaquim Rafael, João Glama, Nunes etc., ou vegetavam tristemente ou tinham de ir buscar ao claustro ou fóra da cidade o pão que aqui difficilmente podiam angariar por meio da sua arte.

D'ahi a relativa pobreza architectonica dos monumentos portuenses, a lastimavel penuria de quadros e objectos artisticos, o desamor, que tradicionalmente chegou até nós, por tudo quanto se refere a arte, claramente patenteado ainda ao presente no desbarato das poucas colleções e valiosos objectos d'arte que existiam na cidade,

tivo bom'exitto, teem procurado levantar o nosso nivel artistico e educar o gosto do publico, por meio de sociedade artisticas, pelo jornal, pelo livro e pelas exposições.

E toda uma brilhante pleiade de altissimos talentos que tiveram berço entre nós, desde o tão grande quão infeliz Soares dos Reis, Silva Porto, Costa Lima e dos meus queridissimos amigos Xavier Pinheiro e Antonjo Mollarinho, já fallecidos, até aos laureadissimos esculptores Teixeira Lopes filho e pae, ao Thomaz Costa, aos pintores Victorino Ribeiro, Julio Costa, D. Alice Grillo, Marques Guimarães, Antonio José da Costa, Eduardo Teixeira Marques de Oliveira, e Julio Ramos, o architecto Marques da Silva e o gravador Nogueira Mollarinho, procuram com successo sempre crescente fazer esquecer o antigo desamor do burguez do Porto pelas mais brilhantes manifestações da arte, traduzidas no monumento, na estatua, no quadro, no palacio e na medalha.

E Deus Louvado! já vae havendo entre nós quem se interesse pelas exposições d'arte, quem compre quadros, quem leia, discuta e se apaixone por assumptos artisticos.

Segundando os esforços dos profissionaes temos escriptores da especialidade como os srs. Joaquim de Vasconcellos, Ramalho Ortigão e Oliveira Alvarenga, colleccionadores intelligentes e apaixonados como os snrs. Antonio Moreira Cabral, Marciano Azuaga, Eduardo Rego, Gaspar da Graça, Antonio Arroyo, e A. J. da Silva, e amadores de pintura como os srs. Manuel S. Romão, Cherubino Lagoa, Antonio Alexandrino, Alfredo Marçal Brandão e José Marçal Brandão.

Alfredo Marçal Brandão, seguindo as pisadas do pae, o sr. Jssé Marçal Brandão, — que é um excellente paizagista, — nas horas vagas do seu cansado moutejar commercial dedica-se apaixonadamente a pintar nas pequeninas petalas das rosas verdadeiras obras primas do mais subido bom gosto.

Na sua adoração pelas deslumbrantes rainhas dos jardins, que, no tempo proprio, lhe enchem com o garridismo dos coloridos fortes e a deliciosa dos perfumes finos as jarras artisticas que lhe adornam o *atelier*, Alfredo Marçal Brandão começou a executar as suas delicadas miniaturas nas petalas das rosas naturaes.

Este trabalho, de larga difficuldade technica, pela má adherencia da tinta ás petalas viçosas, e que mal terminado desaparecia pelo destolhamento da flôr, teve, porém, a breve trecho, de ser substituido pela pintura em petalas de rosas artificiaes, onde, ao presente, Alfredo Brandão effeituou os seus deliciosos trabalhos.

O temperamento excessivamente delicado do notabilissimo amator é a sua miopia profundamente accentuada revela-se claramente nos pequeninos primores sahidos do seu pincel, nas primorosas miniaturas que nos fazem recordar as bellas illuminuras da renascença, essas microscopicas maravilhas executadas com tanto amor, que quasi reclamam lente de augmento para serem devidamente apreciadas.

D'entre a larga copia de Rosas, sahidas do magico pincel de Alfredo Marçal Brandão, com paizagens nas petalas, retratos de homens illustres, poesias, letra e musica de arias de operas celebres, salientam pelo bom gosto e excessiva meticulosidade de execução, uma rosa premiada na ultima Exposição Unversal de Paris, com um soberbo retrato de Victor Hugo acompanhado de uma das mais notaveis poesias do grande mestre; e as rosas dedicadas a João de Deus, Camillo Castello Branco, Thomaz Ribeiro, Bulhão Pato, e Verdi, premiadas em varias exposições do Palacio de Crystal do Porto.

A rosa opulenta com o retrato de João de Deus, tinha nas restantes petalas as seguintes encantadoras quadras expressamente escriptas para tal fim pelo santo e genial poeta, que no *Campo de Flores* apparecem reduzidas a uma, e essa bastante transformada:

Igneos clarões, qual d'um vulcão a lava,
Dardejam pelo infindo firmamento;
Dos trovões se ouve a symphonia cava,
Que suffoca do mar rude lamento.

Nos céus não brilha nem uma só estrella;
A noute está medonha, fria: géla.
Oh Santo Deus, qu'immensa crueldade!

Ninguem transita as ruas; da procélla
A ida esperam. Toda a gente véla,
E minh'alma chora ante a tempestade!

Diz a gente ao vêr a rosa
Principiando a abrir,
E' como a Virgem mimosa.
Não se lhe deve bolir!

Não sei, donzella, que tinta
Dás n'essas faces mimosas!
— Dou o carmin com que pinta
Deus Nosso Senhor as rosas.

Bulhão Pato também escreveu para lhe acompanhar o retrato, na rosa que lhe foi dedicada, a seguinte graciosa quadra, que julgamos inédita:

Aos prados e ás alvoradas
E ao proprio sol creador,
Prefiro o seio da Virgem
Que ondeia ao primeiro amôr!

Pelo subido bom gosto e extraordinaria perfeição artistica pôdem considerar-se como obras primas de Alfredo Marçal Brandão, a série de seis rosas com que o reputado amator se associou em 1894 ás festas do Centenario do Infante D. Henrique e que caracteristicamente baptisou com o nome de *Flora do Centenario*, em um rarissimo e precioso folheto, edição *bijou*, de limitadissima tiragem que acompanhou as referidas rosas offerecidas á commissão do centenario henriquino.

Cinco d'estas rosas tinham o retrato do infante, acompanhado de legendas, datas, e versos dos *Lusiadas* allusivos ao preclaro filho de D. João I, á cidade do Porto e aos feitos heroicos dos portuguezes e uma o retrato de Alfredo Keil, com musica e letra do hymno do Centenario.

D'entre todas destacava-se, porém, uma rosa *Devo-niense*, de extraordinario trabalho technico e refinadissimo gosto, que foi offerecida á Rainha D. Amelia no fim do banquete com que a Camara Municipal e a Commissão directora das festas obsequiou os representantes dos diversos municipios do paiz que vieram associar-se á festa.

Esta rosa tinha em uma petala o retrato do infante, n'outra as armas e a legenda *Talent de bien-faire* e nas restantes as estancias xxxvii e lxxi do canto viii, e estancia lii do canto vi dos *Luziadas* e a data 4 de março de 1894.

*

Alfredo Marçal Brandão não pretende descansar com os gloriosos louros colhidos. Ainda ha dias lhe vimos no *atelier* mais um primor de paciencia e perfeição artistica. E' uma rosa tendo nas petalas, em caracteres quasi microscopicos a letra e musica da *Canção do Salgueiro* e da *Ave-Maria* do *Othello*, do velho e insigne maestro italiano, que se chama Verdi.

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

A TEMPESTADE

ROSINA

II



I.

aldeia de Revigny-sur-Ornain fica mesmo no coração da Lorena. Allí vivia no momento em que começa esta narração, uma familia chamada Donnet.

Os Donnet lavravam todo o anno as suas terras e as suas vinhas, recolhendo um delicioso vinho côr de rubi, que é a gloria de Bar-le-Duc; com isso iam amontoando bellos escudos d'ouro e formando o dote de sua filha Rosina, uma linda rapariga, loira como o trigo e fresca como uma manhã de maio.

Rosina ia nos seus dezoito annos. Muitos rapazes andavam á roda d'ella, na esperança de encontrar na rapariga o que se chama vulgarmente um bom partido; outros, simplesmente pela fascinação que d'ella irradiava. Tempo perdido! Rosina ria-se de todos elles, achando-os ridiculos.

E ria com tanta mais razão porquanto o seu coração já não lhe pertencia.

Na ultima festa que tinha havido na terra, dansára com Paulo Laurent, o filho de um rico proprietario de Ligny-en-Barrois.

A cabelleira negra, os grandes olhos pretos, o perfil energico, a voz carinhosa de Paulo, tinham produzido em Rosina uma immorredoiira impressão. As suas maneiras doces e affaveis contrastavam singularmente com a grosseria dos rapazes de Revigny. Tendo recebido uma educação mais aprimorada, exprimia-se com maravilhosa facilidade, e Rosina não tardára em dar ouvidos ás palavras amorosas do rapaz.

Na noite da festa, tinha-se perdido volutariamente do pae, no meio do tumulto, e voltára a Revigny pelo braço de Paulo, por um caminho solitario; tinham caminhado assim mais de duas horas, lentamente...

Proximo da aldeia, tinham-se separado e sob o firmamento semeiado de estrellas, haviam dado o seu primeiro beijo.

Desde então, Rosina via muitas vezes Paulo; combinavam entrevistas, de manhã, para a margem do Ornain, e allí se abandonavam aos seus devaneios amorosos.

Um dia, Rosina chegou primeiro; d'ahí a pouco appareceu Paulo.

— Minha pobre amiga, disse elle, vamos soffrer uma bem rude prova. Meu pae quer que eu parta para Paris. Quer que eu vá allí fazer os meus estudos de medicina e tomar o grau de doutor. Conheço bem o character inflexivel de meu pae. Toda a resistencia seria inutil e seria tempo perdido querer luctar contra uma vontade de ferro. Portanto, Rosina, minha adorada Rosina, coragem!

Tinha passado o braço em roda da cintura da rapariga, procurando, em vão, consolal-a. Falava-lhe do futuro, dos dias melhores que haviam de vir, e dizia-lhe:

— Não chores, Rosina, não chores! Logo que chegue a Paris, atirar-me-hei ao trabalho, e só pensarei em concluir depressa os meus estudos, para vir casar contigo. Promette-me que me esperarás. Escrever-te-hei muito a miudo e as tuas cartas serão para mim uma alegria...

Tinham-se erguido; ella poz a sua mão na de Paulo, e de olhos no chão:

— Vae em paz! Tenho fé em ti, Paulo!... Dá-me um beijo e, visto que assim é preciso, adeus!... adeus!...

— Não, respondeu Paulo, estreitando-a ao peito. Adeus, não! Até á vista!

Separaram-se, não se atrevendo a voltar a cabeça, com mêdo de perderem a coragem. Paulo afastou-se, de cabeça baixa; Rosina caminhou, a passos lentos, para casa...

Ao outro dia, Paulo partia para Paris.

No primeiro mez que se seguiu á sua partida, Rosina recebeu regularmente do seu amigo cartas cheias de amor que lhe eram entregues por meio de um companheiro de Paulo.

Depois as cartas tornaram-se mais raras, com intervallos de um mez, perdendo o seu suave perfume de ternura. O mensageiro entregava-lhe agora apenas uns bilhetes muito laconicos, escriptos n'um canto de uma meza de café, demonstrando, cada vez mais, uma grande indiferença.

Algun tempo depois, Paulo deixou de escrever.

Seguindo o curso de medicina, tinha tido occasião de travar relações com rapazes já scepticos e debochados. Nos primeiros dias, Paulo tinha resistido, recusando tomar parte nos divertimentos dos estudantes. Mas não tardou a rir-se da sua propria ingenuidade, e a deixar-se arrastar para todos os prazeres.

— Afinal de contas, dizia eile comsigo, é preciso gozar a mocidade. Leve o diabo tristezas.

«Mas Rosina?» segredava-lhe a consciencia.

— Ora! pensava elle. Ha-de consolar-se. Que diabo! Juramentos de amor não duram senão uma hora, diz uma velha canção; e os nossos não hão-de fazer excepção á regra geral!

Mas Rosina não se tinha consolado. Pelo contrario! Soffria cruelmente d'aquelle abandono. E quantas vezes, com lagrimas nos olhos, pensava em Paris!

III

Tinham passado alguns annos!...

Paulo tinha sabido estudar e divertir-se. Tinha sido felicissimo nos exames e conseguira sahir premiado em



Tinham-se erguido

em todas as cadeiras, tomando o grau de doutor em medicina. Escrevêra ao pae a pedir-lhe licença para se estabelecer em Paris.

A resposta não se fez esperar.

Papá Laurent, n'um estylo peremptorio e claro, intimava-o a que fosse immediatamente estabelecer-se em Ligny.

— Diabo! pensou Paulo, papá Laurent ha-de custar a convencer. Mas é melhor fazer ouvidos de mercador. Além d'isso, se lá volto, tornarei a vêr aquella pobre Rosina com a qual, confesso-o, a minha conducta não foi das mais regulares. Quem sabe se não haverá um escandalo, quando eu apparecer em Ligny? Faça o papá o que quizer. Fico em Paris!

Não tinha razão, o novo doutor, em temer um escandalo. Rosina tinha-se resignado com a sua sorte.

Tinha emmagrecido, empallidecido extremamente, a

ponto de dar muito cuidado aos paes. A todas as perguntas que estes lhe faziam, respondia :

— Não tenho nada ! Sinto-me cada vez mais fraca.

Os Donnet tinham consultado em vão todos os medicos celebres dos arredores. Nenhum tinha podido formular um diagnostico preciso n'aquelle caso, que ficava para elles mysterioso.



Se não estás em Ligny d'aqui a tres dias...

Mas algumas boas almas tinham visto Rosina e Paulo, nas suas entrevistas á beira do rio. O velho pae Donnet foi, enfim, informado, d'aquellas relações. Foi para elle um raio de luz. Conhecia a doença... e ia procurar-lhe remedio.

Ao romper da manhã mandou apparelhar a egua — a Russa — atrelou-a ao carro e partiu para Ligny.

IV

«Se não estás em Ligny d'aqui a tres dias, vou eu mesmo buscar-te.»

Laurent.»

Tal era o conteudo do telegramma que Paulo leu n'aquella manhã, coçando a orelha.

O joven doutor conhecia bastante o pae para saber que elle nunca deixava de fazer o que prometia.

Reflectiu maduramente.

— Não ha remedio senão resignar-me ! Voltarei para a minha terra !

Enviou logo um telegramma ao pae :

«Chegarei amanhã de manhã»

No dia seguinte, estava em Ligny.

— Até que enfim ! exclamou o pae Laurent á sua chegada. Sempre queria vêr se desobedecias á vontade paterna !... Mas não falemos mais n'isto, visto que já cá estás. Isso é que é o essencial ! Serás medico em Ligny, no caso de te sentires capaz de desempenhar o teu papel honrosamente.

— Ora essa ! então não tenho a minha carta !

— Faça muito caso da tua carta ! O que me ha-de dar provas da tua capacidade é quando te vir a tratar os doentes... Vamos a vêr. Sobe para o carro e vem commigo fazer a tua primeira visita...

Pae e filho estavam, d'ahi a pouco, sentados um de frente do outro no *break*, puxado ao galope do vigoroso cavallo aragonez.

Laurent fumava um cigarro com um ar muito satisfeito. Paulo, feliz, no fundo, por tornar a ver as paizagens da sua terra, olhava para todos os lados com curiosidade.

O *break* entrou n'um valle povoado de choupos, o valle que Paulo tanta vez tinha percorrido com Rosina sob o céu coalhado de estrellas.

Era a estrada do Revigny.

Ao longe descobria-se a aldeia com as suas casas caídas, á beira do Ornain.

O carro parou deante da quinta casa. O pae Laurent saltou ao chão :

— E' aqui ! disse elle silpemente.

Entrou na casa. Paulo seguiu-o. Acharam-se n'uma grande sala de chão terreo.

Do peito de Paulo escapou-se um grito.

Sobre um leito de ferro, com colcha de chita, tinha reconhecido Rosina. Uma indizível expressão de tristeza se espalhava no rosto pallido e suave da donzella.

A' sua cabeceira, os Donnet, dois bons velhos de cabellos todos brancos, pareciam immersos n'uma profunda meditação.

O pae Laurent tinha-se approximado da cama, e passou a mão pela testa da rapariga ; e com voz que se esforçava por tornar affectuosa :

— Rosina, minha filha, abre os olhos !

Ella estremeceu, passando a mão pela testa, como para afugentar algum sonho importuno ; depois, abriu os olhos e fitou-os, com uma expressão de espanto, em Laurent, que lhe dizia :

— Rosina, seus paes estão muito pezarosos. Já consultaram muitos medicos que não comprehendem a sua doença. Foi por isso que tomei a liberdade de trazer um medico de Paris, um rapaz que tem já grande fama e que a ha-de curar...

Não pôde dizer mais. As palavras ficaram-lhe estranhaladas na garganta.

E empurrando o filho para a doente :

— Depressa, doutor, cure-a !

Rosina abriu muito os olhos e reconhecendo logo o namorado :

— Tu, Paulo ! meu Paulo ! E's tu ! Oh ! quero viver ! Viver para ti ! Já não saes mais d'aqui, não é verdade ? O' meu Paulo adorado ! Has-de salvar-me, porque eu o quero !

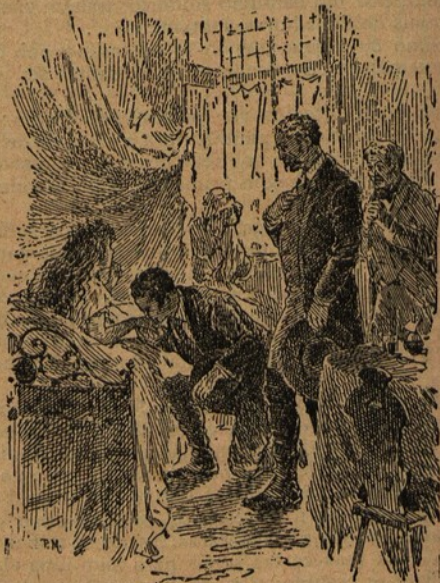
— Sim, disse Paulo, beijando-lhe a mão, hei-de curar-te... Fui eu o causador do teu mal, hei-de ser eu que te curarei, pobre anjo ! Felizmente, chego a tempo, Rosina, e será esta a minha primeira cura no Barrois !

V

Seis mezes depois, Paulo Laurent e Rosina Donnet casavam na igreja de Revigny.

Ao sahir da camara, o pae Laurent dizia ao velho Donnet, apontando-lhe para o amoroso par :

— Recordas-te, Donnet, do dia em que foste a minha casa participar-me a causa da doença de tua filha ? Prometti-te remediar tudo, porque tinha cá a minha ideia !



— Sim, disse Paulo, beijando-lhe a mão

— Sim, respondeu o velho lavrador, recordo-me. Até me repetiste um antigo proverbio: Palavra de pobre vale juramento de rei !

— Está mesmo a calhar para o nosso caso, disse Laurent, erguendo a sua alta estatura: Palavra de pobre vale juramento de rei.

(Trad.)

BOB.

ESTUDO DE TYPÓS

COLLECÇÃO DE QUADROS POR S. RICHTER



1, Rapaz napolitano. — 2, Uma egypcia. — 3, Retratos de S. Richter e seu filho. — 4, Uma odalisca.
5, Dois irmãos acariciando-se. — 6, Uma creança a cavallo n'uma pelle de leão. — 7, Uma cigana mendiga.

Escola Elementar Commercial Portuense

Curso de 1895-1897 — O primeiro grupo de alumnos habilitados por esta Escola

A' iniciativa das ultimas direcções da nobre Associação Commercial do Porto deve a segunda cidade do reino o importante melhoramento que hoje registamos.

N'uma parte do rez-do-chão do palacio da Bolsa estava o Banco Mercantil Portuense que a crise bancaria do norte levou á fusão com o Banco Commercial, e a nobre corporação proprietaria do palacio, ou para melhor dizer os seus benemeritos corpos gerentes, presididos pri-

bastantes alumnos conseguiram approvação e distincções em determinadas disciplinas, tendo porem conseguido os alumnos Manuel da Silva Mattos (o primeiro premiado), Jorge de Menezes Vieira Coelho (segundo premiado) e Guilherme do Carmo Pacheco (terceiro em merito) approvação geral em todas as quatro disciplinas nos 2 annos do curso, convido notar para honra dos professores que o primeiro premiado é um caixeiro de bal-



Guilherme do Carmo Pacheco
Manuel da Silva Mattos

Abilio Pereira Magro
Jorge de Menezes Vieira Coelho

Antonio Augusto Alves Costa
Candido d'Almeida Leite

meiro pelo sr. Henrique Kendall e depois pelo sr. Pedro Araujo, aproveitaram as salas vagas pela sahida d'aquelle estabelecimento de credito, installando ali uma escola commercial para os socios, filhos e caixeiros dos socios. Esta escola, custeada pela receita da Bolsa, é considerada official por decreto de 28 de setembro de 1895, que a creou e collocou sob a inspecção das escolas industriaes do norte.

Tem um corpo docente competentissimo composto dos ex.^{mos} srs.: José Augusto d'Oliveira Alvarenga, notavel jornalista e professor de litteratura, rege a cadeira de portuguez e francez (1.^a disciplina); Antonio da Silva Pimenta, novo ainda mas sempre distincto no curso que fez, tem-se dedicado á mathematica commercial com um verdadeiro fanatismo, rege a cadeira de arithmetica, calculo e escripturação commercial (2.^a disciplina); Albano Annibal de Barros, distincto engenheiro, paciente investigador de monographias economicas, rege a cadeira de Geographia Geral e Economica e de historia patria (3.^a disciplina); Antonio de Vasconcellos Côrte Real, activo empregado d'uma casa commercial ingleza, rege a cadeira de inglez (4.^a disciplina).

Tem esta escola tido uma matricula de cerca de 100 alumnos com uma frequencia de 40 em media (permitindo o regulamento 50) e sendo o curso de 2 annos,

ção de mercearia, que entrou para esta escola com taes conhecimentos litterarios que nem um simples exame elementar havia feito, pois o que sabia apprendera-o ha 25 annos n'uma escola d'uma pobre aldeia da Beira, conseguindo agora em dois annos 6 distincções successivas.

A disciplina d'inglez não é obrigatoria, e assim desistiram d'ella tres alumnos que todavia tem o seu curso completo; são elles Abilio Pereira Magro, Antonio Augusto Alves Costa e Candido d'Almeida Leite.

Em outubro do anno passado, a expensas do então presidente sr. Pedro Araujo, foram distribuidos 3 premios aos alumnos Jorge de Menezes Vieira Coelho, (30\$000 réis), Manuel Silva Mattos, (20\$000), e Antonio Ferreira (10\$000.)

No do presente anno, a expensas do actual presidente sr. dr. Leopoldo Mourão, foram distribuidos 4 premios, 2 para os do 1.^o anno, que couberam 20\$000 a Belmino Moura Basto e 10\$000 a Luiz Augusto Leirós, e 2 para os do 2.^o anno que couberam 20\$000 a Manuel da Silva Mattos e 10\$000 a Jorge de Menezes Vieira Coelho.

Estão promettidas a esta escola mais duas cadeiras que a elevarão á altura d'um curso superior de commercio.

As gallinhas e o seu tratamento

E' uma das coisas mais indispensaveis á boa dona de casa que tem creação saber o modo como ha-de escolher e os remedios a fazer em caso de doença especial dos animaes.

A creação de gallinhas, para dar algum proveito, exige muitos cuidados e uma grande experiencia. Para quem quizer fazer negocio, n'estas condições pôde auferir 50 por cento de lucro.

Não damos aqui uma lista completa de raças porque seria isso impossível n'um jornal como o nosso que tem variados assumptos a tratar. Limitamo-nos a apontar as melhores, que dividimos em 5 grupos principais:

Gallinha commum: E', como o seu nome indica, a mais trivial. Pennas de todas as côres; pequenas, põem ovos pequenos. O gallo, pelo contrario, tem uma plumagem brilhante.

Hardan: Uma das mais apreciadas. Pintainhos pretos e brancos. Desenvolvimento muito rapido; carne fina, engorda-se facilmente. Boa poedeira, 120 a 130 ovos por anno.

Gallinha de pôpa: Originaria da Normandia. Desenvolvimento muito rapido, engorda facil. O pintainho tem pôpa branca e preta, lombo preto e peito amarello. Carne muito tenra. Põe cerca de 120 ovos por anno. Muito má para chocar.

Flecha: Pennas completamente pretas; pintainhos pretos de peito branco. Desenvolvimento lento, engorda muito facil, carne muito branca. Devem ser creadas n'um terreno secco, clima temperado. Põem por anno cerca de 140 ovos.

Anã: Raça do campo, desenvolvimento rapido; boa poedeira; cerca de 140 ovos por anno. Boa para chocar.

Bresse: 2 variedades 1.^a, a *Bresse preta*, a melhor das duas, muito trivial no campo, desenvolvimento rapido, engorda facil. Uma boa carne. Boa para chocar, excellente poedeira, 160 ovos por anno. 2.^a *Bresse cinzenta*, tambem muito apreciada. Põe menos e ovos mais pequenos, e não se pôde pôr no chôco.

Dorking: Excelente, desenvolvimento rapido, engordando bem, excellente carne. Ha uma infinidade de variedades; as principaes são: *branca, prateada e doirada*. E' boa poedeira, 130 ovos por anno.

Gallinha do campo: Desenvolvimento lento, põe de 130 a 180 ovos por anno e não serve para o chôco.

Padua: Uma bonita pôpa, plumagem magnifica, formas elegantes.

Hollandeza: Muito apreciada na Hollanda, espalhada no campo, põe bem e quasi nunca chôca.

Gallo de combate: A verdadeira raça nacional em Inglaterra. Aves muito raras. Muitas variedades; a mais notavel é a das *aças de pato*.

Hespanhola: Bella raça d'amador, boa poedeira, 160 ovos por anno. Má para chocar.

Leghorn: Originaria da Italia, 190 ovos por anno. Nunca chôca. Pintainhos faceis de crear, de uma plumagem muito preta.

Cochinchina: Introduzida da China na Inglaterra em 1843, como em França em 1846. Dá-se muito bem no



campo. Carne mediocre. Boa poedeira e excelente para o chôco.

Brahm: Superior á precedente. Desenvolvimento lento, carne má. Boa poedeira, boa mãe.

Langs-han: Muito rustica, desenvolvimento rapido, excellente carne. Boas poedeiras de inverno, dando de 120 a 130 ovos; excellentes mães.

Malaia: Originaria das Indias. Boas poedeiras.

As mais procuradas são: *Phenix, Yokohama, Sumatra, Sultana, Preta, Bantam, Caucaso, de Pekim, de Nagasaki. Anã da Escossia, Anã de combate, etc.*

A CREAÇÃO DAS GALLINHAS

Compreende 2 phases : 1.º *A Licubação dos ovos* ; 2.º *a Creação dos pintainhos*.

A criação é natural, ou *artificial* quando a eclosão se obtém por meio de um apperelho chamado *chocadeiras*. A eclosão dá-se no 21.º dia ; por excepção, alguns pintainhos rompem a casca ao 20.º dia.

Alimento dos pintainhos : Deve dar-se-lhes quatro comidas : ás 5 e ás 11 horas da manhã ; ás 2 e ás 6 da tarde. Não se lhes deve dar de comer nas 24 horas que se seguem á eclosão. Nos primeiros quinze dias deve dar-se-lhes miolo de pão muito miudo misturado com salada cortada em bocadinhos.

Se os pintainhos estão doentes, dê-se-lhes fortificantes, como pão molhado em vinho, uma massa de farinha misturada com coração de vacca cozido em agua.

Alimentação dos adultos : Varia, segundo estes são destinados á postura ou á engorda. Para a postura, deve ser quente, em grãos farinheiros ; para a engorda, grãos farinheiros e massas.

Os melhores grãos a dar ás gallinhas são : o trigo, o milho, a aveia. Emquanto pozerem deve dar-se lhes folhas de azedas ; os ovos adquirem assim uma casca mais solida. As saladas, no verão, são excellentes como alimentos refrescantes. De inverno, uma massa de batatas cozidas misturada com farinha de milho, de cevada, de trigo ou de arroz. A engorda realisa-se dando um alimento abundante.

Geralmente, nos frangos, a pelle dos peitos é lisa e coberta de escamas miudas e brilhantes ; nas gallinhas de idade, a pelle é aspera e grosseira e a unha do ultimo dedo está muito gasta. Os frangos têm debaixo das azas uma pennugem comprida e macia, que já se não encontra nas que tem mais de um anno. Passada esta idade,

tambem se não distinguem as veias debaixo da pelle, que, em vez de ser fina e roxa, se torna secca e um pouco farinhenta.

A hygiene geral é a melhor precaução a tomar para evitar o desenvolvimento das seguintes doenças :

Diphtheria. — E' a doença peor. Deve pôr-se a gallinha doente n'um sitio bem secco e fazer-lhe engulir muito miolo de pão passado por manteiga fresca e molhado em oleo de ricino. Gargarejar em seguida com um pincel molhado em tintura de iodo. Esfregar os olhos atacados com agua de flôr de laranja. Quando o animal come, alimentação tónica, bebida adicionada por litro de 2 grammas de acido sulfurico ; desinfecção muito a capoeira.

Cholera das gallinhas. — A insalubridade das capoeiras, as bebidas impuras, os grandes calores favorecem o desenvolvimento d'esta doença. Como preservativo, dar aos animaes em cada litro d'agua 50 grammas de sulfato de ferro. Alimento abundante, tonificante e sem verdura. A' comida do meio dia adicionar uma pitada do seguinte : pó de quinquina 30 gr. ; pó de gengibre 40 gr. ; e genciana amarella pulverisada 20 gr. Desinfecção completa da capoeira.

Gosma. — Ulceração de uma pequena cartilagem situada na ponta da lingua. Cauterisar as partes doentes com um pincel molhado em summo de limão ; um leve purgante de oleo de ricino.

Tosse. — Purgantes d'oleo de ricino, cozimentos amargos.

Indigestão. — Deixar o animal em liberdade e dar-lhe todos os dias uma colher d'agua salgada.

São estas as principaes doenças das gallinhas. Muitas outras ha que não podemos enumerar por causa da falta de espaço de que dispomos ; mas como são menos comuns, não achamos indispensavel dal-as n'este lugar.

SANTA ISABEL

(LENDA CHRISTÃ)

Esbelta, a mais formosa das rainhas,
que em todo o céu da Europa se abrigavam,
tinha raios de luz, dava esmolinhas
a quantos pobresinhos a imploravam ;
dava vestidos, joias, dava o pão
a miseros famintos quasi nus,
onde a fome habitava era o clarão,
o desejado bem do coração,
era a doce alegria de Jesús.

Todos a viam nos salões doirados
em passeios, alheia e pensativa,
sempre, sempre absorvida em seus cuidados...
scismando em minorar a sorte esquiva,
ao orfão inditoso, aos desgraçados,
sempre, sempre absorvida em seus cuidados...
todos a viam nos salões doirados,
buscando pratas, procurando *adresses*,
para dar ao faminto, ao infeliz,
orando sempre, recitando preces,
da alma candida, da côr do liz.

E a caridade da rainha santa,
em dar aos pobres, — flor's do seu jardim —,
ia sempre augmentando ; sempre tanta,
a caridade da rainha santa,

que El-rei havia fatigado, emfim.

Mas a excelsa princeza, sempre em zelos
por mitigar a dôr aos desgraçados,
era sempre absorvida em seus cuidados...
era sempre absorvida em seus anhelos...
todos a viam nos salões doirados,
e ao longo dos jardins de verde oláia :
A soccorer os pobres se consola
de prazer infindo.

Diz a áia :

«Real Senhora, um pobre pede esmola !»

E a formosa rainha, boa e santa,
tira o collar per'lino da garganta
e corre ao desgraçado, em goso méro.

Mas eis que de improviso surge El-rei
e exclama duramente, em tom severo :
«Senhora, que levas ahi ? dizei !»

Mostrando a esmola para o desgraçado,
que em pétalas se havia transformado,
a bondosa princeza, em gesto lindo,
abre aos olhos de El-rei o seu regaço
e com doçura murmurou sorrindo :
«Eu levo flôres do jardim do páço...»

ALBERTO DE MADUREIRA.



A' VOLTA DO TRABALHO, quadro de Hans Dahl



COLUMBIA CLUB

APEZAR do máu tempo realisou-se no domingo passado o passeio velocipedico a Bucellas, promovido por este Club, sendo a partida official do Campo Grande onde o Club tem a sua séde.

As chuvas cahidas na madrugada fizeram prever o estado intransitavel de algumas das nossas estradas, mas os ousados cyclistas dispostos a arrostar com todos os perigos, seguiram sempre conseguindo chegar ao terminus do passeio.

O almoço, abundantissimo, e esplendjdamente servido, correu muito animado, trocando-se entusiasticos vivas á velocipedia, á *Casa Columbia*, aos *Clubs Portuguezes* a *J. de Carvalho Augusto do Brandão*, ás fabricas *Columbia* e *Harsford*, etc., etc.

Terminado o almoço e com receio de alguma chuvada os cyclistas retiraram para Lisboa onde chegaram ao cahir da tarde animados e bem dispostos mas cheios de lama.

* *

José d'Orey o campeão cyclista e representante em Lisboa das celebres machinas *Cicledor* vae instalar a

ATHENEU COMMERCIAL

Estava tambem annunciado para o passado domingo um passeio velocipedico a Queluz promovido pela secção de Velocipedia d'esta symphatica e importante agremiação. O tempo, porém, afastou alguns dos cyclistas inscriptos e por isso o cortejo foi menos numeroso. No entanto o passeio realisou-se e ao almoço reinou a alegria e animação propria dos symphaticos rapazes, que tiveram a acompanhal-os o prestimoso socio d'aquella collectividade G. A. Nunes.

Trocaram-se ao almoço muitos brindes e reinou durante elle uma verdadeira fraternidade, ficando todos satisfeitissimos.

* *

José Bento Pessoa, o valente corredor velocipedico, campeão da peninsula, acaba de propôr um desafio a um dos melhores corredores francezes para um match que deve ter logar n'um dos velodromos de Hespanha e cujo premio ao vencedor é uma somma importante.

Temos a esperanza de que, a realisar-se o match, o nosso compatriota, gloria da velocipedia, sahirá triumphante para honra e satisfação de todos nós.

NA BOCCA DO INFERNO

Porque soluças? que dôr enorme
T'espreme d'alma as lagrimas d'espuma?
Viste cahir, desfeitas com a bruma,
As tuas illusões? oh! dorme, dorme!

Nunca encontrei, mar, em praia alguma
Sentada á sombra de uma rocha informe,
A virgem loura que ao luar transforme
Os teus soluços em crystaes d'espuma?

Quando te cava o dôrso a quilha aguda
Da nau que vae, n'uma carreira muda,
Em demanda d'um porto a descansar,

Tu, como eu, ó grande mar afflicto,
Não sentes que és o misero proscripto,
Eternamente a arfar, a arfar, a arfar!...

ALMEIDA CAMPOS.

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

MARIA SABIDA

ERA uma vez um pae que tinha tres filhas: Alexandra, Laura e a mais nova era conhecida por Maria Sabida, pela maneira habil porque sempre se desembaraçava das situações mais criticas.

Um dia o pae chamou-as e disse-lhes :

— Vou fazer uma jornada de alguns mezes. Recomendando que tenham muito cuidado comsigo, e que não me dêem algum desgosto. A cada uma de vós entrego uma rozeira. Ella me informará do vosso procedimento.

E, lançando a benção ás filhas, abalou.

Passados alguns dias a ladina da Maria Sabida, olhando da sua janella para um jardim que estava proximo e que pertencia a um fidalgo, notou que havia n'elle formosissimas açucenas. Metteu-se-lhe logo na cabeça ir furtal-as, e como nada a detinha, na proxima noite, quando as irmãs estavam deitadas, desceu por uma escada e foi ao jardim. Ao regressar e quando punha o pé n'um degrau, ouviu uma voz suave como o perpassar da briza :

— Bravo, minha gentil vizinha ! Gosta, então, de flores ? Pois ha de fazer-me a honra de me acompanhar no meu passeio pelo jardim,

Era o filho do fidalgo que andava a compôr uma poesia.

Maria, vexada, opprimida, sem querer promover um escandalo, acompanhou o fidalguinho em toda a visita, mas sem dizer palavra. Elle recitava versos, falava-lhe de flores e amores, e ella sempre muito caladinha. Assim foram andando, até que chegaram a uma casa que ficava lá ao longe a um recanto do jardim.

O fidalguinho sorriu-se exquisitamente e disse :

— Vamos vêr agora o meu cavallo de combate ? Entre, formosa flor !

— Tenho medo ! respondeu ella com voz sumida.

— Eu entro adeante. Não tenha medo.

Mas logo que o fidalguinho entrou, Maria Sabida puxou a porta, fechou-a e safou-se muito lepida para o seu quarto.

Entretanto, o fidalguinho bradava que lhe accudissem porque o cavallo o escouceava até mais não.

Passados dias, eram umas camelias que tentavam Maria Sabida. Como não sabia ter mão em si, desceu de novo, mas, segunda vez, foi apanhada.

Nova passeata pelo jardim, mas o fidalguinho não lhe apanhou palavra.

— Entremos agora no canil dos meus cães de caça, flor !

— Tenho medo, disse ella.

— Entremos a par, não vá fazer me o mesmo que da outra vez !

E entraram ambos ; mas Maria, de repente, deu um empurrão no fidalguinho e safou se, fechando-lhe a porta.

D'ahi a pouco não se ouvia senão os cães a ladrarem. e o fidalguinho a gritar.

Passados dias, uns formosissimos cravos tentaram Maria. Nova descida, novo encontro, e novo passeio.

— Agora, disse o fidalguinho, ha de levar-me lá cima ao seu quarto ; mas como não quero que me fuja, subi-rei segurando-me ás tranças dos seus formosos cabellos.

E Maria subiu, levando dependurado das suas tranças o feliz fidalguinho.

Já o fidalguinho ia quasi a alcançar o parapeito da janella, quando Maria, tirando da algibeira uma thesoura, cortou as tranças e catrapuz ! o pobre do fidalguinho bateu com as costas no chão. Esteve tres mezes de cama.

Entretanto, o pae de Maria regressava, e, antes de mais nada, queria vêr as roseiras ; mas oh desgraça ! a roseira de Maria estava secca !

Metteu-se Maria immediatamente na cama, e disse ás irmãs que fossem adeante, e quando o pae entrava no quarto, já ella tinha em seu poder uma das roseiras, da irmã mais velha. O pae não percebeu a troca.

O fidalguinho, porém, tinha jurado vingar-se, e logo que se curou do trambolhão foi pedir Maria em casamento.

As irmãs, que estavam ao facto das diabruras que ella tinha feito, aconselharam-n'a a que não acceitasse o casamento ; ella, porém, agradeceu, mas não quiz saber dos conselhos das irmãs, visto que gostava do noivo.

Fez-se o casamento, e na noite das bodas, quando se estava no auge do baile, Maria, fingindo-se doente, sahio do salão e foi para o seu quarto. Metteu dentro da cama uma boneca de cera que parecia ella tal qual. Em seguida, escondeu-se debaixo da cama e esperou.

Alta noite entrou o fidalgo todo enfurecido, e exclamou :

— Até que, finalmente, me posso vingar do que me fizeste, grande málvada ! Vaes pagar com a tua vida todas as tuas judiarias ! Lembras-te do dia em que me fechaste na cavallariça dos meus cavallos, onde fui escouçado ?

A boneca moveu a cabeça affirmativamente.

Era Maria Sabida que tinha atado um cordão por debaixo do queixo da boneca e puxava por elle.

— Lembras-te do dia em que me fechaste no canil dos meus cães de caça, onde fui mordido ?

Novo movimento affirmativo com a cabeça da boneca.

— E lembras-te do dia em que cortaste as tuas tranças e eu bati com as costas no chão do meu jardim ?

Ainda novo movimento affirmativo.

— Pois bem, eleva o teu pensamento a Deus porque vaes morrer. Pede-lhe que te perdôe e a mim, que te vou matar.

E tirando d'um punhal cravou o no peito da misera... boneca.

Mas, oh pasmo ! Ao tirar o punhal da ferida, salta d'ella uma golfada de mel que inundou completamente os labios do fidalguinho.

Era ainda Maria Sabida que tinha mandado encher o peito da boneca de saboroso mel.

O fidalguinho lambeu-se todo enternecido e disse :

— Ah Maria Sabida, Maria Sabida ! Doce na morte... amarga na vida !... Quem me dera vêr-te aqui viva !

— Pois se me quer viva aqui estou, disse uma voz suave como o gorgojo d'uma ave.

Era Maria que sahia debaixo da cama.

O fidalguinho apertou-a docemente nos seus braços e disse :

— Maria Sabida ! Serás minha toda a vida !

E nunca houve casamento mais feliz !

J. D'ATHAYDE.

PATRIA

Sem alma, a mãe patria, o torturava !
D'espinhos nús cravava-lhe os caminhos !
E em vez de ternos, maternos carinhòs,
O nome seu humilde, — deshonrava !

Uma manhã, na hora em que raiava,
O claro sol, n'um claro céu d'arminhos ;
— Como contraste ao cantico dos ninhos,
N'um choro, — a mãe patria abandonava !

Mais tarde, com sublime indignação,
No alto d'escalvado, alheio monté,
— Jurar-lhe quer eterna maldição !

Não ha porém poema que bem conte
Seu grito d'amor, d'alma e coração ;
— Ao vêr tão longe o patrio horizonte !...

O CAÇADOR CAÇADO



— Uma vespa! Vamos vêr se a apanho.



— Caes...



— Até que a apanhet.



— Onde se metten ella?



— Ai, ui, ui!

COISAS ALEGRES

D. João V passeava um dia, disfarçado, pelo Terreiro do Paço. Viu o rei que, d'um bote que havia chegado ao caes, saltára um clérigo que, a julgar pelas apparencias, parecia ser da provincia: não quiz perder o ensejo de lhe dirigir a palavra para se divertir um pouco, conforme o seu louvavel costume, e para isso, fazendo-se encontrado com elle, e encetando a mais familiar conversação, perguntou-lhe que negocios o traziam por alli.

O presbytero respondeu, que vinha implorar ao rei a concessão do beneficio de...

— E se elle estiver já dado, replica o desconhecido?

— Então peço-lhe o de tal.

— E se tambem estiver provido?

— Contentar-me-hei com o de tal.

— Imagine ainda que o rei lhe diz que está dado tambem.

— N'esse caso mando-o redondamente á...

— Basta, basta.

Separaram-se

No primeiro dia de audiencia, apparece o nosso clérigo perante o monarcha, repete lhe um por um os mesmos requerimentos que havia já dito ao incognito, e oh! surpresa! recebe do fidelissimo as mesmas negativas, que no outro foram apenas hypotheticas.

Esta coincidência desperta altamente a attenção do nosso provinciano, que por fim, caindo em si, não só reconheceu no proprio rei o desconhecido mas até terminou por dizer-lhe:

— Pois, senhor, o dito, dito, lá no Terreiro do Paço!

Valeu-lhe a liberdade ser logo despachado, e pouco depois estava de posse do melhor dos taes beneficios.

N'uma companhia em que se achava o nosso famoso Morgado d'Assentiz, entrou um dos mais famigerados mentirosos da capital. Saudando este com a formula sacramental — «Muito bôa noite, meus senhores». — o Morgado voltando-se de repente para uma creada, disse: «Abra as janellas que já é dia».

Um soneto de J. J. do Amaral:

Meu bem, de ti ausente ando perdido,
E vejo-me, senhora, em tal estado,
Que hei de morrer e ser logo enterrado,
Quando Déus permittir e fôr servido;

Quando durmo de noite, é só despido;
Ando tão magro, que pareço inchado;
Té depois que de ti vivo apartado,
Nunca mais comi pão, senão cosido;

Não posso pregar olho em todo o dia;
Como só os guisados que apeteço;
Tanto pôde a voraz melancholia!

E chega a minha dôr a tanto excesso,
Que quando tomo neve é sempre fria;
Olha os trabalhos que por ti padeço!

*

* *

Um jornalista independente disse uma vez a um seu collega que andava sempre mettido pelas secretarias atraz dos ministros:

— Se te sujeitasses como eu a comer uns feijões, escuzavas de andar a bajular os ministros.

Ao que o outro respondeu:

— E tu, se te sujeitasses como eu a bajular os ministros, escuzavas de comer feijões.

*

* *

Bocage, o rei dos improvisadores portuguezes, achava-se n'uma sociedade, onde um poeta de cans, e todo recheado de erudição, moia o auditorio com poesias historicas, notaveis pela emphase e pela sempororia.

Apenas este se interrompeu para respirar, levantou-se Bocage e exclamou: — «Se eu não componho versos eruditos como este senhor, é porque não quero, e não porque não saiba; e para prova lá vae:

Quando os povos da Dalmacia
Quizeram entrar na Grecia,
Sahio muita gente secia
De casa do Rei da Thracia:
Estes, temendo a falacia
D'alguns pimpões da Fenicia,
E receiando a malicia
De gente tão pouco socia,
Se foram para a Beocia,
P'ra se curar da ictericia.

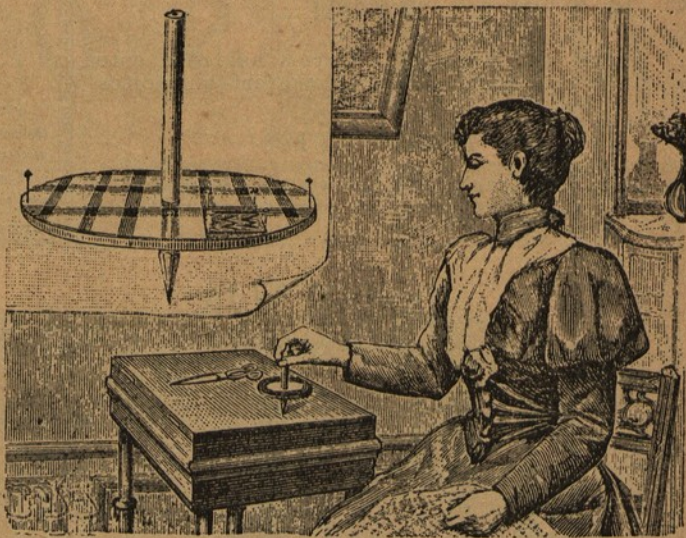
UM COLLECCIONADOR.

SECÇÃO RECREATIVA

MEIO DE MATIZAR OS ESTOFOS

Para matizar os estofos com um bordado ou um ornato qualquer, arranje-se um fundo de caixa, redondo, de cartão; recorte-se um circulo de 10 centimetros, pouco mais ou menos, de diametro. Atravesse-se o centro d'esse circulo com o bico de um lapis de 10 centimetros de altura, cuja ponta passe 3 centimetros abaixo do circulo (estas medidas não são rigorosas; podem empregar-se outras), e colle-se o circulo ao lapis, com obreia.

Recorte se no estofa, liso ou entrançado, um circulo de igual tamanho; faça-se um buraco no cartão e passe-se o lapis atravez d'esse buraco de modo que o estofa cubra o cartão, ao qual se pregará com alfinetes. Fazendo gyrar rapidamente o circulo com a mão, ter-se-ha o tom geral do estofa, se este é composto de desenhos de diversas côres. Para vêr se o bordado está bem matizado, corta-se um pequeno quadrado de 2 centimetros que se collará na borda do circulo d'estofa. Fazendo gyrar o circulo de cartão, não se verá, se a escolha foi boa, se não uma côr. Se a escolha deixa a desejar, o circulo terá em roda uma corôa mais clara ou mais carregada que a côr geral, avisando assim que os dois tons não se harmonisam. No caso em que se procure uma côr berrante, a mesma experiencia fará



vêr se a juxtaposição do circulo e do anel exterior, de côr differente, dá dois tons que digam bem um com o outro

OS ANNUNCIOS



PARA O

Branco e Negro

Recebem-se na Livraria do editor A. M. Pereira só até segunda-feira de cada semana, para sahirem no numero do domingo immediato. A grande tiragem que hoje tem o BRANCO E NEGRO, e os aumentos que acaba de soffrer desde o n.º 79, fazem com que nos seja indispensavel começar a impressão da folha dos annuncios na terça-feira de cada semana.

Os preços são: uma pag. 7:000 rs.; $\frac{1}{2}$ pag. 4:000 rs.; $\frac{1}{4}$ de pag. 2:000 rs.; $\frac{1}{8}$ de pag. 1:000 rs. Repetições teem 25 % de desconto.

Dada a enorme publicidade do BRANCO E NEGRO, que é hoje o jornal illustrado de mais larga divulgação em todo o paiz e em todo o Brazil, é desnecessario lembrar aos annunciantes as vantagens que pôde trazer-lhes o annuncio n'este jornal, annuncio que fica, que se conserva, que é sempre visto e sempre lido de milhares de pessoas. E a razão é simples: o BRANCO E NEGRO é jornal que o leitor conserva e collecciona, que lê e folheia com interesse, nas horas do descanso, da 1.ª á ultima pagina, e que ainda no fim do semestre manda encadernar, ao passo que as folhas diarias, lidas de corrida, de manhã, mais por necessidade do que para recreio, ninguem as conserva, ninguem mais as relê, e portanto, em geral, o annuncio alli passa despercebido á maioria dos leitores.

O CHARADISTA

AVEIRO

O primeiro jornal charadístico que se publica em Portugal

Todos os charadistas devem assignar este jornal, para melhor passarem as noites d'inverno.

TRIMESTRE 300 RÉIS

Para mais esclarecimentos peçam o prospecto explicativo, que será enviado na volta do correio.

CASA DOS BORDADOS
DE
SILVA RODA & C.^A
161, RUA AUGUSTA, 165
LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA
E
ATELIER DE ROUPAS BRANCAS
(No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, matinees, penteadores, saias bordadas, enxovaes para noivas, collegias e recém-nascidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

RESISTENCIA,

ELEGANCIA

Premiada em diversas exposições

E VELOCIDADE

OPEL

A BICYCLETA DA ACTUALIDADE

DEPOSITO:

179, R. de Santo Antão, 181

LISBOA

Bateu
o record
do Mundo

Grande variedade de peças decora
tivas executadas sob a direcção do
grande artista

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Unica casa em Lisboa que vende as
verdadeiras e apreciadas
FIGURAS DO PORTO
feitas pelo primeiro artista no genero.

HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

Completo sortimento
em tabacoes nacionaes
e
estrangeiros

Grande variedade
em carteiras
para todos os preços

Venda de jornaes
e diversas publicações
nacionaes
e estrangeiras

R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5
(EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)

Boquilhas, cigarreiras,
cachimbos,
charuteiras e outros artigos

Variada collecção
de numeros
para todas as loterias

Artigos de papelaria,
bilhetes de visita,
agua de Canecas e Cintra,
velas de stearina

Os senhores collecciona-
dores de sellos encontram
sempre n'esta casa um bom
fornecimento para escolher.

A MODA

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —
JOÃO JOSÉ MARTINS

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de
todos os artigos do seu commercio por
PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS

172, RUA DO OURO, 174

LISBOA

JOSÉ HENRIQUES TOTTA

SUCCESSOR DE

FORTUNATO CHAMIÇO

CASA BANCARIA

E

AGENCIA DA COMPANHIA

DE

SEGUROS GARANTIA DO PORTO

75, 1.º — Rua do Ouro — 75, 1.º

LISBOA

Branco e Negro



A SUISSA MITIGANDO AS DORES DE STRASBURGO
(Grupo em marmore, de Bartholdi)

PREÇO 50 RÉIS

N.º 90

JÁ ESTÁ Á VENDA O

ALMANACH

DO

Branco e Negro

PARA

1898

1 Volume, preço 200 réis

Pedidos á Livraria de A. M. PEREIRA, rua Augusta, 52, Lisboa

Valentim Magalhães

A LITTERATURA

BRAZILEIRA

Esboço critico seguido de excerptos documentaes em prosa e verso; formando além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosadores brazileiros contemporaneos.

1 Volume adornado de muitos retratos, brochado, 600 réis; com uma linda encaenação 800 réis.

Livraria de A. M. PEREIRA — Editor

52, RUA AUGUSTA, 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 90

LISBOA, 19 DE DEZEMBRO DE 1897

2.º ANNO



O DR. GARCIA MONTEIRO

MEDICO PORTUGUEZ EM BOSTON

AUTO-BIOGRAPHIA (TRECHOS DE CARTAS SUAS)

(Vidè o artigo no numero antecedente)

New-Bedford 11 d'agosto, 1884.

... Como V. vê não parti para S. Francisco. Mal embarquei n'esta cidade ao cabo d'uma viagem de 40 dias na barca Veronica, soube que o Vicente da Virgem Maria fugira para a California, onde tentava publicar um jornal. Foi para o ajudar n'esta tentativa que elle me convidou, e isto sem ter vintem para montar typographia, nem para as menores despesas das primeiras necessidades. Veja V. com quem eu me ia metter! Deramme conselho de ficar por aqui, onde pelo menos poderei ganhar o bastante para viver sem privações...

E' por meio d'um jornal que calculo ganhar o bastante para poder viver... Ficarei n'esta cidade, onde tenho um sujeito portuguez que me protege. Mostrou-me vontade de se publicar um jornal portuguez. A colonia portugueza aqui é já numerosa...

Esse jornal será o *Luço Americano* que se publica em Boston e é transferido para aqui, formando o proprietario sociedade conmigo: é um pobre diabo, muito religioso e honrado. Tem a mania de sustentar o seu jornal, embora lhe não dê nunca um vintem de interesse.

Ainda que se veja a morrer de fome, ha-de sustental'o sempre, porque elle é o seu regalo, a sua alegria, o seu sonho. V. pode bem avaliar o contentamento que elle sentiu, encontrando-me para lhe redigir o seu periodico. Disse-me as difficuldades todas com que luctou no começo; mas sempre animado, sempre com a esperança de que um dia havia de chegar uma pessoa que o ajudasse, que lhe escrevesse bem o jornal para então poder alcançar um grande numero d'assignantes e sustental'o em bom pé. Sebastianismo!... Elle é que o compõe juntamente com um rapaz, filho de S. Miguel. A impressão será feita na officina onde se imprime um dos jornaes americanos d'esta cidade.

New-Bedford 4 de novembro de 1884.

... V. ha-de ter recebido já alguns numeros do *Luço Americano* onde figura o meu nome como unico proprietario. E' verdade, comprei o jornal, porque o tal Xavier é um pobre diabo sem actividade e eu não estava disposto a trabalhar para elle só.

Tenho luctado com difficuldades, porque o jornal, pela irregularidade da distribuição e pela collaboração insipida, pouco noticiosa, não tinha assignantes que dessem para o custeio. Agora é que elles vem chegando, mas devagar. O *Luço Americano* caiu n'um grande descredito e para o levantar no espirito d'esta gente, geralmente ignorante e tapada, levarei algum tempo; mas tenho esperança de tirar bom resultado.

Quanto á feição litteraria do jornal, vejo-me embaraçado. Quero contribuir quanto me seja possivel para o desenvolvimento intellectual da nossa colonia, mas os nossos irmãos não querem senão noticias e bernardices. V. não faz ideia; é necessario dar-lhes em pequenas doses as ideias modernas.

Por isso não estranhe V. que eu, por emquanto, falle ainda em festas de egreja e coisas de indole parecida.

Boston, 12 de junho de 1885.

... Aquella fortuna por meio do jornal, foi antes uma ruina. Esperava encontrar a felicidade n'este paiz e tenho tido uma vida tristissima, amargurada, como nunca tive. E não é porque eu não me tenha esforçado, não tenha feito o maior empenho para realizar o que tanto ambicionava e ambiciono. Ultimamente limitei a minha ambição a ganhar o necessario para viver e tenho lutado, mesmo assim, com serias difficuldades.

O jornal acabou, porque não pude absolutamente sustental-o. Fiz sacrificios, ao ponto de me alimentar mal, para empregar todo o dinheiro de que podia dispor nas despesas mais urgentes, que eram: composição, impressão e papel; mas nem assim foi possivel aguental-o. Experimentei todas as formas possiveis de redacção, exclusivamente reduzi o preço da assignatura a metade, e o numero de assignantes nunca deu para pagar sequer ao typographo!

Já vê você que não foi minha a culpa. Se você visse o modo porque trabalhei, o modo por que vivi, para bem d'esta colonia de hypopotamos, você admirar-se-ia do quanto aquelle bohemio se sacrificou.

Ah! meu amigo! é desenganar que serei sempre um infeliz. Por um lado tenho essa alegria, passageira, muito ephemera, do modo por que apreciam os meus versos; mas isso não basta para me tornar feliz, porque é necessario comer. Ainda ha poucos dias chegou-me ás mãos um exemplar do supplemento litterario do *Correio da Manhã*, em que Fialho d'Almeida publicou um artigo a meu respeito. Não sei se você o leu. Senti uma satisfação intima, lendo essas palavras que não foram encomendadas; mas esta boa impressão pouco durou porque tornei a cair em mim e a ver-me na minha situação esmagadora.

Actualmente nada tenho que fazer, porque não tenho podido encontrar trabalho, mesmo material. Já me offereci para trabalhar de typographo, mas agora as officinas não admittem ninguem e até estão a despedir empregados, porque pouco ha que fazer. Chamam a esta epoca *duel season*, isto é, estação má.

Este paiz está passando por uma crise terrivel, para os operarios.

Você aprecia a minha situação e as amarguras, as tristezas que tenho sentido. Accrescente a isto a impressão dolorosa que me causou a morte de minha irmã e cuja saudade me lanceia de momento a momento.

Não tenho vida possivel n'este paiz. Você comprehende que eu não posso absolutamente renunciar á vida intellectual e que só posso trabalhar em coisa que dependa do espirito, mesmo porque a minha organização não soffre um trabalho violento e quotidiano.

Tenho a ideia de cursar medicina. Creio que já mandei dizer isto a você. O doutor Bettencourt, natural de S. Miguel, prometeu auxiliar-me.

Se eu conseguisse alcançar a formatura de medico ficaria em posição de ganhar a vida rasoavelmente.

(Continua.)

UM RAMALHETE

Seja um lindo ramalhete,
Tecido por minha mão
O que te adorne e te enfeite
Para sempre o coração:

Um ramalhete de gosto,
Um primor de singeleza,
De tres florinhas composto
Sem rivaes na natureza.

A *modestia* peregrina,
Escondida entre a folhagem,
Na tenra haste se inclina
Ao soprar da leve aragem.

A *bondade*, tão mimosa,
Evola o fino perfume
Que entontece a propria rosa
N'um desmaio de ciume.

Orvalhada de candura,
A *virtude* reproduz
Toda a ineffavel doçura
D'um sorriso de Jesus.

Um ramalhete de flores
De tão grande estimação
Dissipa maguas e dores,
Desopprime o coração.

F. C. DE MELLO LEOTTE.

COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — O MOÇO DE ESQUINA, aguarella de Roque Gameiro

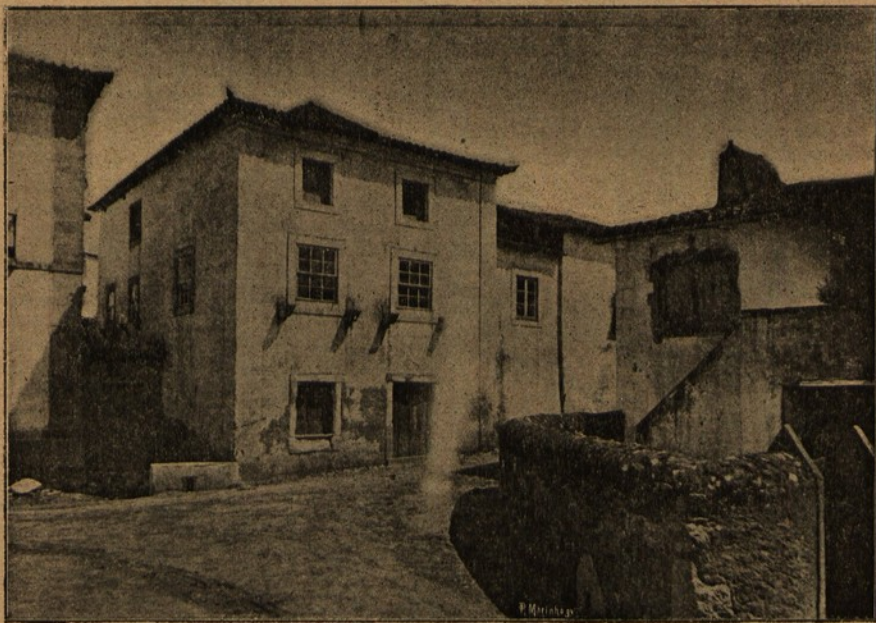
Dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro

Passou no dia 11 do corrente o primeiro aniversario do fallecimento d'este distincto poeta e homem de letras.

O dia 23 era o do seu anniversario natalicio.

sua homenagem á memoria do autor das *Es-parsas*.

Espirito tão illustrado, quão simples e des-pretencioso, o Dr. A. Xavier Rodrigues Cor-



CASA ONDE NASCEU O POETA

Bem escolhido é pois o numero correspondente á semana intermedia a estas duas datas, para o *Branco e Negro* prestar, por esta occasião, a

deiro votou sempre entranhado affecto á sua aldeia natal, as Córtes, esse amenissimo torrão á beira do Liz, onde o poeta tinha a sua bonita



CASA ONDE FALLECEU O POETA

ARREDORES DO PORTO

(TYPOS E PAIZAGENS)

COMO o homem do norte, pelo seu temperamento e pelos seus costumes, é em tudo differente do homem do sul, tambem as duas regiões por elles habitadas offerecem um contraste flagrantissimo nos seus aspectos, no seu viver.

Consequencia ou não da posição topographica e do clima da terra que habita, certo é que o homem do norte, na apparencia rude e intratavel, d'olhar duro e traços physionomicos definidos, musculatura forte, bem desenvolvida, esconde sob essa fria mascara de ferro, a par d'um caracter leal e franco, um coração sensivel como o d'uma creança.

Educado no trabalho e para o trabalho, não se deixando jámais amollecere no conforto descuidoso e sem canceiras d'uma vida ociosa e relassa que comsigo traz sempre a devassidão e a inercia do espirito, elle passa o tempo, de manhã á noite, dia a dia, n'um labutar honesto e constante.

E é assim que, de paes a filhos, a vida deslisa limpida e sem nuvens na estreiteza reciproca da mais santa affectuosidade de sentimentos, sob a luz acariciadora e meiga d'uma creança bemdita: a religião do lar e do dever como retrospectiva da grande e sublime religião de Christo.



CAMPONEZA DE AGUEDA



VENDEDEIRA DE LEITE (Arrabalde do Porto)

Succede o mesmo com a mulher. Forte, corpulenta, mas elegante, de côres sadias, talhe esvelto, linhas correctissimas, tal é o caracteristico da mulher dos arredores do Porto. E' aqui que se encontram as mulheres mais formosas de Portugal.

Quem alguma vez tenha vindo ao Porto, por certo deve lembrar se d'essas mocetonas d'olhos estonteadores e labios sensuaes que, em dias de feira, apparecem na cidade. São lavradeiras da Maia, de Oliveira do Douro, de Villar d'Andorinho, de S. Mamede d'Infesta.

E' um typo inteiramente differente da mulher do sul — da *saloia*.

O seu traje é gracioso, encantador: saia de castorina negra, collete amarello, verde ou azul, aos ramos, deixando vêr parte da graciosa camisa de estopa, muito branca; um grande lenço de côr bizarra traçado sobre o seio proeminente, e, por cima — é ahi que está o luxo de todas ellas! — grandes corações d'ouro filigranados, medalhas com flôres em relevo, trancellins d'ouro de varios tamanhos, mais ou menos grossos, cahindo do pescoço em gargantilha e as tradicionaes arrecadas, algumas d'um diametro espantoso, carregando-lhes as orelhas, e na cabeça, sobre o lenço de seda, graciosamente levantado na nuca, um pequeno chapéu de feltro preto, redondo, d'abas levantadas e debruadas a fita de velludo larga, muito rentes ao casco e adornadas a toda a volta: uns de pom-pons da mesma côr, outros de plumas de côres diversas.



MULHER DO CONCELHO DA MAIA – Photographia Biel, Porto

As vendedeiras ambulantes, que abastecem, a cidade de hortaliças, morangos e outras fructas são, na sua maior parte de Sant'Anna d'Oliveira, Villar d'Andorinho e S. Mamede de Infesta.

Posto que os typos variem mais ou menos d'umas para outras povoações, as mulheres apresentam todas o mesmo cunho de belleza — umas, mais langorosas, como as mulheres da Maia; outras mais vivas, mais ageis, mais robustas como são as padeiras d'Avintes — povoação ribeirinha situada a oriente, na margem esquerda do Douro.

Os arredores do Porto são já de si notaveis pela exuberancia da sua natureza. Sahindo da cidade e atravessando o Douro, depara-se-nos logo Villa Nova de Gaya — e lá no alto, á direita, alcandorada no cimo de um monte, a formosissima aldeia do Candal, sorrindonos aqui e além por entre a espessura do arvoredo, toda banhada de sol, com os seus chalets, os seus jardins floridos, as suas quintas, os seus pequeninos bosques.

Mais abaixo, e caminhando para o lado do mar, o Val da Piedade, tambem chamado Val d'Amores, que é um sitio encantador. Adeante logo, em frente de Lordello do Ouro, a Afurada.

Voltando para oriente, e ainda na margem esquerda do Douro, apparece-nos Sant'Anna d'Oliveira, Villar do Paraizo e outras aldeias que pela sua posição, pelo pittoresco das suas paizagens a nossa vista não se cança de contemplar, extasiada e embevecida.

Mesmo sem atravessar o Douro, outros passeios ha encantadores: A Maia e S. Mamede, por exemplo, onde a vegetação é luxuriante e fecundante, com traços negros de arvoredo, propriedades rusticas de primeira ordem e bellos panoramas.

Dou agora a palavra ao auctorisado escriptor José Augusto Vieira, na certeza de que a sua prosa limpida e vibrante melhor dirá e explanará o que em pallidas linhas acima deixo escripto.

ANTONIO SARMENTO.

*
* *

PÓDE visitar-se de trem quasi todo o concelho da Maia, sendo curtas as distancias a atravessar nas estradas dos concelhos limitrophes, ou mesmo facilmente transitaveis os caminhos, quando se pretenda andar a pé dentro do territorio do concelho.

Sahindo do Porto pela barreira da Ariosa, logo a estrada real de Guimarães penetra na freguezia de AGUAS SANTAS e a vae atravessando quasi até ás alturas da Travagem, já no concelho de Vallongo, passando entre outros no logar da Maia, o unico que tem este nome em todo o concelho, e onde é tradição que houve em tempos remotos um castello, que se diz ter sido o paço do infante Alboazar, o ascendente dos Maias.

A igreja de Aguas Santas, cuja torre destaca na vege-

Typos dos Arredores do Porto

Photographias da CASA BIEL & C. — PORTO



GAYA — AFURADA

VILLAR D'ANDORINHO

de acreditar, nem a honra do seu conhecimento senão através de traduções algarviadas e deshonestas.

E D. João da Camara evitou-nos tudo isso; deu-nos uma copia authentica do que por cá existe, falou-nos de coisas nossas e numa linguagem sã tão avessa ás plattas!

Concertada assim a peça, que é no todo esplendida e adoravel, documentemos com prazer a sua consagração, já quando a vênos alcançadora por um triumpho certo, a trepar ao asperrimo cêrro da gloria.

Isto posto, deixando para traz umas pequenas restricções e não nos movendo pela exigencia de melhor rotulo e de mais larga these, olhemos tão sómente para a *Triste viuvinha* tal como é, porque temos muito que vêr e applaudir do seu engenho e modelação.

Coisa singelissima o entrecho, cujo eixo, por não ser complicado, gira apenas em volta da saudade de um velho pae, delicioso como compleição, egoista talvez, se o quizerem, por se tornar avaro das recordações do filho morto, não vendo p'ra'môr da sua tristeza evocativa a dôr pacifica de sua nora, o amor a que ella de novo se prende esquecendo, já se vê, o luto de dois annos frios sem beijos, sem caricias. Canta o coração desta pobre viuvinha novas balladas, novos arrulhos, mas a concentração religiosa do sogro não a deixa criar esperanças de segundas nupcias com João de Alegria, filho de um velho amigo dedicado.

Este *sacrificiosinho* segundo a maneira de ver de uma velha tia rabugenta, que não fôge á regra, constitue todo o thema da peça e dá logar, como é bem de ver, a scenas pungentissimas de grande realce, prenhes de verdade, de contraste e de luz, porque é bem custoso tal sacrificio em quem possui um coração ao serviço de todas as chimeras da mocidade, um palminho de cara e uns olhos que entornam ternura a jorros.

A' roda desta infeliz menina vê-se uma engeitada, honesta e sadia, a qual é todo o enlevo de um primeiro sargento da guarda fiscal, curioso typo de caserna, pandeço ás direitas e que possui a magia de atarantar as moças com a guitarra na mão. Depois o pae de João da Alegria, velho militar inválido, character lhano, galhofeiro e um pouco heretico... a contrastar com o velho pae saudoso e absorvido na sua dôr, todo conservador e catholico, atirando para latinista depois de aposentado do tabellionato.

Marcada d'est'arte a individualidade de cada personagem nos quaes, é licito dizer, não falta um pormenor, nem cresce um detalhe, entremos, pelo primeiro acto, no interior de casa do baixo Alemejo, habitação de Rebello tabellião; e vá de travar conhecimento.

A viuvinha escova um chaile e prepara-se para ir resar sobre a campa do seu defunto marido, que foi d'esta para melhor, ha já dois annos; o sogro e a tia tentam consolal-a, mas aquelle ainda assim fica satisfeito com essa amargura que reputa a mais bella fidelidade á memoria de seu filho. No emtanto, a nora pensa em João da Alegria e lá vae arrastada até ao cemiterio. Rebello fica em casa a ensinar á tia Maria do O' uma canção de egrêja e os dois começam de trautear repetidas vezes:

Nome de Maria
Tão bonito é,
Salvae a minha alma
Que ella vossa é.

Neste comenos entra o galhofeiro alferes reformado que desata p'ra allí a dizer heresias que irritam Rebello e a velhota; trava-se uma perlanga. Este appella para livros certos, aquelle para Voltaire, zangam-se, alteram-se, mas, afinal, com a vinda da engeitada Assumpção, os caturras começam a rir p'rá pequena e esquecem tudo. Não tarda a ouvir-se ao longe um toque de guitarra e apparece, pouco depois, o primeiro sargento Barros, de guitarra em punho, e, com elle, João da Alegria. Rebello offerece a todos um copo da rija e Barros faz uma saude com os logares communs do estylo.

A viuvinha volta do cemiterio, o seu namorado aproveita a occasião do calor rhetorico das saudes para contar á namorada as phases do seu coração, mas ella assusta-se, por via do pae. Depois anoitece e todos se retiram. Emquanto a tia rabugenta prepara uma assor-

da de coentros, Rebello chama a filha para o seu lado e faz que ella leia umas paginas de Vieira. O trecho versa sobre a eternidade do amor e Rebello pondera que o amor verdadeiro deve ser eterno, porque se ella esquecesse o defunto, nunca o amára. Como se vê, este final do primeiro acto é a synthese de toda a peça, porque é Rebello que, não vendo o que se passa ao derredor, cria toda a intensidade das scenas consequentes.

Tendo á esquerda um cemiterio, ao fundo a paizagem a perder de vista e mais para nós uma cisterna, começa o segundo acto a desdobrar-se. Rebello e a nora voltam á campa do morto. Perto d'alli anda Assumpção á cata de grilos. Chega o alferes e a tia e contam á engeitada os alheamentos da viuvinha, encarregando-a de saber pela bocca do sargento o que ha de verdadeiro nesta desconfiança. O Barros approxima-se, diz graças á engeitada que o repelle escandalisada e convencida de que elle gosta da sua amiga e protectora, e é isto que ella vae contar aos que lhe incumbiram o sermão. O alferes resolve-se a falar nisto ao seu amigo, fazendo-lhe ver a tristeza da nora que se definha a olhos vistos; mas quando se prepara para lh'o dizer, já levado por impulsos do seu bondoso coração, já por ser atidoço pela velhota, recebe de chofre o desabafo extraordinario d'aquella dor viva de pae, e, tanto um como outro, começam a chorar, lembrando coisas adormecidas.

Pouco depois, descobrindo que é seu filho e não o sargento que adora a viuvinha, ainda mais impossibilitado fica de o fazer.

O terceiro acto passa-se no mesmo local do primeiro. O sargento Barros entra para pedir a Rebello a mão de Assumpção que é sua afilhada, mas emquanto isto se não declara, o velho tem a suspeita de que a nora ama o sargento, mas logo se lhe desannuvia o rosto com o pedido formal do Barros, que solicita o consentimento para casar com Assumpção. E' então que apparece o alferes com o filho que vem despedir-se de Rebello a quem se não pôde contar os amores d'aquelles sacrificados á tranquillidade de um pae, cuja morte elles lhe preparavam com tal revelação. João da Alegria parte com o seu martyrio. A viuvinha fica a soluçar a cada toada dos guizos da diligencia que lhe leva o namorado, e assim termina este captivante drama, pelas palavras do velho que diz lembrando se do filho e abraçado á nora: «Pensemos agora n'elle!» E a viuvinha repete, pensando no vivo: *n'elle!*

O desempenho da peça foi de uma extraordinaria correcção; parece mesmo que nunca em D. Maria se assistira á audição de uma peça, cuja interpretação fosse tão harmonica e tivesse uma unidade tão bella de conjuncto.

Parece-nos, no emtanto, justissimo registrar o magnifico trabalho de João Rosa no altissimo papel de Rebello, que interpretou superiormente, dando-lhe todo o relevo, toda a luz áquella estranheza e alheamento das coisas como sca ccordasse de quando em quando, definindo, emfim, uma alma de um mystico e de um egoista na sua dor com uma consciencia, que é propria do seu bello talento.

Brazão magnifico no seu papel de alferes reformado; parece-nos que deve ser aquillo! lindas, de encantar, quasi todas as scenas que tem com João Rosa, com especialidade no final do 2.º acto.

Rosa Damasceno é tudo o que ha de mais encantador no adoravel typo de Assumpção.

Augusto Rosa não se esqueceu do typo de primeiro sargento da guarda fiscal; diz muito bem uma saude no primeiro acto e accentua bem o pedido de casamento do terceiro.

Carolina Falco, correcta e precisa em definir Maria do O', creatura rabugenta, mas sem mau fundo.

Laura Cruz muitissimo bem na interpretação de viuvinha. Como lhe ficam bem aquelle lucto, que deliciosa de amargura a expressão dos seus olhos na scena final da peça! E' o mais bello trabalho que lhe temos visto.

Carlos de Oliveira não foi muito feliz; tem pouco desembaraço, talvez por se achar ao lado de mestres; contudo, ouve-se no papel de João de Alegria sem irritar.

Em resumo, uma bella e adoravel peça e um magnifico desempenho.

AFFONSO GAYO.

tação opulenta da collina pela sua côr alva de neve, é uma das mais antigas do paiz, dizendo a tradição que foi reedificada já pelos Templarios. Em 1130 — diz Pinho Leal — existia a igreja de Santa Maria de Aguas Santas, tendo prior e collegiada; a 22 de fevereiro d'esse anno lavrou-se uma escriptura, em que o prior D. Armigiro se compoz com o bispo do Porto, D. Hugo II, dando-lhe um casal em Paramos (Feira) para resgatar a obrigação que tinha, de dar-lhe um jantar todos os annos. No logar do Mosteiro houve um, cuja fundação se ignora, mas que a

mais d'essas instituições religiosas, que propriamente de virtudes therapeuticas, que as aguas encerrem; pelo menos não encontrei noticia de que, á similhaça d'outras *aguas santas*, a chimica tenha de explicar o seu poder miraculoso.

Santas — lhes chamam tambem as airosas lavadeiras da localidade, que são as mais afamadas do Porto; mas é de presumir que seja para ellas um *reclame* á sua industria, tendo em mira, pela fama das *aguas santas*, conservar a sua clientella. Por isso o leitor encontrará pelas estradas, em todos os dias da semana, mas especialmente ás segundas feiras, numerosos ranchos das lavadeiras da localidade, carregando as trouxas pyramidaes da roupa branca.

Mas não é só a industria especial da freguezia; outras ahi se desenvolvem mais ou menos, contribuindo para a sua riqueza e prosperidade. Falaremos d'ellas no logar que a isso reservamos, indicando tão sómente ao leitor, que vae connosco em passeio, a porção espantosa de *dobadoiras* ou *sarilhos* que se vêem funcionar nos modestos interiores das casas de operarios; é que são quasi todas de Aguas Santas e das freguezias suburbanas as *dobadeiras* e *fiadeiras* que trabalham para as fabricas de tecelagem do Porto.

Chegando a Travagem, e ouvindo silvar em Ermezinde a locomotiva que arrasta o comboyo do Minho para o norte, não resistimos á tentação de seguil-os durante alguns minutos, visto fazer-se quasi todo o trajecto que vae d'alli a S. Romão em territorio da Maia.

Tres são as freguezias que marginam a linha ferrea, ou mais correctamente, que por ella são atravessadas. A primeira, á direita, é a de S. PEDRO FINS, nome que parece ser a corrupção do de S. Pedro Felix, havendo-se anteriormente chamado S. Perofins, como se lê em documentos de 1623, e S. Fins de Folgosa, que é o nome mais antigo que se lhe conhece. A linha ferrea passa junto ao logar de *Parcões* e quasi sobre o ribeiro do mesmo nome, *Rio de Paredes*, ou tambem chamado de S. Pedro Fins, que vae morrer no Leça, junto de Aguas Santas, tendo servido até ahi de mo-

tor a algumas azenhas.

Depois de se passar a aldeia de Leandre, avista-se para a esquerda a freguezia de SILVA ESCURA, ou melhor um como vasto mar de pinheiral, onde a onde parecem fluctuar, como n'uvios singrando nas ondas verde-escuras, uma ou outra aldeia ou capellinha, uma ou outra casa de lavrador abastado ou de *brasileiro* em descanzo. Assim nos apparece a aldeia de Friens e a antiga capella de Santo Antonio, que rapidamente fogem do campo visual, o que faz com que para a direita da linha nos voltemos tentando receber a impressão da collina, em que por entre pinhaes e carvalhas com vinhas de enforcado assenta a freguezia de FOLGOSA, em cujos logares do Olheiro, de Carvalho e de Villar a via ferrea vae passando. E' em Folgosa o principal centro de fabricação das cangas e jugos ornamentados, com que na Maia e concelhos limitrophes, e mesmo em toda a provincia se



VILLA NOVA DE GAYA — Mulher de Sant'Anna d'Oliveira
(Photographia Biel, Porto)

tradição diz ter principiado no seculo vi do christianismo. Foi duplex mais tarde, pertencendo então aos cruzios, mas porque a mistura de frades e freiras não desse bom resultado, passou em 1130 a ser exclusivamente de homens. Em 1300 foi extinto, passando a commendatarios, e como annos depois fossem expulsos de Jerusalem os cavalleiros do Santo Sepulchro, a estes o doou o rei D. Affonso IV no anno de 1340. Aqui fundaram logo os cavalleiros um hospital, sendo o unico de tal ordem que houve em todo o reino.

Mais tarde parece que o convento voltou ao poder dos cruzios e foi outra vez mixto de freiras e frades, e se conservou assim até 1492, em que D. João II o extinguiu, unindo-o á ordem de Malta, de que foi commenda. E' d'esta epocha naturalmente que data a reconstrucção da matriz.

O nome de *aguas santas* creio que veiu á freguezia



VILLA NOVA DE GAYA — Afurada — (Photographia Biel, Porto)

apresentam os bois. Uma vez já alludimos, no 1.º volume, ao *Estudo ethnographico* de Leite de Vasconcellos sobre a ornamentação dos jugos e cangas de bois. As cangas, devemos accrescentar, são as que servem o trabalho

de todos os dias; os jugos são como que o fato dominiqueiro do boi, e a ostentação vaidosa do lavrador. Na Maia, em especial, onde julgamos ter existido o culto estellar, essa ornamentação é característica.

THEATROS

«TRISTE VIUVINHA», PEÇA EM 3 ACTOS, POR D. JOÃO DA CAMARA

dos os primevos enthusiasmos, no goso de uma bella serenidade, póde-se, afinal, dizer o que é esta peça de D. João da Camara — um encanto! Nunca este velho e gasto substantivo crystallizou, por certo, tanta verdade.

Está-nos o coração a pular dentro do peito por agradecimento, por emoção e não basta affirmar o nosso respeito por esta encantadora efabulação conscienciosa, honesta e humana, é mister apothosar-a como digna de se hospedar na casa de Garrett.

Foram-se os enthusiasmos febris de uma platéa promiscua, retiram-se os snobs com estofos de alfayate e talento... nos peitinhos rutilos — para ficarem os esthetas, as creaturas intelligentes e capazes de se commoverem, a applaudir com amor a *Triste viuvinha*. O auctor de «Os velhos» merece este favor...

Temos deante de nós um drama — um feixe de scenas emocionantes,—de grande verdade, de delicado sonho, cuja impressão não é facil dizer com duas razões.

Para esmiuçar o que se passa a dentro de tres actos vividos, nos quaes a observação, naturalidade e factura são quasi perfeitas e impeccaveis, deixemos passar em alas essa meia duzia de creaturas, que urdem o drama perenne de candura, sentimental em-todo o seu percurso, sem oscillações, cerzido, finalmente, por trama onde se não esgaçou um fio.

Olhem os mais requintados de forma para esses actos cheios de interesse sempre crescente, para os dialogos quentes e brilhantes na urdidura, e digam onde está um pormenor que fatigue, uma scena que se não explique e acceite?!

Teem os mais exigentes o symbolo nessas duas raparigas: — uma a alegria, o sol, — outra a noite, a tristeza, a viuvez; nesses dois paes: — um a dedicação sob um gibão galhofeiro e faceto — outro o egoismo mystico da saudade, debaixo do seu luto eterno.

E' uma peça feita com o coração nas mãos. Toda ella se prende e une a um arc-bouço muito simples, muito para encantar; serve-a uma prosa honesta — uma sincera prosa portugueza a valer, aqui e alli polvilhada de bons ditos, de chalaça, mesmo, e toda essa prosa canta sob uma adoravel frescura de paizagem alemtejana.

Fica-se a gente alheada do vicio do drama burguez, da intriga adultera, do preconceito chato e commum a todas as bagatelas scenicas, onde surgem conselheiros, meninas chloroticas e pulhas domesticos. Não ouvimos as phrases melosas de Marquezas vetustas e principes heroes de meia tigela, não perigam as instituições e a carta constitucional dorme em repouso.

Isto quer dizer que a *Triste viuvinha* tem todos os encantos possiveis para nos afastar da vida macabra do mundo official, do grotesco, do politico, e que nos dá logar ao sonho sem realidade onusta e dolorosa. E, então, livre de todas essas esthesiantes farçadas, podemos passar os olhos á vontade por estes actos fóra, de ouvido á escuta, attentando em cada personagem, ouvindo o que elles dizem, sem nos doer que algum dos actos, seja, por ventura, maior, porque tudo nos parece bem, concertado e conciso, explicando consequentemente o que nos diz qualquer d'aquellas almas de sua justiça e parecer.

Estavamos já moídos de tanta coisa franceza, typos parisienses, ditos do *boulevard* que não temos obrigação

MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

O HEROE DE CHAIMITE

A tradição reza de nós que fomos um povo de sonhadores e navegantes, descobrindo terras e desvendando mares. Ella chegou até nós, perdida n'um névoeiro de lenda, e ficou na nossa memoria como uma coisa ida a que nos apegamos com saudade. Parecia que devia ficar apenas no nosso coração, lembrada com melancolia nas horas de desalento e que nunca viria um dia em que ella tomasse de repente vulto e se nos apresentasse em fórma de ficção, real e palpavel, incarnada n'um personagem que concretisasse em si todos os feitos heroicos e d'elles tirasse proveitosa lição para nos pôr deante dos olhos.

Esse homem existe, esse homem moderno

que tem retoques de figura antiga pela sua temeridade e o seu valor, é Mousinho d'Albuquerque. Temol-o agora entre nós; longe de procurar louros de victoria, vindo a proposito para uma apotheose theatral, elle deixou-se ficar por terras esbraçadas d'Africa, administrando e conquistando, sempre com rara energia, cohibindo abusos e distribuindo recompensas. Justiça grande foi a sua e maior ainda o seu caracter e o seu arrojo.

Passado o primeiro entusiasmo que seria para elle a consagração de todos os cansaços que uma vida agitada lhe causára, o povo ia esquecendo o vencedor dos pretos; e abdicada a sua fé, levado no impulso de uma corrente desfavoravel, assoprada — sabe Deus! — por invejas mesquinhas ou movida por politiquice, ia derivando para uma indiferença muito visinha do desprestigio, quando o homem appareceu.

O povo esperava, ouvindo uns e ouvindo outros. Mas elle appareceu, curvado um pouco pelas encalmadas noites do sertão, um sorriso de modestia nos labios. E logo o povo, que é creança e esquece facilmente o que lhe ensinam, prorompeu em estrepitosos vivas, sahidos do coração e aclamou-o em unisono, porque elle representava, não um homem que cumpriu o seu dever arriscando a vida, mas a aspiração de um povo gasto até á medulla pelas angustias que o tem escalavrado, reduzindo-o a uma semi-escravidão de sentimento e de vontade. N'este momento, elle não era o heroe, o homem que prendeu um regulo e que dominou pelo seu prestigio moral e militar uma vasta região africana, mas alguma coisa mais, alguma coisa de lendario, de quasi mythologico fóra da comprehensão moderna, — quasi uma *aparição* e um milagre.

Nos limites phantasticos a que a imaginação portugueza o guindou, elle tornou-se n'um peñhor sagrado, a bem dizer quasi n'um talisman contra a má sorte que nos persegue ha tantos annos e nos afunda cada vez mais n'um atoleiro de vergonhas. Como os adais que iam na frente dos regimentos apontando o caminho, a sua alta estatura moral serve de guia e dá coragem aos mais timidos e audacia aos mais poltrões.

Saudemol-o, pois, como uma radiosa esperança; e pondo de lado qualquer animadversão que por ventura lhe pretenda enodoar o brilho, olhemos apenas n'elle a personificação de um valor que está longe de ser vulgar e de um caracter como ha muitos annos se não vê.



JOÃO GAUSSIN

I



ERA um domingo de manhã. Sahiam da missa, n'aldeia. O sino tocava. Os velhos, lentamente, arrastavam os passos pelo adro: os rapazes, de cabeça erguida, falavam acaloradamente em grupos.

De repente, de um dos grupos, partiu uma voz:

— A Thereza!

Toda vestida de preto, dando a mão a uma creança, Thereza sahia da igreja. Ninguém lhe extendia a mão: ninguem a cumprimentava. Ella caminhava de olhos baixos; a capota preta que trazia na cabeça mais lhe realçava a pallidez do rosto.

Subito, ella córou. Tinha sentido todos os olhos fixos n'ella, e adivinhou os comentarios pouco lisongeiros

a seu respeito e os sorrisos desdenhosos. Apertou um pouco o passo. Um dos rapazes, porém, tomou-lhe a passagem e disse, pondo-se deante d'ella:

— Olá! bons dias, Thereza! Então passavas por nós, sem dizer uma palavra, com esse ar severo e orgulhoso?

Toda tremula, ella ergueu os olhos para o seu interlocutor, e sem se irritar:

— Deixe-me passar, disse-lhe com suavidade.

O outro ia responder-lhe, mas não lhe deram tempo. Tinham-lhe pousado uma mão no hombro. Elle voltou-se.

— João Gaussin! murmurou.

— Sim, João Gaussin, disse o recém-vindo, que ouviu as tuas palavras. O que acabas de fazer é uma má acção. Vae dizer as tuas graçolas aos que t'as quizerem ouvir, e deixa em paz aquelles que choram.

E antes que o outro tivesse feito um movimento:

— Vae-te embora, Thereza, disse elle á joven que puxava para si o pequenito. Elles hão de deixar-te tranquilla.

Thereza, muito vermelha, respondeu:

— Obrigada!

Depois, para a creancinha:

— Vem, meu pobre anjo!

E, sem se voltar para traz, encaminhou-se para a aldeia.

II

Os outros rapazes, testemunhas de toda esta scena, não se tinham atrevido a intervir. As palavras de Gaussin tinham-os feito meditar. Todos, de resto, o conheciam e estimavam; leal e honesto como poucos, tinha uma força herculea e o gesto prompto. Tinham visto já como elle sabia domar um toiro nas lezirias de Doves.

Fôra precisamente nas lezirias de Doves que João Gaussin tinha visto Thereza pela primeira vez. Conhecia toda a historia da pobre rapariga e sabia o luto eterno que ella trazia no coração. Acreditára nas promessas de um patife que, uma bella manhã, tinha desaparecido, abandonando-a sem recursos, com uma creança recém-nascida. E nem um amigo lhe apparecera para a defender e lhe estender a mão!

Ella, porém, apegára-e corajosamente á vida para tratar do innocentinho, que adorava do fundo do coração.

João Gaussin interessára-se logo por ella, vendo-a tão boa e tão triste. Procurava sempre todos os meios de lhe ser util. Depois, tinha sentido nascer em si um sentimento mais terno; e todo o dia, quando corria pelas vastas planicies, sob o sol abrazador, estimulando os animaes com o seu tridente, era só o doce rosto de Thereza que via deante de si.

Um dia, não podendo conter-se mais tentára fazer-lhe comprehender que a amava. Mas a rapariga tinha fugido.

O «obrigado» que Thereza lhe tinha dito n'aquelle domingo, era a primeira palavra que ella lhe dirigia depois do seu ultimo colloquio, isto é, havia tres mezes.

A' noite foi bater á porta de Thereza.

A joven, estupefacta, veio abrir; mas parou de repente e fez-se muito pallida.

— O senhor! exclamou ella. O sr. João em minha casa, a esta hora?

— Eu, sim! respondeu João Gaussin, um pouco impaciente, amarrotando o chapéu nas mãos. Eu, que preciso de ter uma conversa muito séria comsigo.

Entrou.

A casa era pobre. As paredes nuas diziam toda a orgulhosa e corajosa miseria da pessoa que a habitava.

— Sim, uma conversa seriissima, continuou João. E vou direito ao assumpto, porque os rodeios não são o meu forte: amo-a!

A joven baixou a cabeça.

— Amo-a, repetiu João, e o meu amor é dos que se podem confessar deante de toda a gente. Quer ser minha mulher?

— Sua mulher? Eu?

E Thereza encarou-o, perguntando de si para si se não era o ludibrio de um sonho; mas de novo baixou tristemente a cabeça e respondeu:

— Não. E' impossivel!

— Impossivel! exclamou João. Porquê? Sei toda a sua historia e não conheço creatura mais digna nem mais corajosa. Não é razoavel que, porque um homem foi um miseravel e um canalha, um outro homem não possa dar-lhe toda a felicidade que merece. Não quero saber do que se passou... Fal a-hei muito feliz, amal-a-hei tanto!...



A joven baixou a cabeça

Ella, porém, interrompeu-o, pegando-lhe na mão:

— Obrigada, João, disse ella. Lembrar-me-hei sempre de tudo que tem feito por mim. Mas não sou livre: tenho um filho.

— Seremos dois a amal-o. Serei seu pae.

— Não, respondeu ella com voz segura. Serei eu só a amal-o, porque é esse o meu dever. Não quero viver senão para elle e com elle, e ninguem poderá dissuadir-me da resolução que tomei. Não devemos tornar a vêr-nos; nunca mais deve defender-me, e comprehende porquê... Seguirei o meu caminho, sejam quaes forem os espinhos que encontre. Pedirei todos os dias a Deus por si.

— Então, recusa casar commigo? exclamou João com um soluço, pegando-lhe na mão.

— Recuso por causa de meu filho... e por si, acrescentou Thereza retirando brandamente a mão. Não posso, nem quero dar-lhe senão a minha amizade.

— Então adeus, disse elle. A sua amilzade não a quero... Maldito seja esse rapaz que nos separa!
— João! exclamou ella muito pallida.

Mas João tinha já sahido a porta. A joven deixou-se cahir sobre uma cadeira e soluçou por muito tempo.

III

Passaram-se dois mezes. Ella nunca mais tinha encontrado João, que a evitava. O pequenito crescia. Tinha já cinco annos feitos; era gentil e gracioso como um seraphim, com os seus olhos de um azul claro. Um dia, Thereza soube que o guarda das lezirias de Doves ia sahir da terra; e pensou que, assim, era melhor.



Depois correu para o animal...

Uma manhã, trabalhava ella em casa junto da janella, quando deu pela falta do filho. Não se inquietou. Pensou que o pequenito andaria a brincar na estrada com os rapazitos da sua idade. Ouvia-lhe as risadas ao longe.

E, emquanto cozia, ia pensando que, decorridos annos, seu filho cresceria e se tornaria um bom e robusto rapaz, a cujo braço ella se poderia encostar orgulhosa.

De repente, ouviu-se um grito, ao longe, na estrada. Ella ergueu-se, como movida por uma mola, preza de um horrivel presentimento, e precipitando-se para a porta, correu para o ponto d'onde partiam os gritos. Outras mulheres e rapazes acudiram tambem.

De repente parou, assombrada, e ergueu os braços ao céu.

Um toiro furioso corria a toda a brida, lançando espuma pela bocca, e deante d'elle, preso ao chão e paralyzado de terror, Thereza avistou o filho!

Era sobre elle que o toiro ia.

Subito, de um lado da estrada saltou um homem armado de um tridente.

— Tomem conta da mãe, que eu salvarei o filho! gritou elle.

Depois correu para o animal furioso; e calmo e seguro, sem se importar com a vida, deu-lhe na espadua um golpe formidavel. O pequenito estava salvo, mas o homem estava perdido, porque o toiro abandonando a sua primeira victima, precipitou-se sobre elle. O tridente ficara na ferida e o animal, com uma cornada, lançou em terra o seu inimigo. Mas, mortalmente ferido, cae junto d'elle escorrendo em sangue.

A mãe não viu o fim da horrivel tragedia porque cahira desmaiada.

Quando voltou a si e viu o filho agarrado ás suas saias, encheu-o de beijos e caricias.

Depois, erguendo-se, perguntou o nome do seu salvador.

Mostraram-lhe João Gaussin, estendido no chão, com a cabeça manchada de sangue.

— Morto! disse Thereza, cahindo de joelhos deante d'elle e cobrindo-o de lagrimas e beijos.

Não, João Gaussin não estava morto; lentamente, voltou a si, e sorrindo docemente, murmurou:

— Diga-me... acredita agora que o amo bastante para poder ser pae d'elle?

A estas palavras, a joven pegou no pequenito pela mão e conduziu-o ao pé de João.

— Elle deve-lhe a vida. Serei sua mulher!

E mais baixinho, quasi ao ouvido de João, como em extasi:

— E não é só em reconhecimento, oh meu João, porque ha muito tempo que o amo!

(Trad.)

BOB.

CANTARES ALGARVIOS*

Mal haja quem inventou
Andar no mar em navios,
Que esse foi o causador
Dos meus olhos serem rios.

Tenho-te amor, tenho-te odio,
Não sei que mudanças faço...
Tenho-te amor, porque és lindo;
Tenho-te odio, porque és falso.

Fui o que apanhei a palma
Na palmeira do deserto...
Eu fui o que tive amores
Muitos annos, encoberto.

Pensas que, por me deixares,
No mundo me deixas só...
Muito ruim é o navio
Que tem uma amarra só!

Eu hei de amar uma pedra,
Deixar de te amar a ti...
Uma pedra é sempre firme...
Tu és falso para mim.

Se os beijinhos espigassem
Como espiga o alecrim,
Tinha muita rapariga
A cara como um jardim.

Caiu do céu um suspiro,
No ar se desfarinhou...
Quem n'esta vida não ama
Na outra não se salvou.

Quando o sol deixar de dar
Na rama do alto freixo,
Então te direi, amor,
A razão porque te deixo.

Quem a mim me ouvir cantar,
Dirá que eu estou alegre...
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve!

O meu amor, se te fores
Leva-me, podendo ser,
Aí eu quero ir acabar
Onde tu fores morrer!

BERNARDO PASSOS JUNIOR.

* E' extremamente difficil caracterisar, com precisão, os variadissimos e preciosos elementos da vasta rapsodia nacional, devido ao hybridismo da sua esthetica e á sua dispersão confusa e desordenada. Mas n'estas quadras vê-se bem fulgurar a chamma inconfundivel do genio algarvio; e por isso é que sem receio de falsear-lhes a filiação, as intitulo assim.

A MULHER DO JARDINEIRO



1



2



3



4

(Continua no proximo numero.)

COISAS ALEGRES

D. Lucas de Portugal fidalgo muito pobre de haveres e muito rico de bons ditos, andando uma vez com fastio, recommendava a toda a gente que não dissessem nada no Paço, porque — «se quando se sabia que elle comia bem, nunca lhe tinham dado nada, que seria constando que tinha fastio!...»

* * *

O doutor T. de C., foi chamado em 1856 para vêr uma senhora atacada de cholera.

Entrã e prepara se para ouvir a gentil queixosa.

— Sinto, senhor doutor, uma repugnancia de estomago, uns zumbidos na cabeça, finalmente symptomas declarados de cholera.

Depois de lhe tomar o pulso e examinar a lingua, e mesmo pela boa disposição da sua doente imaginaria, tratou o doutor T. de C. de a dissuadir de semelhantes apprehensões.

— V. Ex.^a está de perfeita saude.

— Engana-se doutor, estou com a cholera.

— Perdão, minha senhora, isso não passa de um ligeiro accesso de melancholia.

— Não é, infelizmente tenho toda a certeza que estou com a cholera.

— E nervoso simplesmente; V. Ex.^a não tem nada.

Assim porfiaram por longo tempo, até que repentinamente disse o doutor:

— Minha senhora, V. Ex.^a toca viola?

A dama, admirada com tão intempestiva pergunta, responde-lhe negativamente, abrindo muito os seus bellos olhos azues.

— E guitarra, V. Ex.^a toca guitarra?

— Também não toco... mas, doutor, porque me pergunta isso?

— E piano? Toca piano, minha senhora?

— Não toco piano. Esta resposta já foi mais sacudida. Peço-lhe que me receite, porque as demoras n'estas molestias...

— E rebeca? V. Ex.^a também não toca rebeca, minha senhora?

— Está gracejando... que lembrança!... Eu não toco instrumento algum.

— Ah! não? Não toca instrumento algum? Pois então muitos parabens, minha senhora, a cholera vae só a quem toca.

Dito isto, retirou-se, deixando a doente completamente curada.

No anno de 1811, annunciou-se a passagem do Tejo por um homem com botas de cortiça. Este canard fez alvoroçar Lisboa, concorrendo milhares de pessoas a agglomerarem-se nas margens do rio para admirarem o famoso invento; mas quando perceberam a burla voltaram a seus lares envergonhados do logro. O cartaz que se affixou nas esquinas, foi o seguinte, copiado textualmente de um original, hoje bastante raro, que possui o sr. Augusto Carlos Teixeira d'Aragão:

Noticia.

Hum official do exercito Britanico tem apostado 500 Libras Esterlinas, que ha de passar á travessia do Rio Tejo, na segunda feira que vem, á huma hora, ou depois do meio dia, em um pár de Botas de Cortiça, e principia o seu passeio á Torre de Belem, e ha de chegar á Torre velha. Estas Botas são de huma construcção admiravel e curiosa; foram inventadas pelo mesmo official, que fáz este passeio.

Lisboa.

Na off. de Joaquim Tomaz de Aquino Bulhões.

Anno de 1811.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.



Duas quadras de Francisco Rodrigues Lobo:

Ouvi qualquer estrangeiro
Fallar dos seus naturaes;
Dá d'elles tão bons signaes,
Que o não tem por verdadeiro.

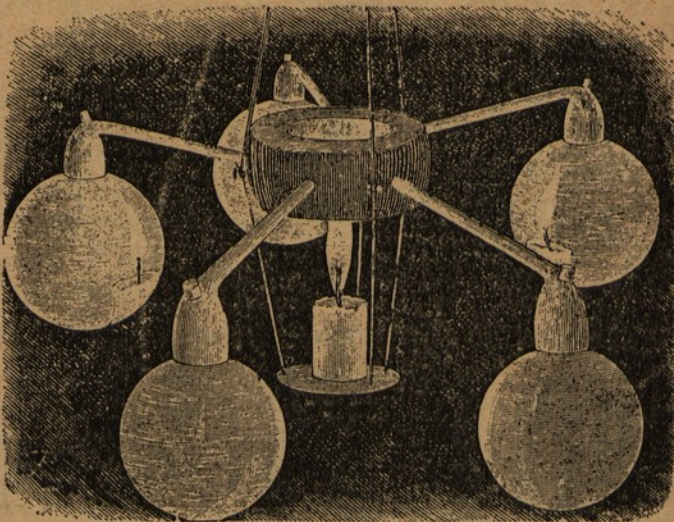
Fallem-vos d'um natural
Dizeis faltas que não tem:
Mente o outro para bem,
Nós mentimos para mal.

UM COLLECCIONADOR.

SECÇÃO RECREATIVA

LUSTRE DE BOLAS DE SABAO

CORTE-SE uma rodella de batata da grossura de tres dedos e esvasie-se o meio, de maneira a formar-se um anel massiço. A 3 alfinetes, collocados em roda, atar-se-hão 3 cordéis, que hão de pender do tecto, nos quaes estará pendurada uma rodella de cartão em que se collocará um côto acceso. E' com isto que vamos formar um lustre em que se vê, em logar d'uma só, muitas luzes. Faça-se, por meio d'um cachimbo de tubo curto uma bola de sabão de tamanho regular, na qual se introduza o fumo do tabaco; a bola tomará o aspecto d'um globo aceteo, identico aos globos de vidro fôsko dos bicos de gaz. Crave-se, então, o cabo do tubo do cachimbo, na espessura do anel, de fórmula a tapar o orificio do tubo, para evitar a evaporação da bola.



Faça-se o mesmo a mais 5 ou 6 cachimbos, que se tão a chamma do côto reflectir-se em todos os balões, collocam em volta do lustre improvisado; vê-se-ha produzindo um bello effeito.

OS ANNUNCIOS



PARA O

Branco e Negro

Recebem-se na Livraria do editor A. M. Pereira só até segunda-feira de cada semana, para sahirem no numero do domingo immediato. A grande tiragem que hoje tem o BRANCO E NEGRO, e os augmentos que acaba de soffrer desde o n.º 79, fazem com que nos seja indispensavel começar a impressão da folha dos annuncios na terça-feira de cada semana.

Os preços são: uma pag. 7:000 rs.; ½ pag. 4:000 rs.; ¼ de pag. 2:000 rs.; ⅛ de pag. 1:000 rs. Repetições teem 25 % de desconto.

Dada a enorme publicidade do BRANCO E NEGRO, que é hoje o jornal illustrado de mais larga divulgação em todo o paiz e em todo o Brazil, é desnecessario lembrar aos annunciantes as vantagens que pôde trazer-lhes o annuncio n'este jornal, annuncio que fica, que se conserva, que é sempre visto e sempre lido de milhares de pessoas. E a razão é simples: o BRANCO E NEGRO é jornal que o leitor conserva e collecciona, que lê e folheia com interesse, nas horas do descanso, da 1.ª á ultima pagina, e que ainda no fim do semestre manda encadernar, ao passo que as folhas diarias, lidas de corrida, de manhã, mais por necessidade do que para recreio, ninguem as conserva, ninguem mais as relê, e portanto, em geral, o annuncio alli passa despercebido á maioria dos leitores.

O CHARADISTA

AVEIRO

O primeiro jornal charadístico que se publica em Portugal

Todos os charadistas devem assignar este jornal, para melhor passarem as noites d'inverno.

TRIMESTRE 300 RÉIS

Para mais esclarecimentos peçam o prospecto explicativo, que será enviado na volta do correio.

CASA DOS BORDADOS
DE
SILVA RODA & C.^a
161, RUA AUGUSTA, 165
LOJA DE FAZENDAS BRANCAS E CAMISARIA
E
ATELIER DE POUÇAS BRANCAS
(No primeiro andar)

Completo sortimento em camisas para homem, senhoras e creanças, malhões, penteadores, saias bordadas, enxovaes para noivas, collegias e recém-nascidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de roupas brancas e executam-se com a maxima brevidade.

RESISTENCIA,

ELEGANCIA

Premiada em diversas exposições

E VELOCIDADE

OPEL

A BICYCLETA DA ACTUALIDADE

DEPOSITO:

179, R. de Santo Antão, 181

LISBOA

Bateu
o record
do Mundo

Grande variedade de peças decora-
tivas executadas sob a direcção do
grande artista

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Unica casa em Lisboa, que vende as
verdadeiras e apreciadas
FIGURAS DO PORTO
feitas pelo primeiro artista no genero.

HAVANEZA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

Completo sortimento
em tabacos nacionaes
e
estrangeiros

Boquillas, cigarreiras,
cachimbos,
charuleiras e outros artigos

Variada collecção
de numeros
para todas as loterias

Grande variedade
em cartelas
para todos os preços

Artigos de papelaria,
bilhetes de visita,
agua de Caneças e Cintra,
velas de stearina

Venda de jornaes
e diversas publicações
nacionaes
e estrangeiras

Os senhores collecciona-
dores de sellos encontram
sempre n'esta casa um bom
fornecimento para escolher.

R. de S. Pedro d'Alcantara, 47 — T. da Boa-Hora, 5
(EM FRENTE DO ELEVADOR DA GLORIA)

A MODA

ESTABELECIMENTO DE MODAS E CONFECCOES

— DE —

JOÃO JOSÉ MARTINS

N'esta casa encontra-se sempre um variado sortimento de
todos os artigos do seu commercio por
PREÇOS OS MAIS RESUMIDOS

172, RUA DO OURO, 174

LISBOA

JOSE HENRIQUES TOTTA

SUCCESSOR DE

FORTUNATO CHAMIÇO

CASA BANCARIA

E

AGENCIA DA COMPANHIA

DE

SEGUROS GARANTIA DO PORTO

75, 1.º — Rua do Ouro — 75, 1.º

LISBOA

Branco e Negro



SONHO — Quadro de Em. Benne

PREÇO 50 RÉIS

N.º 91

PAULO DE MORAES

MANUAL PRÁTICO

DE AGRICULTURA

DEDICADO AOS AGRICULTORES DO REINO, ILHAS E COLONIAS

Acabamos de publicar esta obra, a primeira que existe no seu genero em lingua portugueza, e que, apesar do seu modesto titulo, se póde classificar como uma verdadeira encyclopedia d'agricultura pratica. Eis aqui indicados, o mais summariamente possivel, os assumptos que n'ella são tratados, com o desenvolvimento necessario para se dizer tudo o que se precisa saber, sem palavrados superfluos nem espalhafatos de erudição, que para nada servem em obras essencialmente práticas como esta :

Primeira parte

I — Principios geraes de botanica, indispensaveis a quem se dedica á lavoura — Agentes naturaes da vegetação — Exposição, climas — Terrenos — Meios de fertilisar o solo — Mechanica agricola — Correctivos e estimulantes — Esterco e outros adubos — Irrigação e drenagem = II — **Culturas arvenses** — Cereaes cultivadas em Portugal — Cereaes de paizes quentes — Plantas leguminosas comestiveis, cultivadas em Portugal — Tuberculos e raizes alimenticias, cultivadas em Portugal — Plantas alimentares farinaceas de raiz e de espique dos paizes quentes — Prados e pastagens de Portugal — Plantas forraginosas dos paizes quentes = III — **Horticultura** — Preceitos geraes — Descrição das culturas hortícolas praticadas em Portugal — Plantas hortícolas dos paizes quentes = IV — **Viticultura, vinificação e destillação** — Cultura da vinha — Parasitas animaes e vegetaes da vinha — Accidentes da vegetação — Vinificação e fabrico do vinho — Fabricação da cidra — Alcooes, aguardentes e sua fabricação — Estabelecimento d'uma destillação agricola = V — **Plantações de paizes quentes** — A planta de café — A planta de chá — A canna saccharina — Outras plantas intertropicaes que dão assucar = VI — **Arvores fructiferas** — Multiplicação, enxertia, educação, plantação, poda e conservação das arvores fructiferas — Arvores fructiferas de Portugal — Arvores fructiferas dos paizes intertropicaes = VII — **Arvores silvestres** — Arvores silvestres cultivadas em Portugal em diversos paizes — Principios sobre a plantação, criação e aproveitamento das arvores em arbustos mencionados no capitulo antecedente — Productos florestaes: peso de 1 stere ou metro cubico de diferentes madeiras: carvão; solos e climas das arvores: sementeiras e emprego das madeiras — Arvores florestaes da Africa Portuguesa e de outras regiões intertropicaes da America e da Asia; algumas arvores do Brazil que dão boa madeira, classificadas por familias = VIII — **Plantas industriaes e economicas** — Especiarias — Plantas pharmaceuticas — IX — **Doenças das plantas.**

Segunda parte: Animaes domesticos

I — **Animaes domesticos, sua classificação** = II — **Alimentação animal**, composição, classificação, regras; equivalentes dos diferentes alimentos em relação ao feno; calculo das rações = IV — **Preparação e distribuição dos alimentos** — Condimentos e bebidas. — Influencia do volume, da forma e do estado dos alimentos. — Rações alimentares dos animaes domesticos. — Percentagem que os animaes agricolas tiram em média dos diversos principios nutritivos dos alimentos. = V — **Economia dos animaes: hygiene e desinfecção dos estabulos; alimentação; pastoreação; limpeza e resguardo. Multiplicação, raças, melhoramento e cruzamento, escolha do reproductor, caracteres d'um animal bem constituído** = VI — **Bovideos** — Generalidades, bois domesticos e seus parasitas; raças bovinas portuguezas; criação dos bovinos; alimentação e regimen conforme o fim a que é destinado; engorda do gado bovino; qualidades de carne; vaccas leiteiras = VII — **Ovidios** — carneiros e seus parasitas; raças portuguezas; criação e alimentação; ração; bebidas; reproducção; engorda; hygiene; pastores e cães; regimen do gado lanigero entre nós; castração; urdenha; producto do gado lanigero; idade do carneiro; baceira. Cabra commum e seus parasitas; duração da cabra; estabulação e productos = VII — **Fabricação da manteiga e do queijo** = IX — **Suinos** — Raças de porcos em Portugal, qualidades, regimen, castração, engorda, etc. Creação e ceva de porcos no Alemtejo = X — **Equideos** — Cavallo. Muars. Jumentos = XI — **Aves domesticas** — Gallo. Perú. Ganço. Pato. Pintadas. Pombos = XII — **Insectos directamente uteis** = XIII — **Animaes apropriados á agricultura dos paizes quentes** — Generalidades: Cavallo; cavallo da Asia; raças de Malasia. Muar. Jumento. Dromedario. Elephante. Raças de bois de trabalho, de açougue, e leiteiras dos paizes quentes — Zebú, suas diferentes raças. Raças da India. Buffalo. Yack. Cabra. Carneiro. Porco.

Terceira parte: Combinações agricolas. Contabilidade. Hygiene rural.

XIV — **Combinações agricolas** — Capitaes agricolas. Compra ou arrendamento de uma propriedade agricola. Plano cultural, etc., etc. = XV — **Afolhamentos** — Alternação das especies e das familias; theoria dos afolhamentos; principios a seguir; rotação quadriennial; quantidade de adubos necesarios para restituir ao solo aravel os elementos subtraídos durante a rotação de 4 annos. = XVI — **Contabilidade agricola** = XVII — **Hygiene do agricultor** = XVIII — **Costumes agricolas.**

A obra é dividida em 2 volumes em formato grande com perto de 1:500 paginas e de 500 gravuras explicativas. Preço, solidamente encadernada em chagrín e percalina, 7⁵⁰ 500 réis. Em brochura, 6⁰⁰ 000 réis. Pelo correio para qualquer ponto de Portugal ou ilhas, mais 500 réis. Para a Africa, mais 800 rs. Para o Brazil, mais 2⁵⁰ 000 réis

Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor

50 A 54, RUA AUGUSTA, 50 A 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 91

LISBOA, 26 DE DEZEMPRO DE 1897

2.º ANNO

PROSAS DO MONTE



MANHÃ DE NEVOA

Logo com o romper do dia appareceu o nevoeiro. Em o mar reclamando, não nos bancos da Barra, mas nas arribas da Costa, com ruído constante, e que se assemelha ao parque d'artilheria rodando a distancia, é esperar pela *resposta* do nordeste. Não falha.

O vento parára completamente, e desde o nascer do

sol o nevoeiro era cada vez mais denso. Já 11 da manhã e não se via a dois metros.

Este anno as arvores principiaram a abrir muito cedo. Os paizagistas deviam apanhar o campo no primeiro balbuciar da primavera: tem o poder supremo e sobrehumano do crepusculo da adolescencia na mulher!

As cerejeiras mescladas de flor e de folhas, jogando com os braços para o ar, tomam, algumas, a forma de uma copa festonada e enorme. Variados, graciosos, encantadores quadrinhos! Os passaros não dobram o canto por agora; mas as cotovias matinaes, nas leiras de trigo temporão, andam aos pares. As andorinhas ha muito que se beijam voando, e o rouxinol não tarda, no fechado dos pomares, a reclamar a amante.

O nordeste, anunciado pela bateria remota, começa a correr. De subito, rasga-se o véo sombrio do nevoeiro.

Trigaes, das varzeas, silveiras dos vallados, vinhedos das encostas, alguns olmeiros aqui e além, tudo envolto por neblina transparente, em jubilo exuberante, parece pular da terra, como querendo fundir-se com o sol deslumbrador, que faisca na curva azul do firmamento purissimo!

Rompe a orchestra do campo, — desespero dos contrapontistas, — com as mesmas notas, as mesmas combinações, os mesmos motivos, e sempre nova, variada, original!

Não são as montanhas, as florestas, os valles, as cataratas, os promontorios, o mar com as tormentas!...

São os assomos da primavera n'uma paizagem levemente ondeada; mas que imprevistos contrastes de harmonias, de luz e de côr! — As violetas, muradas, suspiram pela paixão sem macula; as rosas, provocadoras, mordem com os espinhos do ciume; os balsamos da aragem precipitam a circulação; a laranjeira, occultando na castidade branca das suas grinaldas o veneno do amor, seduz a virgem, a quem o bosque promette segredo e sombras; as papoilas, ebrias, erguem a taça incendiada, convidando a lubricos combates Baccho ainda infantil; e os melros dissimulam, no madrigal improvisado, a satyra perfida!

O campanario do Monte repicou a casamento. Dois carros descobertos rodam em frente da minha janella. Regressam do adro da egreja. No trem, que segue adiante, a noiva, gesticulando alvoroçada, fala com o noivo, rapagão fero, mas acanhado.

Petulantes, como rebentam das cerejeiras os botões florentes, saltam da bocca vermelha e sensual da rapariga os primeiros beijos das nupcias!

Março, 97. (Inedito.)

BULHÃO PATO.



COCÓ, REINETA E FACADA

ILLI

A tua bocca vermelha,
a que devo compara-la?
Doçura... o favo da abelha
tem menos que a tua fala.

A tua bocca... ao beija-la
toda a minha alma ajoelha...
e foge da Terra... abala...
Em teus labios Deus se espelha!

Mas não é por ser tão linda...
(Formosura... o tempo a leva!)
Não é pela graça infinda

Que a tua bocca me enleva!
É que não mentiu ainda,
Coisa rara em filha d'Eva!...

A ETERNA LUCTA

Em noites de vigilia, quando tudo
Dá forma e vida propria ao pensamento,
Visita-me um espectro macilento,
Guerreiro antigo, de sangrento escudo.

Vencido, pende-lhe o montante agudo
Da larga mão de heroe, já sem alento;
Apenas seu olhar, sem movimento,
Me fita, ardendo n'um lamento mudo.

Pergunto-lhe quem é, não me responde...
Comtudo, eu vi outr'ora, não sei onde,
Um vulto assim, heroico e soffredor...

— Phantasma, quem és tu: sonho? remorso?...
Ou vens dizer-me que é um vão esforço
Dar sangue á Gloria sem o dar á Dôr?...



CONTO DO NATAL

Era uma vez — ha tanto tempo que toda a gente esqueceu a data, — n'uma cidade do norte da Europa, — cujo nome é tão difficil de pronunciar que já ninguém se lembra d'elle, — era uma vez um rapazinho de sete annos chamado Wolff, orphão de pae e mãe, que vivia com uma velha tia, creatura rispida e avara, que não beijava o sobrinho senão no dia de Anno Bom e que dava um grande suspiro de allivio todas as vezes que lhe offerencia uma malga de caldo.

Mas o pobre pequeno era tão bom que gostava ainda assim da velha, apesar de ter muito medo d'ella e de nunca olhar sem tremer para a grande verruga, ornada de quatro pêllos grisalhos, que ella tinha na ponta do nariz.

Como a tia de Wolff era conhecida em toda a cidade por ter uma arca cheia de oiro, não se tinha atrevido a mandar o sobrinho á escola gratuita; mas tinha regateado tanto com o professor a casa de quem Wolff ia tomar lição, que o magister, vexado de ter um discipulo tão mal vestido e que lhe pagava tão mal, lhe inflingia muitas vezes, e sem justiça nenhuma, o castigo do letreiro nas costas e das orelhas de burro, e chegava mesmo a excitar contra elle os condiscipulos, todos filhos de burguezes abastados, que faziam tambor da pelle do pobre orphão.

A creança era pois infeliz como as pedras dos caminhos e escondia-se em todos os cantos para chorar, quando chegavam as festas do Natal.

Os condiscipulos contavam uns aos outros que o Natal lhes traria muitos brinquedos, que os poriam nos seus sapatos, que ficariam á noite na chaminé.

O pequeno Wolff sabia bem, por experiencia, que a sua avara tia o mandaria deitar sem ceia; mas, ingenuamente, e certo de ter sido, todo o anno, tão bom e tão estudioso quanto possivel, esperava que o Natal o não esquecesse, e contava tambem pôr o seu par de sapatos nas cinzas da lareira.

Terminada a missa do gallo, os fieis dispersaram, impacientes de irem fazer a festa para suas casas, e os estudantes, dois a dois, precedidos do pedagogo, sahiam da igreja.

Ora, sob o portico, sentada n'um banco de pedra encimado por um nicho ogival, estava uma creança adormecida, com um fatinho de lã branca e descalça, apesar do frio cortante que fazia. Não era um mendigo, porque o fato estava limpo e novo; perto d'elle, no chão, via-se, atado com um cordel, um esquadro, um martello, uma plaina, um compasso e outras ferramentas de carpinteiro. Illuminado pelo clarão das estrellas, o seu rosto d'olhos fechados tinha uma expressão de tranquillidade divina, e os seus compridos cabellos annellados, de um loiro fulvo, pareciam accender uma aureola em volta da sua fronte. Mas os seus pés, roxos pelo frio d'aquella cruel noite de dezembro, pareciam entumecidos.

Os estudantes, bem vestidos e bem calçados para o inverno, passaram indifferentes por deante da creança desconhecida; alguns mesmo, deitaram ao vagabundo um olhar em que se lia todo o desprezo dos ricos pelos pobres, dos gordos pelos magros. Mas o pequeno Wolff, que foi o ultimo a sahir da igreja, parou muito commovido deante da creança que dormia.

— Ah! disse consigo o orphão, — esta pobre creança está descalça com um frio d'estes!... Mas, o que é ainda peor, nem sequer tem um sapato para pôr na chaminé, afim de que o bom Natal lhe ponha dentro com que alliviar a sua miseria!

E levado por um impulso do seu excellente coração, Wolff tirou o sapato do pé direito, pois-o junto da creança adormecida e molhando as meias na neve, entrou em casa.

— Olhem que desalmado! exclamou a velha, cheia de furor quando o viu descalço. Que fizeste do teu sapato, grande patife?

O pequeno Wolff não sabia mentir, e contou, todo tremulo, a sua aventura.

Mas a velha avarenta deu uma gargalhada terrivel:

— Ah! o fidalgo descalça-se por causa dos mendigos! Ah! o fidalgo desirmana os sapatos por um vagabundo!... Bravo! Pois deixa estar que vou pôr na lareira o sapato que te resta e verás como o Natal lá põe com que te castigar amanhã...

E a má mulher, depois de ter dado ao pequenito um par de bofetadas, mandou-o deitar. Desesperada, a creança enfiou-se na cama ás escuras e adormeceu a chorar.

Mas no dia seguinte de manhã, quando a velha, acordada pelo frio, e pelo seu catarrho, desceu á cosinha — ó maravilha! — viu a vasta lareira cheia de brinquedos resplandecentes, de magnificos saccos de confeitos, de riquezas de todas as especies; e, deante d'aquelle thesouro, o sapato do pé direito, que o sobrinho tinha dado ao vagabundo, estava ao lado do sapato esquerdo, que ella lá tinha posto, e onde contava pôr um molho de vergastas.

E como o pequeno Wolff, que acudiu aos gritos da tia, se extasiava ingenuamente deante dos esplendidos presentes do Natal, grandes gritos resoaram lá fóra. A mulher e a creança sahiram para vêr o que era, e viram todos os visinhos reunidos em volta da fonte. Que se passava? Oh! uma coisa bem agradavel e bem extraordinaria! Os filhos de todos os ricos da cidade, aquelles a quem os paes queriam surpreender com bellos presentes, tinham achado apenas vergastas nos seus sapatos.

Então, o orphão e a velha, pensando em todas as riquezas que estavam na sua lareira, sentiram-se cheios de espanto. Mas, de repente, viu-se chegar o sr. cura, muito tremulo e pallido. Por cima do banco collocado junto da igreja, mesmo no sifio onde, na vespera, uma creança vestida de branco e descalça, apesar do frio, tinha poisado a cabeça adormecida, o padre acabava de vêr um circulo d'oiro, incrustado nas velhas pedras.

E todos se benzeram devotamente, comprehendendo que aquella bella creança adormecida que tinha junto de si a ferramenta de carpinteiro, era Jesus de Nazareth em pessoa, apparecido á mesma hora em que trabalhava em casa de seus paes, e todos se inclinaram ante este milagre que o bom Deus tinha querido fazer para recompensar a confiança e a caridade de uma creança.

FRANÇOIS COPPÉE.

PELO NATAL

Todo esse rumor festivo e infantil da Paschoa das creanças, que amanhecem sonhando com os seus presentes de amanhã, leva-me a attenção e o cuidado para os *Pastels* de Bourget, que já li e muitos de vós já lestes com certeza.

E' uma doçura infinita a proporcionada por essa pagina de brochura amarella, em que o psychólogo subtil resume e empareda parte do seu caprichoso sentimento artistico.

E' como as paginas do *Innocente*, de Gabriel d'Annunzio, meigo e suavissimo este estudo, com a differença de que essa obra italiana, tão profunda de sentimento que explora e tão cortada da magua tristissima de uma mu-

Hoje as creanças já tem novo habito e não se me dava ir festivamente espial-as, n'uma vozearia travessa, como passaros aos *magotes*, em redór dos presentes e dos *bonbons* festivos, em que um anjo do céu ou da terra fez que fructificasse a encantadora araucaria, plantada *ad-hoc*, n'um lindo vaso, ao meio da sala de jantar do papá.

O Natal, para Traz-os-Montes, por exemplo, tem o seu encanto rude e grosseiro, enchendo o horisonte estreito dos seus habitantes. Para que previna suspeitas sobre o que digo, communico que sou transmuntano por nascimento, embora de ha muito me houvesse filiado a outro meio.

Até ao dia de Reis tudo adormece, e sonha na folia.



PREPARATIVOS PARA A CEIA, quadro de José de Brito

lher, versa sobre assumpto muito diverso, embora o escriptor, que pertence á escola tedesco-bolonhesa, cujo chefe é G. Carducci, se me não engano, dilua na tinta com que escreve e no apainelamento da sua propria phrase, a malleavel doçura que Bourget emprega no seu trabalho.

Eu felicito as creanças da minha terra por este dia de rosas do Natal.

Era já tempo de que esse habito de por ahi além se espalhasse entre nós, suspendendo o indigenismo grosseiro. Vê-se que não sou jacobino.

A arvore do Natal introduzida entre nós, foi um signal de regeneração de costumes. Nós nem ao menos podemos crear.

Tudo que inventamos é imperfeito.

Cumpra que venham o invento e a criação de um paiz mais antigo, mais frio, onde se meça o que se faz, como em Londres, e se o enfeite de laçarias e de côres vistosas e alegres, como em Paris.

N'este dia, as povoações retomam outro ar.

O Natal d'este anno passou pouco alegre e festivo. Os acontecimentos politicos, a chegada de Mousinho de Albuquerque, o heroe de Chaimite, a partida do sr. conselheiro Perestrello para Paris, a arranjar aquella coisa com que se compram os melões, etc., etc., tudo desviou o curso claro da festa. Mas tu, oh! garrida creança, magnolia abotoada no branco das tuas roupas, que eu hontem vi, pelo braço de uma senhora, comprando bolos nas confeitarias, tu, dona de uns olhos meigos e travessos, adoravel creança, nada tens que te importar com a chegada do Mousinho nem com a sahida do conselheiro Perestrello.

E' o Natal!

Tu o ouviste n'esse sino que te cantou pela madrugada aos ouvidos attentos e curiosos a ballada encantadora dos *souliers rouges*...

O DR. GALOIA MONTANO
COSTUMES PORTUGUEZES



LISBOA — CRIADA A COMPRAS, aguarella de Roque Gameiro

O DR. GARCIA MONTEIRO

MEDICO PORTUGUEZ EM BOSTON

AUTO-BIOGRAPHIA (TRECHOS DE CARTAS SUAS)

(Vidê o numero anterior)

Boston, 24 d'agosto de 1885.

Creia você que eu não vivo desgostoso, tanto por me ver obrigado a trabalhar como um simples operario, (recebendo um salario que mal me chega para comer pacamente) como por vêr que estou esterilizando o meu espirito, que necessita do que você sabe, para que eu possa viver satisfeito. Já conto vinte e seis annos e o meu futuro está cada vez mais nublado, mais indeciso.

Você fala-me em *coragem*: tenho-a tido e muita. Tenho lutado pela existencia como poucos dos que para aqui vêm. A minha vida n'este paiz daria uma historia curiosa. Você pôde suppôr o quanto tenho soffrido, as privações que tenho passado, sem possuir um organismo proprio para arrostar com estes duros trabalhos da vida.

Porém eu deixo-me de generalidades para falar com precisão do meu modo de viver actual e do que tenciono fazer.

Trabalho n'uma typographia e ganho segundo o que faço. Se você visse como se está explorando o trabalhador n'este paiz, você ficaria indignado e passaria a formar dos americanos uma ideia muito differente da que forma d'elles. Será assumpto d'outra carta.

Ainda não abandonei o desejo de formar-me em medicina, ainda que não sei d'onde me virão os meios necessarios. Com o Bettencourt já não conto, porque me desenganou que não podia dar-me o auxilio que me promettera. Quando eu vim para esta cidade e falei a alguem, que o conhece, na promessa d'elle, esse alguem logo me disse que não acreditava que elle me quizesse auxiliar.

Foi n'esta cidade que elle trabalhou como barbeiro e por isso aqui muita gente o conhece. Elle não lutou pela vida, como você suppõe; pelo contrario, ganhou sempre muito dinheiro e quando começou a estudar tinha officina sua e por isso os seus empregados trabalhavam para elle enquanto estudava.

Pela vida tenho lutado eu duramente, que nem você calcula, meu amigo. Vejo-me obrigado a jantar com uma bagatela e o almoço e ceia faço-os no meu quarto, para que o dinheiro chegue. O Bettencourt é que nunca fez isto; bem ao contrario, vivia com todas as commodidades. De longe imagina-se muita coisa para cobrir de prestigio ou de ignominia um individuo. N'este ponto o Bettencourt foi feliz: na sua terra estão convencidos que elle lutou com difficuldades de dinheiro para estudar, quando a verdade é que obteve sem custo os meios de que necessitou para a sua formatura.

Isto tudo porém não quer dizer que elle não seja digno de elogio por se ter collocado n'uma esphera superior áquella em que se acham os demais portuguezes n'este paiz.

Voltando ao que me diz respeito, tenho uma esperança, muito vaga, é verdade, de que conseguirei realizar o meu intuito.

Boston, 4 d'outubro de 1886.

Não lhe escrevo ha muito tempo, porém não julgue você que o tenho esquecido.

O motivo do meu silencio, depois de eu lh'o expôr, você achal-o-ha justo. Não lhe escrevi, meu querido amigo, simplesmente para o não magoar.

Havia de ouvir alguma coisa acerca do meu estado de saude ha tres ou quatro mezes. Estive a *ir-me*. Chegaram a julgar-me nas garras d'uma tísica (releve esta forma archaica) e effectivamente eu estive desconfiado de que não veria mais a minha terra. Imagine-me você n'esta situação, com todas as esperanças despedaçadas, sósinho, sem familia, sem recursos para me tratar, chegando mesmo a passar fome!

Como lhe poderia eu escrever e para quê? Para dar-lhe uma parte da minha tristeza, da minha amargura, do meu desespero? A' minha propria familia eu menti sem-

pre, e quando eu já ia em caminho de restabelecimento é que ella por pessoa extranha conheceu o meu estado. Os meus velhos, coitados, assustaram-se e pediram-me encarecidamente que eu regressasse. Porém fiz-lhes vêr as minhas melhoras.

Agora, meu amigo, é que eu lhe posso escrever como convém, a você que eu tenho na conta d'um leal, d'um honrado amigo, e que havia de commover-se muitissimo com a minha desgraça se eu lh'a contasse. Eu tenho preferido ser infeliz de mim para mim, sem fazer os mais participantes da minha infelicidade.

Aproveito o dia de hoje para lhe traçar estas linhas, porque não tenho que fazer na imprensa e sinto-me satisfeito, bem disposto.

Eu, que estive muito perto de fechar os olhos a esta bella vida, acho-me de novo são e mesmo robusto, como talvez nunca fui. E isto em poucos mezes. A vida que tem este organismosinho é para fazer pasmal! Eu proprio pasmo.

Sim, porque se eu tivesse tido um tratamento cuidadoso, carinhos de familia, um bello clima, enfim o que um debilitado necessita, não seria muito para surpreender que eu agora apresentasse um aspecto cheio de saude. Porém eu nem dinheiro tive para medico, nem remedios, nem até para comer! Um amigo meu sentava-me á sua meza para jantar e ceiar e eu, por vergonha, mentia-lhe dizendo-lhe que tinha com que comprar o meu almoço.

Ordinariamente pela manhã enganava o estomago com duas colheres de farinha de aveia cozida em agoa, e quando este insipido cosimento me repugnava, passava em jejum até á hora de jantar. Como estava debilitado, a comida fazia-me mal, produzia-me umas terriveis dores de cabeça e augmentavam o definhamento do organismo.

Além de que, embora este amigo me amparasse como a pessoa da sua familia, eu quando lhe procurava a porta sentia-me opprimido como um criminoso que conduzem para a prisão. Você comprehende-me.

Um dia, a sós no meu quarto, entrei a pensar vagarosamente na minha situação e a recordar-me que estivera já muito mal em Lisboa, ainda que n'um estado menos grave, e tinha recuperado a saude. E' verdade que a mudança para o clima da terra natal é que me restituiu o vigor perdido. Não sei porque, nasceu em mim uma esperança de melhorar, de realizar o meu plano de futuro, e de voltar ao Fayal a abraçar a minha gente e os meus amigos. Sentia-me outro. Tratei de mim com todo o cuidado. Tinha commigo varios livros de medicina e alguns medicamentos. Tomei o que julguei que me faria bem e sobretudo á hora do almoço nunca deixei de *metter* no estomago o tal cozimento. A esperança de ganhar a saude, fazia com que eu engulisse sem repugnancia uma coisa detestavel. Dia a dia sentia-me melhor. Até que me encontrei inteiramente curado e com forças para trabalhar!

E agora sinto-me forte e satisfeito. Trabalho outra vez de typographo. Para experimentar a minha força tenho trabalhado sempre de pé, das 7 da manhã ás 6 da tarde, descansando apenas na hora de jantar. Ganho apenas para ir vivendo muito economicamente, mas sinto-me contente, porque conto realizar o meu desejo de fazer o curso de medicina.

Não desanimo; vou caminhando direito pelo rumo traçado.

E agora você não se admira como este pobre rapaz, franzino, fraco para uma luta tamanha, tem resistido e tem aturado o que muitos dos que lhe chamam *voluvel* e que possuem bons musculos não teriam coragem para aturar? Que ideia formarão esses *constantes* agora de mim? Qualquer que ella seja não me dá preocupação nenhuma. Tenho coisas mais serias com que occupar o meu espirito.

(Continua.)

A ARVORE DO NATAL



Noite de Consoada

Lá fóra um céu pardacento, que parece formado de cinza. A chuva cae miuda e continuada, a atmosfera é povoada de lugubres visões. As arvores despidas de folhas figuram esgulos duencios á espera da treva da noite, para soltarem seus lamentos. As badaladas das Ave-Marias, repetem-se nos campanarios em redor, pregando-se no espaço, como pontos luminosos na escuridade infinita. O barulho do granizo na telha vã, o arripio do vento por esses campos fóra, os carros atolados nas lamas dos caminhos, as raparigas descendo os montes trazendo os rebanhos para a cêrte e os pastores carregados com a lenha para a fogueira, causam tristeza e frio.

Também é o que vale, a fogueira, para alegrar a existencia apontada.

O lume tem o aspecto hilariante e entusiasta de um guerreiro vencedor. N'esta noite bendita e festiva ha uma pouca de satisfação n'quelle lar. Mais achas na cozinha e mais fartura em casa. Os verdadeiramente pobres, os quasi pedintes recebem n'essa noite gloriosa algum auxilio da abundancia dos ricos.

Pelo menos uma folha de bacalhau, meio almeirão de batatas, uma almotolia de azeite, um picarado de vinagre. A infusa d'agua pê, algum mollete, e a malga de mel tambem apparece. Não se arranja tudo na mesma casa: vão de porta em porta, com o riso confiado, dizendo francamente o que desejam. Não é vergonha nenhuma. Deus tambem pediu. Mesquinhas n'esta noite de fartura e felicidade não se comprehendem.

Castanhas apanham-se pelos caminhos, lenha para o lume dá-a Deus, ha a nós montes, nas devesas escuras, d'onde saíta o coelho e o negro melro foge espavorido aos gritos. Ninguém diz nada, deixam levar, são muito pobres, têm muito frio, e o bom Deus não quer sentir soluços, nem ver lagrimas ao nascer. Festejar o seu apparecimento com satisfação, com a paz domestica, com a chama deslumbrante, a panela a gorgulhar em todas as lazeiras, é indispensavel, é christão.

As crianças não adormecem cedo n'essa noite querida e desejada com tanta esperanca. O seu bacalhau com batatas, quando em azeite e vinagre, cozido em conchuras de cozimento singular, é manjar maravilhoso, superior a todos os que vancionalmente se costumam fazer.

Na casa dos remedidos, que não precisam recorrer ao almeirão ostentado, ha a mesma alegria e descontentamento da vida.

Os trabalhos ruraes terminaram mais cedo n'esse dia. Durante todo o mez do frio decembro, não se vendeu um só ovo: em panelo de barro vidrado conservava-se o mel colhido em tempo dos cortijos que estão no sopé do monte; na ultima do feira tinha-se feito a provisão indispensavel do bacalhau e do polvo secco; da villa trouxera-se no ultimo domingo o arroz e o assucar para a festa memoravel. Muito tempo antes já n'isto se pensava. Os tachos de frigid, dois ou tres, desceem solenemente da borda da chaminé, onde estiveram durante um anno sem prestimo.

São enormes, redondos, de metro meio de diametro. Na manhã d'esse dia, logo principiaram a ser desencarvidos a poder de cinza, de estregado, de laranja azeda ou limão.

Desde muito estava assente fa-erse n'esta época a limpeza usual; a dona da casa ou as filhas, se as tem casadoiras, de mangas arregaçadas, braços nus, saias entalladas nos joelhos sobre o pejal, que está á porta da cozinha do lado do quinteiro, é que a executam. Que desembaraço de moças, que lindos braços musculosos, brancos, bem torneados em fuzo, com uma pennugem macia como um velluto! Que demo de rapariga, como ella se agita, como o seu meneio é gracioso no trabalho!

Fica-se de beijo caído, o olhar abalucioso e lorpa, quando ella cantarola o romance do seu amor;

Ainda mais vos quero eu
Da raíz o coração;
Mas tambem com todo isto
Não haveria eu por a mão.

E não pouham, que se a puzerem vem de lá uma bofetada de escangalhar os queijos. O Drillo do tacho vaé apparecendo, luzete como lamina de espada. Na pouca que está alli perto, concete-se a limpeza, dá-se a ultima lavaiela. Ao cair das trindades todos estão em casa—os rapagões em mangas de camisa; os velhos ao canto da lazeira vigiando que o *cuaheto de Natal*, que é bom para accorder nas trovoadas, não acida demasiado; as crianças sempre a atigar o brazido onde metteram castanhas. Pouco depois, n'um lago de a-eite, boiam os bolos de bacalhau, os de geram, e as indispensaveis rabanadas.

Os grandes pratos das occasiões solemnes, tirados com grandeza do tocoiro, recebem os fritos, separados por camadas de assucar e canela. Já um dos moçoetes tinha ido abrir o pipo de vinho, o unico destinado á familia para todo o anno, pois sendo apenas remedidos, tiveram de vender o resto do assucar e canela. Era quasi uma parte do culto religioso, n'esta noite gloriosa. Era quasi uma parte do culto religioso, da grande festa que se ia celebrar. O menuo Deus que d'ahi a pouco appareceria, sobre unhas palhinhas bafejado pelo boi

generoso, merecia que o recebessem com o contentamento na alma e o riso de cordalidade nos labios. Ceiam alli mesmo na cozinha, em face do soberbo lume, cujas chamas a chaminé engole. Põe-se a comi da sobre a toalha tecida pela mão da Rosa, a filha mais velha. Os grandes pratos, as infusas de vinho, os molletes collocam-se ostentosamente deante de todos e toca a comer a cada um servindo-se de onde quer, armado como está de um valente garfo de ferro, reforçado como um tridente.

Nas casas ricas, que de longe se distinguem pelo ar pretencioso de palacios, ha menos alegria, pois que a abundancia para elles é o seu ordinario. As creanças, essas sim, arribentam do contentamento, por se deitarem tarde e por terem de assistir ás pulhas que os creados fazem entre si e aos vizinhos, pregando no chão da greja o capote de uma, osendo do as saias das que ficam proximas na missa. Isto depois dá grande alarido e risota, quando se querem levantar, quando se vão a separar. Já com antecedencia se falava, todos queriam presenciar o que poderia acontecer.

Na grande cozinha da casa rica, as creadas acompanhadas das meninas e da senhora é que organisam a ceia. Uma grandeza de sbarrotar. Numerosas cestas de ovos, que se quebram com magnificencia, para alguidares largos como lagretas.

Depois de bem batidos misturam-se esses ovos ao bacalhau desfiado, á polpa do girimo, ao arroz cozido e ás tripas das cirgalhotas, que, tirada a espinha, andaram previamente a córar, para lhes desaparecer o posto enredalhado.

Todas essas grandes massas, que se alastram nas gamelas em alguidares, em breve principiam em fórma de pequenos bolos a nadar em mares de azeite, nos tachos amplos e reluzentes como os dos conventos.

Em volta da lazeira, as criadas, cada uma dedicada á sua tarefa, acatoliam os restos esbaraçados, que as arrogantes chamavam lies vem lambor. A mais nova das filhas da casa, a Joanninha, dedica-se aos mexidos, que faz na perfeição. A Carlota, uma dozeira com a idade dos pedregos,

O abbade, que ha tres familias, e o morgado, que ha duas, fazem das rabanadas d'aquelle casa uma iguaria de fama a ponto de mandarem pedir a receita de longe. Para começo circumstanciaes já uma semana antes alguns pães grandes de pataco, com a recommendação de que a farinha passasse tres vezes na peneira mais fina.

Cortava as fatias com grande solemnidade, servindo-se do trincheira bem amolado. Dava-lhes uma passagem na chaminé brilhante da grande fogueira, para assim as purificar melhor.

Enterrecia-as, abeberando-as em leite aromatizado com canella, conservando-as alli alguns minutos, para depois de enxutas, de muito bem enxutas, as envolver, passar e repassar em ovos frescos, valentemente batidos por seu marido, um barbudo, especialmente destinado a tal mister, n'esta milagrosa noite de poesia popular. Com tal homem e com tal devoto, meu D. Francisca, nem o mundo inteiro poderia duvidar da perfeita confusão em que ficavam essas claras com as respectivas gemmas.

Ha grande movimento e azafama! Gesticula-se, fala-se, maula-se; criados entram e saem, dando pontapés nos lambos dos perdigueiros, que tudo aboccam.

Entra o abbade com o morgado, e principiam de galhofa tambem a querer ajudar. As meninas mantiam-nos para a casa da ceia com o pai. Na comprida mesa são elles mesmos que extendem a fresca toalha de Guimarães. Vem depois as grandes travessas com ambricões de bolos, de rabanadas, de mexidos, os pudings, o arroz de polco. Come se até se lhe chegar com o dedo, n'uma algazarra ruidosa, já por conta da alegria que haverá, quando nascer o Redemptor do Mundo. Não se usa caldo n'esta ceia, mas vêm no fim, por causa do frio, as grandes malgas de vinho quente com mel, fumegantes, espalhando um cheiro silvestre.

Mex lá toca o sino pela primeira vez, e todos abalam, a fidalga e seu marido, o abbade, de bengala ao hombro, as meninas e o morgado, os criados, os moços e os cães. Vão para a missa do gallo, na qual o mesmo sacerdote que alli vaé todo galhofeiro, cantará com a sua voz estrotoiosa.

O povo enche os caminhos, a igreja está illuminada, o sino continua a repicar, e d'ahi a pouco o menuo Deus vaé nascer. Será uma alegria em toda a christandade, a humanidade será de novo redimida. Amen.

Libra, dezembro.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

9. RAIPON

Gillot Jr

ALPHONSE DAUDET

Lá se vae mais um!

Dir-se-hia que era nosso, este sonhador e idealista, tão grande a impressão que a sua morte causou aos leitores portuguezes da moderna litteratura franceza.

Disseram uns: Não era positivamente um genio... Outros disseram: Não era um talento extraordinario.

Eu digo simplesmente: Era um grande escriptor. Meridional, nascido ao bello sol da Provença, elle cantou a alegria; e pelas paginas que escreveu escorre sempre uma ironia scintillante e leve, como n'essa grande epopeia do *Tartarin*, a que alguém chamou o *D. Quixote* moderno.

Todas as figuras que traçou nas suas obras são tão justas, tão photographadas, direi, que a gente as encontra por ahí a cada passo. E' o Delobelle, do *Fromont*, o velho actor incomprehendido, passeiando a sua nostalgia da ribalta pelos cafés frequentados por camaradas na penuria e arrastando uma vida de intimas torturas. E' essa genial criação do *Nababo*, o *parvenu* enriquecido á custa de tropelias e negocios escuros e a par d'elle, essa figura honesta de Joyeuse, sempre na lua, sonhando confortos e riquezas, roceiado de uma gralhada de meninas, com um lar suave, um recanto de luz em tanta coisa negra. E' esse typo de João na *Sapho*, e essa mesma *Sapho*, creatura moderna, com todas as complicações e requintes de uma civilização deploravel.

E tantos outros!

Ninguem como elle soube accentuar tão bem os personagens, dar-lhes vida, fazel-os mover dentro dos seus quadros, dizendo a tempo o que tem a dizer, melancolicos uns, cheios de prosapia outros, balôfos e insignificantes como esse duque de Mora (duque de Morny), o primeiro ministro do segundo Imperio. Isto n'uma prosa clara e rendilhada, com effeitos surprehendedentes, cantante e fresca, como se o pobre grande escriptor a escrevesse sempre em cima de molhos de rosas, no perfume embriagador dos campos.

Tenho deante de mim o seu retrato e vejo na sua bella cabeça e no seu calmo rosto de linhas tão suaves toda a bondade que dizem elle tinha, o amor ás coisas simples, ás alegrias da casa, sahindo pouco e vivendo para os seus, n'uma doce religião de familia; comprehendendo assim a lancinante dôr de sua mulher, chorando sobre o seu cadaver, n'uma grande desolação de abandonada, vendo para sempre frio o querido espirito que só revive agora nas obras que deixou.

Como deve ser torturante esse abandono! E nada resta já que o compense!

Do livro *Souvenirs d'un homme de lettres* recortamos um pequeno extrato do curioso capitulo do seu inicio na vida litteraria:

... Entretanto, tendo acabado um pequeno volume de poesias, comecei a peregrinação aos editores; bati á porta de Michel-Lévy, de Hachette; onde não iria eu? Entrei em todas as grandes livrarias, vastas como cathedraes, onde as minhas botas rangiam terrivelmente e faziam um barulho medonho apezar dos tapetes. Empregados com ares burocraticos examinavam me com um ar importante e frio.

— Desejava fallar ao sr. Lévy... por causa de uma obra.

— Queira dizer-me o seu nome.

E dito esse nome, o empregado, methodicamente, approximava os labios de um dos orificios do porta-voz; depois, applicando o ouvido ao outro:

— O sr. Lévy não está.

O sr. Lévy nunca estava, nem o sr. Hachette; ninguem estava, sempre graças áquelle insolente porta-voz.

... Uma noite, no emtanto, tive uma grande noticia e uma grande alegria! O *Espectador*, um jornal legitimista, accetava pôr os meus talentos á prova na qualidade de chronista. Facil é de imaginar com que amor, com que cuidado, eu escrevi a minha primeira chronica; até com a preocupação calligraphica do trabalho! Levo-a á redacção, lêem-a, agrada, mandam-a para a typographia. Espero, quasi sem respirar, o apparecimento do numero. Ora adeus! Paris está em sobresalto. Italianos atiraram sobre o Imperador.

Estamos em pleno terror, perseguem-se os jornaes, supprimiram o *Espectador*! A bomba d'Orsini tinha fulminado a minha chronica.

Não me matei, mas pensei no suicidio.

E entretanto o céo compadecia-se de mim. O editor que eu tinha procurado em vão, appareceu de repente, o livreiro Tardieu, na rua de Tournon, á minha porta. Era tambem homem de letras, e algumas das suas obras tinham tido exito: *Mignon*, *Par un alfinete*, composições de ordem sentimental, escriptas com uma tinta côr de rosa. Conheci-o por acaso, uma bella tarde, que flanava perto do nosso hotel, e que elle se tinha vindo sentar á porta da sua loja. Foi elle que editou as minhas *Amoureuuses*.

O titulo attrahia, bem como o exterior elegante do volume. Alguns jornaes fallaram da minha obra e de mim. A minha timidez evaporou-se. Ia ousadamente ás galerias do Odeon vêr como ia a venda do meu livro... e atrevi-me mesmo, ao fim de alguns dias, a dirigir a palavra a Jules Vallès! Tinha apparecido.

J. S.

ALPHONSE DAUDET.

ENFERMEIRA

Deus te abençoê, linda enfermeira!
E a Virgem santa das sete dôres
No teu caminho, florida esteira,
Esfolhe graças e esfolhe amores!...

Enfermo um dia, quem me pudêra
Ouvir-te os passos ao pé de mim!
Transformarias em primavera
Os velhos cedros do meu jardim...

Melancolias! Visões da cova!
Eilas cantando, noivando ao luar,
Se tu quizesse, amada e nova,
Dar-lhes o lume do teu olhar.

Linda enfermeira, santa creanca,
Na trança d'ouro que assim flameja
Trazes um disco feito de esperança,
Como o das santas da minha igreja!

E a mim que um dia, numa voragem,
Vi todo o encanto das illusões,
Sara-me a alma, candida imagem,
Linda enfermeira dos corações!...

Deus, ao crear-te toda innocencia,
Poz uma estrella na escuridão...
E' como os sonhos da adolescencia,
Trazes milagres no coração.

Dos velhos contos que me contaram
Lembras as fadas dos sonhos meus;
Guardas éffluvios que tudo saram
N'esses teus olhos, nos labios teus!

Mortos de sêde, se tu quizesse
Dar-lhes a vida chamada em vão,
Tanto bastava que lhes trouxesse
Um trago d'agoa na tua mão...

Como nas velhas lendas piedosas,
As proprias chagas, profundas dôres,
Converterias, sorrindo, em rosas,
E anjos cantavam os teus louvores!...

JULIO BRANDÃO.



A TUA MÃO

Não a escondas n'esse guante
Que te chega ao cotovello:
Deixa ver esse modêlo:
Um jaspe, fina, elegante.

Que brancura deslumbrante!
Clarão que nos cêga ao vel-o,
Que desfaz, derrete o gêlo
De um coração vacillante.

Nego, e nego persistente
Que venha da bioplasma,
Do barro de toda a gente!

Quem na vê, absorto, pasma;
Eu, de a ver, ando doente;
De joelhos peço: dás-m'a?

2-XII-97,

JOÃO PENHA.

A TENTAÇÃO



○ N A T A L

O Natal! E' como se uma rescendencia de arvore nos-afagasse na passagem... Vamos pelo tempo adeante rolando este penedo aspero e pesadissimo da vida, mas, ao longe, uma dôce caricia ineffavel, beijos de mãe, infancia, alegrias divinas, vem piedosamente á nossa alma atribulada, á nossa alma que então repouza, e sonha, n'essa piedade saudosa... E' o Natal, que mais uma vez topámos na dura caminhada. Passámos por elle, veiu a nós, saltitante e foliando, como a nossa mesma infan-

cia, que um dia aqui deixámos e que hoje, ao nosso regresso, nos reconhece ainda, — nós já tão mudados do que fomos, cabellos brancos, alma desolada, ella sempre pequenina e em risos, — a nossa infancia, que hoje mais do que nunca nos reconhece, porque não ha memoria tão viva como a saudade, nem ha velhice, que mais remoce, do que a velhice que se lembra...

(Inedito)

LUIZ BOTELHO.



O Natal do Pobresinho

I

ERA na noite de 24 de Dezembro.

O tempo estava frio, e a lua erguia-se preguiçosa no firmamento constellado de estrellas que envergonhadas iam perdendo o brilho diante do astro da noite.

Os seus raios azulados extendiam se pelas planicies e montes, dando á pequena aldeia, envolta n um leve manto de neve, um aspecto phantastico e theatral.

O silencio da noite só era interrompido, ás vezes, pelos uivos longinquos do esfaimado lobo procurando preza e pelo latir dos fieis e sempre vigilantes cães de guarda.

Mas quem áquella hora passasse por entre as casas, ouviria escoadas pelas janellas ou portas mal fechadas, os sons plangentes das guitarras, acompanhando cantigas á desgarrada, ou o monotono harmonium incitando dois camponezes que dansavam o fandango ao desafio, e tudo intercalado pelas estridentes gargalhadas das raparigas e rapazes, a quem a alegria da mocidade corre veloz pelas veias.

Porém Deus não distribuiu no mundo igualmente a felicidade.

N um recanto da aldeia, separada de todas as outras, havia uma pequena casa de apparencia muito pobre.

Por entre as fendas mal unidas da porta, filtrava-se um clarão, projectando-se na sombra da choupana.

Assentada n uma cadeira de pinho, junto do lar, onde ardiam algumas achas, estava uma mulher, que teria uns 35 annos, posto que mais aparentasse.

Deveria ter sido formosa quando moça, mas o soffrimento e a doença a envelheceram depressa. Era alta, magra, de olhos encovados, nariz afilado; seus bellos e ondeados cabellos pretos estavam meio encanecidos, e o clarão do luar augmentava lhe a pallidez mortal da tísica, e dava-lhe um aspecto ao mesmo tempo lugubre e venerando. Vestia de preto, e appoiava a fronte n um dos braços descansado sobre uma velha mesa de pinho.

Uma enxerga e uma arca meio desconjunctada completavam a mobilia de tão pobre casebre.

— Mãesinha, dizia um pequenito de 7 annos, loiro, de olhos vivos e intelligentes que tinha junto de si, leva-me hoje á missa do gallo? Deve ser uma coisa muito bonita. Nunca vi.

A infeliz era viuva. Seu marido, honrado trabalhador, morrera havia um anno, n um desabamento d um muro. Deixara-lhe como herança o seu honrado nome, e o pequenito Alberto, em que se resumia todo o affecto de ambos.

— Não posso, meu filho, disse a viuva acompanhando as suas palavras d uma tosse fraca e secca, característica da tísica; mas como já és um homensinho e a igreja não fica muito longe, dou-te licença que vás só. Volta logo que acabar a missa.

— A mãesinha anda muito constipada. Ha muito tempo que anda com tosse. Porque não toma tambem o que

me deu quando andava constipado? Fez-me tão bem! Vê que já não tusso.

E fazia esforço para tossir.

— Isto ha de me passar, e talvez brevemente.

O pequenito, não percebendo o sentido d estas palavras, continuou:

— São muito bonitas as festas ao Menino Jesus?

— Tu logo verás. Mas não teem comparação alguma com as que se fazem hoje lá no ceu.

— Oh! como eu gostava de as ver! O menino Jesus é assim tão bonito como o que está na igreja?

— Não se pôde comparar, filho. O que está no ceu é muito mais lindo. Tem lá...

Um violento ataque de tosse interrompeu-a. Levou o lenço á bocca, e dobrou-o depressa, para o pequenito não vêr, pois vinha tinto de sangue. Depois continuou:

— Tem lá muitos anjos, que estão sempre a cantar-lhe canticos lindos.

— Como gostava de vêr isso, mãesinha!

— Mas é preciso que sejas muito bom rapaz, amigo d'Elle, que lhe rezes, que nunca faças maldades, e muito obediente a tua mãe.

— Hei-de pedir-lhe muito hoje que me mostre estas festas no ceu, ao pé da mãesinha e de meu paesinho.

Como unica resposta, a viuva sorriu tristemente, e com as suas mãos tremulas e febris apertou-o contra si, beijando-o na loira cabecinha que lhe inundou de lagrimas.

Os dois sinos da pequena igreja começaram a repicar alegremente, annunciando a todos que estava proxima a hora em que o Salvador veio ao mundo, e convidando-os a irem assistir á celebração do seu Nascimento.

Albertinho arranjou-se n um instante. Levava o seu fato domingueiro, e botinhas que tambem só aos domingos serviam. Em dez minutos estava prompto.

Vestiu o seu casacão com que ia todos os dias á escola, e pegou n um barrete de pelles, seu companheiro inseparavel de verão e de inverno.

Quando se despediu da mãe esta tornou-o a apertar muito contra si, chorando e soluçando.

Tinha o presentimento que era a ultima vez que o via.

— Se a mãesinha não quer que vá, eu fico. Não gosto de a ver chorar.

E as lagrimas vieram-lhe aos olhos.

— Não, meu filho. Eu mesma quero que vás. Pede por mim. Cá fico á tua espera.

Alberto dirigiu-se para a porta e abriu-a.

— Abafa-te bem ao sahires da igreja. Não te constipes.

— Não, mãesinha; tomarei cuidado, disse elle já na rua.

II

A pobre mulher achando-se só começou a soluçar. A terrivel doença tinha-lhe minado a existencia, e sentia proximo o fim do seu penar.

A idéa da morte não a aterrava, pois como filha, esposa e mãe, tinha cumprido os seus deveres, e podia sem temor olhar para o caminho que trilhara. Mas a de deixar só no mundo entregue aos seus reveses e caprichos a metade de sua alma, o seu querido Albertinho, fazia-lhe arrancar aquellas lagrimas do coração de mãe.

Já não tinha parentes. Os vizinhos desprezavam-na, pois nunca tomava parte nas suas conversas em que se patenteavam as vidas alheias, e se forjavam escandalos, e como tal a alcunhavam de soberba. E que tal não fosse, o que vale a amizade de visinhos!

Se Alberto tivesse mais idade, já poderia tratar da vida, mas tão novo ver-se-hia forçado a mendigar, depois o horror ao trabalho, e depois e depois... a ser talvez criminoso!

Estes pensamentos passavam-lhe pelo febril espirito, e arrancavam-lhe horas de existencia.

— Meu Deus, exclamou ella no auge da angustia, se tenho que morrer tão cedo antes que o possa ver homem, leve-o tambem, commigo, e acabarei meus dias contente.

E cahiu de joelhos deante d'uma imagem de Jesus predeada na parede á cabeceira de sua enxerga. Uma candeia de barro a alumiaava e ao lugubre casebre.

A sua prece era fervorosa pois as lagrimas a acompanhavam.

No religio da torre deu vagarosamente meia noite.

Era a hora em que o Salvador veiu ao mundo!

Contemplava com os olhos fitos a imagem que lhe parecia sorrir.

De repente as forças faltaram-lhe. Murmurou um nome que só Deus ouviu. Fez um esforço para respirar, uma golfada de sangue lhe cortou a respiração, e cahiu inanimada sobre o sobrado.

III

Emquanto esta curta tragedia se passava na humilde choupana, Alberto caminhava para a igreja, com as mãos nos bolsos, gola do casacão levantada, e o seu barrete de pelles enterrado até ás orelhas.

Pelo caminho ia formando na sua imaginação mil idéas do que ia ver, quando lhe appareceu deante de si a pequena igreja, jorrando pelas janellas ogivaes torrentes de luz que iam morrer no clarão da lua que inundava tudo.

Instinctivamente ajoelhou-se e benzeu-se, ficando passado para a profusão de flores e lumes que ornavam o altar.

No lado da epistola, sobre uma meza coberta com um panno de damasco vermelho, estava armado um pequeno presepio.

Algumas pessoas de joelhos, rezando, e outras em pé admirando o, estavam em volta d'elle.

Passado o primeiro momento de admiração, o pequenito levantou-se, e com as mãos atraz das costas, foi se aproximando timidamente.

Oh! Como para elle era aquillo encantador.

No sopé d'uma pequena collina feita de musgo, abria-se uma gruta, onde o menino Deus estava reclinado n'umas palhinhas, tendo junto de si N. Senhora e S. José de joelhos.

A mula e o boi aqueciam-no com o seu bafo.

Pelos atalhos que serpenteavam a collina, vinham descedendo os pastores a quem um Anjo avisára do nascimento do Salvador, e os tres Reis Magos guiados por uma descommunal estrella de papelão doirado preza ás nuvens de algodão formando o fundo, vinham seguidos de numeroso sequito, offerecer-lhe oiro, incenso e myrrha.

Com os seus olhares devorava tudo o que via, e admirava-se como o Menino Jesus, nú como estava sobre as palhas, podia supportar tanto frio, pois elle com o seu casacão ainda o sentia.

A missa começou. O velho reitor, com os seus brancos cabellos cahindo-lhe no pescoço, e com o seu aspecto venerando, parecia um d'esses sacerdotes dos tempos primitivos da Igreja, que no silencio das catacumbas celebravam os divinos mysterios.

Ditas as tres missas, e feita uma pequena allocução mesmo do altar, o povo começou a retirar-se.

No alpendre faziam-se as despedidas dos que moravam em povoações proximas.

Porém a igreja não ficou de todo deserta.

Junto ao presepio, de mãosinhas postas, estava ainda Alberto a orar, quando sentiu alguém que lhe batia no hombro. Olhou. Era o sacristão que de apagador na mão e chaves na outra vinha apagar as vellas do presepio e fechar a igreja.

— Oh garotinho! Não tens somno? Toca a andar.

Alberto olhou pasmado para elle, deu um olhar de despedida sobre o presepio, e foi adiante do sacristão.

Este fechou a velha porta de carvalho, e, enterrando bem o barrete até ás orelhas, encaminhou-se para casa do cura.

O frio era intenso. A neve começava a cahir novamente, e sobre o seu manto branco viam-se uns pontos negros movediços. Eram os fieis que recolhiam a suas casas.

Esquecendo-se da recommendação da pobre mãe, Alberto começou a chorar deante d'aquella porta fechada, como se fóra a do paraíso.

Tentou olhar para dentro. O buraco da fechadura ficava-lhe muito alto, quando, oh! satisfação, encontrou um, por onde, deitado no limiar da porta, podia ver o interior da igreja.

Os raios baços da lua entrando por uma janella lateral, e uma lampada que ardia deante do sacrario, allumiavam mal o pequeno presepio. Mas que lhe importava! tinha-o tão bem na sua idéa como se o estivesse vendo com todas aquellas características figurinhas de barro.

O frio ia lhe invadindo, sem que elle, no seu entusiasmo o sentisse, os delicados membros.

A velha torre deu uma, duas, tres horas sem que elle mudasse de posição.

IV

Na manhã seguinte quando o sacristão veiu abrir a igreja á veneração dos fieis, encontrou um pequenito extendido junto da porta. Levantou-o e reconheceu n'elle o garotinho da vespera.

Tinha as mãos e cara roxas, e não dava accordo de si. Embrulhou-o no seu capote e correu a casa do reitor.

Alli prodigalisaram-lhe mil cuidados.

Deitaram-no n'uma cama aquecida e esfregaram-lhe todo o corpo com aguardente.

Depois de muito tempo, abriu finalmente os olhinhos, e disse com voz angelica:

— Oh! mãesinha, como estás bonita! Já não tosses.

— Queres que vá chamar tua mãe? disse o cura, julgando que no delirio da febre se lembrara d'ella.

— Não a vê aqui com o menino Jesus e o paesinho? Deixe-me dormir. Estava tão bem!

Fechou as pequenas palpebras, e com um sorriso nos labios adormeceu, mas... para sempre.

Correu o bom do cura á casa da mãe, para lhe annunciar o occorrido, mas, ao abrir a porta, recuou com espanto. A desgraçada estava extendida no chão, com os olhos abertos e envidraçados de lagrimas. Um ligeiro fio de sangue lhe assomava aos labios, e as mãos estavam unidas, como quando rezava.

A imagem de Jesus, com um sorriso nos labios, contemplava esta scena. Estaria escarnecendo?

Não. Ouvira a prece da mãe.

V

No dia seguinte os sinos que, havia pouco tempo, tinham repicado alegremente, festejando o nascimento do Salvador, choravam agora a morte d'aquelles dois entes que foram gosar no ceu as festas do Natal.

O pobre cemiterio da aldeia recebeu mais dois corpos. Uma cruz preta, que a neve não tardou em branquear, indicava a sepultura commum onde foram enterrados.



OS ANIMAES SABIOS



A LIÇÃO



A HORA DO RECREIO NA ESCOLA

SPORT

O parque do Campo Grande continúa sendo o local escolhido para rendez vous dos nossos *sportsmans*. Os cavalleiros, as gentis amazonas os velocipedistas no numero dos quaes se estão vendo muitas senhoras, tudo alli concorre n'uma promiscuidade encantadora dando ao bello parque uma nota alegre e communicativa.

A concorrência n'estes ultimos dias sanctificados tem sido muito numerosa e ainda no passado domingo o *sport* alli esteve dignamente representado, comparecendo Suas Magestades El-Rei e a Rainha, e Suas Altezas o Principe Real e Infante D. Affonso.

*

Está definitivamente resolvido que se realice o *match* proposto pelo corredor velocipedico José Bento Pessôa, nosso compatriota, ao corredor suizo Théo Champion, um dos mais valentes cyclistas. O *match* deve ter lugar n'um velodromo de Genova e o premio estabelecido é de 1:000 francos em ouro. As condições propostas por José Bento — corrida contra chronometro, cada um por sua vez — parece que foram accites.

O nosso compatriota, que é, innegavelmente, um grande corredor, acaba de fixar residencia em Paris, onde vae correr de futuro na celebre machina Peugeot.

Contiuamos na expectativa de mais um successo alcançado por José Bento Pessôa, a quem os jornaes francezes, occupando se d'este desafio, tecem os mais rasgados elogios, reconhecendo-lhe as superiores qualidades de corredor cyclista.

*

Realizou-se em New-York uma corrida de bicyclettes que durou seis dias e na qual tomaram parte mais de 40

corredores. A corrida teve começo na segunda feira e terminou no sabbado. Dos 40 e tantos corredores inscriptos e que fizeram a sahida uma grande parte desistiu. Até final sustentaram-se valentemente *Miller, Rice, Rivierre, Stéphane, Hale*, etc.

Na sexta feira á tarde *Miller, Rice* e *Rivierre*, tendo tomado a vanguarda aos demais corredores, estavam sustentando uma marcha violentissima, quando *Rice* foi atacado repentinamente d'um accesso de delirio. Recolhido á *cabine*, onde foi soccorrido, chegou a inspirar sérios cuidados. Entretanto *Rivierre*, que de todos os corredores era o que apparentava maior serenidade, occupava o segundo lugar, aproximando se de *Miller* e alcançando-o por fim. Dos milhares de pessoas que assistiam a este certamen monstro partiam exclamações de alegria que incitavam os corredores, sendo a opinião geral a favor de *Rivierre*. Foi n'este momento, quasi final da corrida, que *Rivierre* cahiu, avançando *Miller* que chegou em primeiro lugar, sendo elle o vencedor.

A corrida assumiu por vezes as proporções de um verdadeiro récord, desistindo por isso bastantes corredores logo no começo da corrida.

*

O Real Gymnasio Club Portuguez promoveu na terça feira ultima, no Colyseu dos Recrios, uma festa de *sport*. O espectáculo, muito variado, compunha-se de exercicios de gymnastica, equitação, esgrima, athletica, velocipedia, tiro, etc., e foi desempenhado pelos socios do mesmo Club.

A família real, como sempre succede nas festas d'este Club, assistiu ao espectáculo que esteve immensamente concorrido, sendo applaudidissimos todos os amadores.

A MULHER DO JARDINEIRO

Concluido do numero anterior



5



6



7



8

COISAS ALEGRES

O sr. X... era natural de Palermo, salvo erro, mas estabelecido ha annos em Lisboa, é um dos mais tenazes, dos mais incorrigiveis assignantes de S. Carlos, onde não consta que faltasse, nem por temporaes, nem por amuações de primas-donas, nem por extravasamento de gaz na sala... emfim, não faltava nunca. Era como o ponto e o contra-regra.

Certo dia morreu-lhe a esposa. De tarde levaram-a n'uma sege para o cemiterio. A' noitinha o viuvo inconsolavel sahiu. Um amigo que o encontra, corre para elle, e sabendo já da catástrophe, assusta-se com a idéa que tão intempestiva sahida leve intuito sinistro. Lembrou-lhe a muralha de S. Pedro d'Alcantara.

Aperta lhe a mão, e pergunta-lhe com ar consternado: — Aonde vae?

O desgraçado, respondendo áquelle aperto de mão com outro ainda mais delirante exclama entre soluços e lavado em verdadeiras lagrimas:

— Ao theatro de S. Carlos.

— Ao theatro! hoje!! A madama ainda não chegou ao cemiterio, e o sr. vae para o theatro?!!

— Sim: Que quer!? Sou assignante.

*

Um distribuidor de periodicos, por nome Manuel Pinto, pobrissimo e com oito filhos, dizia n'um bilhete de boas festas, em prosa, pedindo aos assignantes se lembrassem d'elle.

Toda a minha fortuna consiste em oito pintos e em vespas de nove, mas nenhum cambista me daria por elles um vintem!...

*

Andava uma tarde el-rei D. Sebastião a correr lanças. Chegaram dois corredores a falar-lhe e disse lhes el-rei que corresse tambem. Interromperam os dois: — «Senhor, nós só corremos atraz dos ladrões!»

— «Sim»? replicou com indifferença o principe, continuando a correr: — «Pois então corram atraz um do outro!»

UM COLLECCIONADOR.

SECÇÃO RECREATIVA

FAZER TRÊS BOLAS DE SABÃO, UMAS DENTRO DAS OUTRAS

HA um certo numero de formulas para se fabricar um liquido com que se possam fazer bolas de sabão de grandes dimensões e que se não evaporem senão ao fim d'um certo tempo.

Este liquido pôde, de resto, comprar-se já feito. Quanto ao instrumento necessario para a feitura das bolas empregaremos um tubo estreitinho de cobre que serve para fazer as bolas pequenas.

Se collocarmos na extremidade uma rolha de cortiça, com um buraco, as bolas pôdem ser grandes, porque têm a base da rolha como superficie de amparo; uma rolha chata de frasco de mostarda permittir-nos-ha fazel-as ainda mais bonitas. Para as bolas de grandes dimensões tome-se uma corneta de creança, como a indicada na gravura. Com ellas pôdem fazer-se bolas de 30 centimetros de diametro e contendo, por consequente, mais de treze litros de ar.

Se não mencionamos o cachimbo de barro é porque é muito fragil, e sendo a secção do conducto fraca, a feitura d'uma bola um pouco grande é muitissimo vagarosa.

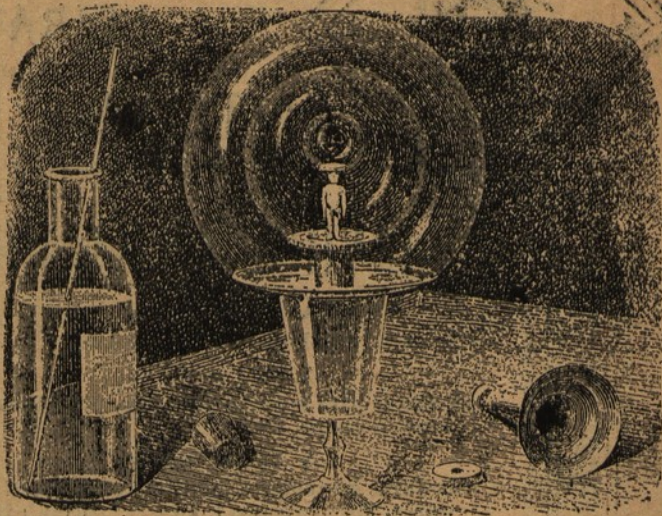
Estas observações applicam-se não só a esta experiencia mas ainda a outras sobre bolas de sabão.

Eis como se procede para a feitura das *tres bolas metidas umas dentro das outras*:

Verta-se um pouco de liquido saponaceo n'um pires, no meio do qual se collocará, em pé, uma rolha vulgar. Tome-se, então, uma bonequinha de porcelana como as que servem para enfeitar o bolo rei; colloque-se tambem, entre a rolha e a boneca, uma moeda de 20 réis, na qual se collarão os pés da boneca com um bocadinho de lacre; com um pingo d'esse lacre pegue-se-lhe á cabeça uma rodinha de cartão de 1 centimetro de diametro.

Feito isto, ponha-se sobre a rolha a moeda que leva a bonequinha, depois de molhadas bem com o liquido as bordas do pires, a rolha, a moeda, a boneca e a rodinha que tem na cabeça. Colloque-se o pires sobre um calice para que os circumstantes vejam melhor a experiencia.

Molhe-se bem, no liquido do pires, o pavilhão da corneta, depois levando esta acima da bonequinha, pondo o tubo da corneta a prumo, faça-se a primeira bola, que não reberntará ao contacto dos objectos postos no pi-



res, visto estarem molhados pelo mesmo liquido com que estas se fazem, e descerá até á moeda de 20 réis, depois desde ahí até ao pires onde parará. Cesse-se de soprar logo que ella tenha attingido 15 a 20 centimetros de diametro. Eis a primeira bola, a bola exterior. Tome-se, agora, o tubo de cobre, molhe-se no liquido do frasco, de fórma a molhá-lo quasi por completo, e introduza-se atrevidamente a extremidade na bola, que não reberntará.

Pegue-se no liquido que o pires contém e faça-se a segunda bola na cabeça da boneca e suspenda-se só quando tiver alcançado o circulo da moeda, e quando attingir 8 centimetros, approximadamente, de diametro. A bonequinha apparecerá assim mettida em uma dupla redoma de vidro. Tire-se devagárinha o tubo, molhe-se novamente no frasco, atravessé-se com a extremidade as duas bolas já feitas e faça-se uma bolinha de 2 a 3 centimetros, que deve ficar sobre a rodinha, se o tubo estiver bem a prumo. A feitura d'esta terceira é um pouco mais delicada; dedicamos a experiencia aos amadores; todas as pessoas, porém, conseguirão fazer as duas primeiras bolas.

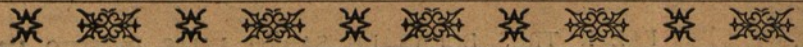
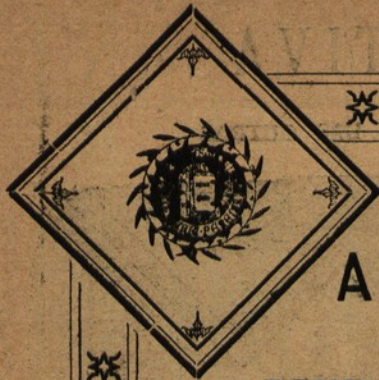
Branco e Negro

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 50 réis

ASSIGNATURAS (pagas adeantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	650 réis	1200 réis	2200 réis
Africa Portuguesa.....	800 "	1600 "	3200 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	7 fr.	14 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1200 réis	2400 réis	4800 réis



LIVRARIA EDITORA

DE

ANTONIO MARIA PEREIRA

Premiada com medalha d'ouro na Exposição do Porto em 1897

LIVROS PARA BRINDES

Com encadernações espeziaes de percaline

A 200 réis

* Leituras populares, de Brito Aranha, 1 vol.

A 240 réis

* Leituras para a escola primaria, por Augusto José da Cunha, 1 vol.

A 360 réis

* Leituras correntes e intuitivas e 1.^a lições de coisas, por Travassos Lopes, (1.^a parte), 1 vol.
* Contos da avósinha, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 400 réis

* Historias de animaes, por Travassos Lopes, em 2 vol.

A 500 réis

* Velocipedia pratica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.
Contos de Trueba, trad. por Brito Aranha, 1 vol.

A 600 réis

Historia d'um palhaço, por Raul Brandão, 1 vol.
A Morgadinha de Val Flor, por P. Chagas, 1 vol.

A 700 réis

Azul e negro, contos de Affonso Botelho, 1 vol.
A rir e a serio, por Alberto Bramão, 1 vol.
A's mães e ás filhas, por Caiel, 1 vol.
Coração doente, romance de L. Cayolla, 1 vol.
A queimar cartuchos, por Silva Pinto, 1 vol.
Portugal moderno, pelo Conselheiro A. de Serpa Pimentel, 1 vol.
A Guerrilha de Fr. Simão, por Alberto Pimentel, 1 vol.
Serões de historia, pelo Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.
Santos portuguezes, por Silva Pinto, 1 vol.
Eiso amarello, por Silva Pinto, 1 vol.
Philosophia de J. Braz, por Silva Pinto, 1 vol.
N'este valle de lagrimas, por Silva Pinto, 1 vol.
Hygiene das familias, pelo Dr. Lopes Vieira, 1 vol.
Hygiene da alma, por Feuchtersleben, 1 vol.
Peló mundo fóra, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.
Tragedias da vida, romance de João Salgado, 1 vol.
Os noivos, romance de Teixeira de Queiroz, 2 vol.

A 800 réis

Convicções, pelo Conselheiro H. de Barros Gomes, 1 vol.
Amores, amores, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.
Morte de D. Agostinho, romance de Teixeira de Queiroz, 1 vol.
O Livro do Monte, pcesias de Bulhão Pato, 1 vol.
* Viagem a um paiz de selvagens, por O. Leal, 1 vol.
Diccionario de moedas, pesos, medidas e mais informações commerciaes de todos os paizes do mundo, por J. N. Raposo Botelho, 1 vol.

Os preços são por volume. As obras com o signal * são illustradas.

* Litteratura Brasileira, estudo critico, seguido d'uma abundante collecção de prosas e versos dos mais notaveis escriptores brasileiros contemporaneos, por Valentim Magalhães, 1 vol.
A alma lyrica, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.
Poemas portuguezes, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.
Neblinas, poesias de Luiz Osorio, 1 vol.
Moral para todos, por A. Franck, trad. 1 vol.
Esparsas, poesias do Dr. A. X. Rodrigues Cordeiro, 2 vol.

A 950 réis

O Grande Circo, por Gervasio Lobato, 1 vol.
Os Simples, por Guerra Junqueiro, 1 vol.
A Musa em férias, por Guerra Junqueiro, 1 vol.
* A filha do João do Outeiro, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$000 réis

Um motim ha cem annos, romance de Arnaldo Gama, 1 vol.
* Manual de esgrima, por A. D. Pinto Martins, 1 vol.
* Manual de gymnastica, por D. Miguel d'Alarcão, 1 vol.

A 1\$100 réis

A morte de D. João, por Guerra Junqueiro, 1 vol.
* Arvorêdos, contos de Teixeira de Queiroz, 1 vol.

A 1\$250 réis

Madame Renan, romance de Caiel, 1 vol.

A 1\$300 réis

Discursos de Alves Mendes, 1 vol.

A 1\$400 réis

Arte de viver na sociedade, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol.

A 2\$000 réis

* A chave da sciencia, por Brewer e Moigno, traduzida e muito ampliada em portuguez, por J. Q. Travassos Lopes, 1 vol.

A 3\$200 réis

* Raphael, romance de Lamartine, trad. de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol., edição de grande luxo.
* Romance d'um rapaz pobre, de O. Feuillet, trad. de Camillo Castello Branco, 1 vol., edição de grande luxo.

A 3\$600 réis

* O doutor Rameau, de J. Ohnet, trad. de Pinheiro Chagas, 1 vol., edição de grande luxo.

A 6\$750 réis

* O Minho pittoresco, por José Augusto Vieira, 2 vol.